



HARLEQUIN®

TM

Special



Donna Alward
**UNIÃO DE
CORAÇÕES**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

O nascer do amor!

Alexis Grayson sabe como se cuidar... Sobrevivera assim! E continuaria sobrevivendo, mesmo grávida e sozinha. Mas Connor Madsen não a deixará desamparada. Alexis precisa de um lugar para morar até o nascimento do bebê. Connor está em busca de uma esposa temporária. Um casamento de conveniência seria a solução ideal para ambos! Contudo, quando Alexis passa a conhecer melhor o corajoso, honrado e sexy cowboy que havia se tornado seu marido, percebe que cometera o maior erro de sua vida! Afinal, tudo o que Alexis deseja é ser a esposa definitiva de Connor...



Donna Alward

UNIÃO DE CORAÇÕES

Tradução
Simão Dias



2015

CAPÍTULO 1

— SENHORITA? ACORDE. Está me ouvindo?

Primeiro, Alex ouviu uma voz profunda e, pouco a pouco, começou a recuperar a visão.

– Oh, graças a Deus. Sente-se bem?

Confusa, Alex olhou para ver de onde vinha a voz. Esforçando-se para ajustar o foco da visão, deparou-se com os olhos castanhos mais bonitos que já havia visto. Eram impressionantes, escuros e com pontos dourados, grandes e rodeados de sobrancelhas espessas.

Disse para si mesma que os homens não deviam ter olhos tão bonitos, antes de perceber que o dono deles a segurava nos braços.

– Oh, céus!

O estranho a amparou por um braço e pelas costas para ajudá-la a levantar-se.

– Devagar. Você desmaiou.

De verdade? Não percebi. Estava inconsciente, pensou Alex em responder. Porém, conteve-se ao ver preocupação sincera no olhar daquele homem.

Ele se certificou de que Alex podia se manter em pé antes de soltá-la, mas, por via das dúvidas, achou melhor ficar ali perto, para o caso de ela ter uma recaída.

– Desculpe-me – disse ela, espalmando a calça e evitando encará-lo. Apesar de só tê-lo visto um segundo, conseguiu gravar sua imagem na mente. Não só aqueles olhos hipnotizantes, mas também o cabelo escuro, os lábios e a figura altiva vestida com um terno cinzento.

Um homem com aquela aparência não tinha lugar no seu mundo, pensou Alex, envergonhada, os olhos pregados no chão como se fosse algum tipo de punição eterna. Fixou o olhar nos sapatos dele... reluzentes, de couro castanho, sem nem resquício de pó ou terra. O calçado típico de um homem de negócios.

– Não precisa se desculpar. Tem certeza de que está bem?

Ela se agachou para apanhar a bolsa. Era a segunda vez que tentava: da primeira, sentiu o mundo girar a mil por hora, e sua visão nublou-se. Precisou apoiar-se no banco para não cair. Horrorizada, viu que havia entornado todo o suco de maçã, que escorria lentamente pelos vãos da calçada irregular. Apanhou a garrafa do chão e olhou ao redor, procurando uma cesta de lixo.

– Sim, estou bem – respondeu, finalmente elevando o olhar ao rosto de seu interlocutor. Surpreendeu-se ao vê-lo realmente preocupado. Ninguém se preocupava com ela havia muito tempo. E ali estava um estranho, cuja expressão facial confirmava a veracidade de seu sentimento. – Ainda não o agradei por ter me segurado.

– Você ficou branca como a neve.

Alex conferiu rapidamente o cenário ao seu redor. As pessoas que teriam testemunhado o acontecido já tinham ido embora, e o resto do mundo seguia seu curso normal; ninguém reparava neles. Ela era só mais um rosto dentre a multidão. Simples assim. Mas aquele homem... o desconhecido notou que ela não estava bem e havia se aproximado para ajudar.

– Eu estou bem. Obrigada pela sua ajuda. Só preciso me sentar por alguns minutos – disse ela, em tom de despedida.

Demonstrando compreensão, o estranho afastou-se para o lado, dando passagem a ela, e, quando Alex se sentou, repetiu o movimento.

– Precisa de um médico?

Alex riu. Claro que precisava. No entanto, um médico não podia curar o seu problema.

– Não.

Era uma resposta definitiva e, pela expressão que ele fez, ficou claro que havia entendido a mensagem. No entanto, sentiu-se culpada por ter sido tão brusca.

– Mas agradeço mais uma vez, senhor...

– Madsen. Connor Madsen – apresentou-se ele, estendendo a mão.

Ela o cumprimentou. Tinha um toque quente e firme, e um pouco áspero. Não eram mãos de um bancário, como havia pensado, mas de um trabalhador. Mãos sólidas.

– Alex – apresentou-se ela.

– Só Alex?

– Sim, só Alex.

O mês de junho despertava e fazia muito calor. Alex reparou como a sua camiseta de mangas compridas a asfixiava e se ajustava incomodamente aos seus seios. E por que diabos vestira calça comprida num dia como aquele? Temperaturas altas no início do verão não eram tão pouco comuns, e naquele momento, elas acentuavam a sua dor de cabeça e a sensação de enjoo.

Na verdade, havia escolhido aquele figurino por pura falta de opção. A bermuda ficava muito apertada e, pelo menos, com a calça, conseguia respirar.

Um silêncio pesado caiu entre eles e o mundo ameaçou brincar de carrossel novamente com Alex. Felizmente, tal sensação durou pouco, enquanto ela respirava lenta e profundamente.

– Pelo amor de Deus – murmurou ela.

Ele riu, com um som tão masculino que uma estranha sensação percorreu o estômago de Alex.

– Só Alex? Interessante. Os seus pais queriam um menino? – perguntou ele, buscando conseguir alguma intimidade.

– Certamente – respondeu Alex, sem conseguir acreditar que o desconhecido continuava ali. Afinal de contas, apenas havia desmaiado nos seus braços, sem provocá-lo nem incitá-lo de alguma forma. Por outro lado, aquele último comentário, embora educado, despertou nela uma antiga

tristeza em relação a tudo o que dizia respeito aos seus pais. – O meu nome completo é Alexis MacKenzie Grayson.

– É um nome muito comprido para alguém tão pequeno quanto você – assinalou ele, com um olhar quente.

– Alex por causa de Graham Bell, e MacKenzie por causa do primeiro-ministro, sabe? Planeja usá-lo no prontuário médico, caso eu volte a desmaiar?

Ele riu e balançou a cabeça.

– Está com uma aparência bem melhor agora. Mas derramou todo o suco. Quer que eu traga alguma coisa para você beber? – ofereceu-se, voltando o olhar para a loja diante da qual estavam sentados.

O estômago de Alex manifestou-se ao simples pensamento de uma bebida doce e fresca. Comprimiu os lábios.

– Está com fome? Há uma barraquinha de cachorro-quente um pouco mais abaixo.

Alex levantou-se, para apanhar um pouco de ar fresco e tirar da cabeça a imagem do gorduroso sanduíche. Mas seu movimento foi muito rápido; a pressão sanguínea caiu e a visão voltou a ficar turva.

Ele a agarrou imediatamente, mas o saco de papel que Alex segurava caiu no chão, o conteúdo escapando.

Segurando-a pelos pulsos, ajudou-a a sentar-se.

– Ponha a cabeça entre as pernas – ordenou ele num tom calmo.

Por alguma razão, Alex obedeceu.

– Lamento – desculpou-se ela minutos depois, endireitando-se, evitando olhar para ele nos olhos e sentindo o peso do silêncio que havia se abatido. Caíra não uma, mas duas vezes à frente do seu cavaleiro andante particular. Que, na verdade, incomodava-a por estar ali sentado, tão perfeito e calmo.

Esperava que ele se desculpasse e fosse embora imediatamente, contudo, em vez disso, ajoelhou-se e recolheu um frasquinho do chão.

Céus. Alex sentiu-se completamente humilhada quando o seu *salvador* parou com o frasco de vitaminas para grávidas na mão e a encarou, como se finalmente compreendesse tudo.

– Parabéns!

Alex esboçou um sorriso fraco. Ele não sabia de nada. Não tinha como imaginar que a sua vida havia virado de pernas para o ar depois daquele teste de gravidez que acusou positivo apenas algumas semanas atrás.

– Obrigada.

Ele a observou detidamente e voltou a se sentar ao seu lado.

– Não parece contente. Não foi planejado?

Alex pensou que devia dar a conversa por encerrada ali. Afinal de contas, aquele homem não passava de um estranho.

– Isso não é da sua conta.

Não ia contar a ele seus problemas particulares. Era um assunto que só a ela dizia respeito e deveria resolvê-lo sozinha. De uma forma ou de outra.

– Oh, me desculpe. Só queria ajudar.

Ela agarrou o frasco de vitaminas e guardou-o na sua bolsa.

– Não pedi sua ajuda.

– De fato, não pediu. Mas eu a ofereci de todo modo.

A verdade era que mais ninguém parecia disposto a ajudá-la. Estava sozinha, grávida e quase desempregada. Não havia quem a esperasse em casa. Casa... há muito tempo não tinha um verdadeiro lar. Mais exatamente, cinco anos. Era um período bastante longo para ficar andando de um lado para o outro.

Naquele momento, estava dormindo no chão da casa de um amigo de um amigo. Acordava todas as manhãs com as costas em pandarecos, mas era o melhor que tinha por enquanto. Prometeu a si mesma que encontraria uma solução. Sempre encontrava, desde os 18 anos, quando ficara sozinha e sem um tostão no bolso.

Connor tinha um rosto amistoso e era a primeira pessoa que parecia interessar-se por ela. Talvez, por isso, Alex resolveu responder.

– Sim, é um bebê não planejado. Nem me passava pela cabeça tê-lo agora.

– E o pai?

– É como se não existisse – replicou ela, olhando para o outro lado.

– Então está sozinha? – quis saber ele, depois de observá-la, pensativo, durante alguns segundos.

– Amarga e completamente – confessou ela, sem conseguir evitar um tom de desespero na sua voz. Ao perceber como havia falado, quis ser forte e não se queixar do que não podia mudar. Complementou, alterando um pouco a maneira de pronunciar as palavras: – Mas vou resolver esse problema. Sempre fiz isso.

Connor inclinou-se para a frente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

– Sua família não pode ajudá-la?

– Não tenho família – respondeu ela com firmeza, disposta a encerrar logo aquela conversa. Não tinha ninguém. Todos aqueles que eram realmente importantes para ela haviam partido. Às vezes, conseguia esquecer a triste realidade, mas, naquele momento, grávida e sem perspectivas de futuro, sentiu-se mais só e isolada do que nunca.

– Está melhor agora? – perguntou Connor, depois de um longo silêncio, e sorriu com amabilidade. – Quer um chá ou alguma coisa?

O coração de Alex tremeu com simpatia por aquele estranho que lhe mostrava tanta generosidade.

– Não se preocupe. Eu estou bem.

– Por favor. Ainda está um pouco pálida. Ficarei melhor se aceitar meu convite.

Era uma oportunidade que não devia rejeitar, já que a sua vida social praticamente não existia.

– Um chá pode me fazer bem. Obrigada – replicou, pendurando a bolsa no ombro. – Para onde vamos, Connor Madsen?

– Há um pequeno café na próxima esquina.

– É para onde leva todas as moças que conhece?

– Na verdade, não me lembro de ter levado nenhuma lá, antes – respondeu Connor, ajustando o seu passo ao dela.

– Pois eu não sou uma moça fácil.

– Vem comigo ou não? – perguntou ele, tirando o paletó e dobrando-o no braço. – Para ser sincero, não passo muito tempo na cidade abordando as mulheres. Nem fazendo qualquer outra coisa.

Connor vestia uma camisa branca que marcava os seus ombros largos e uma calça justa à sua cintura esbelta. Alex não achava que existissem homens tão atraentes e ali estava ela, sendo convidada para tomar chá com um. Um que a viu desmaiar.

– Você não mora aqui na cidade? – perguntou ela, tentando manter uma conversa superficial.

– Não. Tenho um rancho que fica a duas horas daqui.

– Ah! – deixou escapar ela, e pensou que, pelo menos, não teria de se preocupar em reencontrá-lo ao acaso qualquer dia. Iria se lembrar dele como um sonho. Um cavaleiro de armadura reluzente. – É aqui?

– Sim.

Connor abriu a porta do café e franqueou-lhe a passagem, mostrando as suas boas maneiras, e puxou a cadeira para que Alex se sentasse. A seguir, foi ao balcão fazer os pedidos.

Estavam num lugar da moda que não parecia ser do estilo de nenhum dos dois. Alex imaginava o seu acompanhante como um freguês ocasional, bebendo o café puro numa xícara branca enquanto uma atendente de meia-idade lhe recitava o menu do dia. Além disso, desconfiava que Connor não se sentia confortável usando um terno, apesar da boa aparência que mostrava naquele traje.

Tampouco era um lugar que Alex frequentava. Na verdade, costumava comprar café automático de uma dessas máquinas ou bebê-lo atrás do balcão do bar onde trabalhava. Embora, nas últimas semanas, não tivesse feito nem uma coisa nem outra.

Connor voltou para a mesa com duas xícaras... uma de chá e outra de café puro. Alex sentiu-se agradecida por ele ter escolhido uma infusão de ervas para ela, por causa da gravidez.

– Obrigada pelo chá.

– Eu admito que pedi à atendente uma bebida sem cafeína. E o chá pode ser relaxante – replicou ele, oferecendo um pacote a ela. – Trouxe também uns biscoitos, caso tenha um pico de hipoglicemia.

Alex perguntou-se por que razão aquele homem parecia saber tanto sobre gravidez, enquanto desembrulhava e provava os biscoitos. Eram gostosos. Tomou um gole de chá e sentiu-se melhor.

– Obrigada. Vão me fazer bem.

– Fico feliz por isso. Eu não gostaria que você tivesse outra crise – assinalou ele, relaxando.

Alex riu.

– Acho que deve pensar em alguma outra forma de abordar a sua próxima donzela em perigo.

Connor bebeu um pequeno gole do seu café, que parecia estar muito quente.

– Achei que você precisava. Se minha avó soubesse que deixei de ajudar uma mulher em apuros, ia me esfolar vivo.

– Pensei que o cavalheirismo tinha desaparecido.

– Ainda não – disse ele, com um breve sorriso. – Além disso, é uma boa desculpa.

– Desculpa para quê?

– Tenho uma reunião ao meio-dia. E prefiro não ir.

– Por quê? – perguntou ela, fixando os seus olhos nele.

– É uma longa história – respondeu ele, evitando olhar para a sua companheira de mesa. – Mas, e você? O que planeja fazer com o bebê que está a caminho?

Alex bebeu outro gole da sua infusão para acalmar a ansiedade que sentia no estômago.

– Os meus planos estão em aberto. Estou trabalhando, por enquanto. Mas é um emprego temporário. Ainda vou pensar no que fazer depois.

– Pelo seu sotaque, percebo que você não é daqui.

– Não. Sou de Ottawa.

– Bem que eu reconheci o sotaque do Leste – afirmou ele, com um sorriso. – Mas há muita gente de fora nesta cidade... mora aqui há muito tempo?

– Precisamente há três semanas, dois dias e 22 horas – respondeu ela. – Trabalho no pub Pig's Whistle no momento.

Alex sabia que seu próximo emprego deveria ser num lugar onde não houvesse a frequência maciça de fumantes, nem tanta fumaça no ar. O problema é que, lá, as gorjetas eram boas, e encontrar um chefe tão compreensivo quanto Pete vinha se mostrando era muito difícil.

Connor ficou quieto ao perceber que ela estava fazendo diversas projeções mentais. Aquele era um emprego sem futuro. Não bastaria para sustentá-la e ao bebê.

Quando Connor franziu o cenho, Alex sentiu como se tivesse ficado reprovada em alguma entrevista de emprego. O que era ridículo, porque não se conheciam e não voltariam a se ver, portanto, o que ele pensava não devia fazer a menor diferença. Ela estava se esforçando para encontrar uma solução. Ainda não obtivera sucesso, mas isso não era definitivo. Diabos, há anos que se virava sozinha. Dessa vez, talvez só demorasse um pouco mais que o habitual.

Terminou de beber e afastou sua xícara para o lado, para finalizar aquele encontro que se estendia além do que ela desejava.

– Bem, obrigada pela ajuda e pelo chá. Tenho de ir.

Alex levantou-se para ir embora e ele a imitou, procurando alguma coisa no bolso.

– Tome – disse, estendendo um cartão. – Se precisar de alguma coisa, pode me ligar.

– E por que eu ligaria?

O tom foi tão agressivo que Connor recuou um passo.

– Gostaria de ajudá-la, se fosse possível. Moro no Rancho Windover, a Norte de Sundre.

Alex não fazia ideia de onde ficava Sundre e não tinha nenhuma intenção de descobrir a maravilha que pudesse ser o Rancho Windover, portanto, pensou que não havia nada de errado em responder ao seu convite de forma educada. Guardou o pequeno cartão branco no bolso da calça.

– Obrigada. Foi um prazer conhecê-lo, Connor.

Alex estendeu a mão e ele a cumprimentou com firmeza. Tornou a olhá-lo nos olhos. Em outro tempo, em outro lugar, pensou, talvez em outras circunstâncias tivesse desejado conhecê-lo melhor. Era tão azarada que foi desmaiar logo na frente do homem mais atraente que via em muito tempo.

E era o cúmulo da ironia conhecer alguém como Connor quando era óbvio que ela não estava disponível. Tinha certeza de que sua condição de grávida a jogava automaticamente para a lista de mulheres não desejáveis.

– Adeus – murmurou, libertando a sua mão do meio das palmas dele.

Alex saiu apressadamente do café, mas não sem antes ver o olhar compreensivo e amável que ele lhe dedicara ao se despedir.

CAPÍTULO 2

— LEU O jornal de hoje? – perguntou Connor, agitado, à sua avó.

Johanna Madsen olhou para ele com calma por cima dos seus óculos e moveu os olhos de forma afirmativa. Não tinha um único fio de cabelo fora do lugar, mantendo seu penteado longe do rosto, sobre os ombros.

– Sim, querido, claro que li.

Connor voltou a andar inquieto pela elegante sala, sentindo-se preso entre os móveis clássicos e os enfeites caros. Parecia que sua cabeça ia explodir. Como podia estar ali sentada, tão calma? Era terrível o que estava acontecendo. Podia ser o fim de Windover.

– Da última vez, quase perdemos o rancho. Isto será a sua sentença de morte, vovó Johanna.

– Você está zangado – replicou ela com um breve sorriso. – Todas as vezes em que me chama de vovó Johanna é porque está aborrecido comigo.

– Como queira – disse Connor e parou, olhando para a senhora de frente. – Quero saber o que vai fazer para me ajudar a conservar o nosso legado.

A avó riu sem muita força e Connor ficou à espera de uma resposta.

– O nosso legado? Aposto que ficou o dia todo pensando no assunto.

Nada mais longe da realidade. Durante algumas horas daquela tarde, Connor esqueceu de todos os seus problemas e concentrou-se em outro objetivo. Em ajudar uma bela mulher de cabelo preto como o azeviche e uns olhos azuis impressionantes. Onde estaria? Desejou que estivesse bem. Havia desmaiado bem à sua frente, e ninguém mais pareceu prestar atenção.

Mesmo num momento pessoal ruim como aquele, a mulher soube manter o senso de humor. Ele a admirou por isso. Não era preciso ser um gênio para descobrir que as coisas não estavam correndo bem para ela. E ainda por cima, o pai do bebê resolveu sumir... pensou, enrugando a testa. Não tinha nenhuma compaixão pelos covardes. Um homem de verdade devia se mostrar presente para enfrentar as circunstâncias.

E era isso que Alex parecia fazer. Connor percebeu nela uma grande força e teimosia, em vez de desespero e autocompaixão.

E por que razão, perguntou-se, estava pensando nela, quando tinha os seus próprios problemas? Precisava convencer sua avó a lhe franquear o acesso à sua conta na poupança, que estava reservada para ele.

– Connor?

– Sim – replicou ele, virando-se para olhar aquela mulher que era tão parecida com seu pai. Encontrou-a com um aspecto preocupado e sem o sorriso habitual que costumava curvar os seus lábios. – Olha, sabe muito bem porque eu vim. O governo bloqueou as exportações de carne. Tal qual da outra vez, só que agora será mais difícil convencer o resto do mundo de que a nossa carne é segura. Enquanto isso, meu rebanho cresce, mas não pode ser sacrificado, então, tenho de alimentá-lo e cuidar dele de alguma forma.

– E quer o dinheiro?

– Falta quase um ano para o meu aniversário. Não pode me dá-lo um pouco antes?

Johanna olhou para ele com seus olhos azuis, fundos como os de um falcão, e deixou suas mãos descansarem no colo. Mãos que tinham trabalhado arduamente durante toda a vida, e agora, parecendo delicadas, exibiam um lindo conjunto de anéis.

– Não, meu neto. Não posso fazer isso. O testamento dos seus pais deixa muito claro que esse dinheiro só pode ser entregue depois que você completar 30 anos.

Connor praguejou e Johanna arqueou as sobrancelhas sem sair de sua postura elegante. Olhou para ela em tom de desafio e ela o enfrentou.

Diabos. Era uma mulher forte. Muito forte. Já vivera bastante e tomara conta do rancho, portanto, sabia o que eram os tempos de vacas magras. Depois que se aposentou, escolheu um lugar confortável para descansar, com vista para a montanha. No entanto, não havia perdido nem uma gota da sua força.

– Vovó, não conseguirei salvar o rancho. Sem dinheiro, é impossível.

– Você é filho do seu pai. Claro que conseguirá.

– Ele nunca enfrentou uma situação dessas – afirmou Connor, sabendo que era verdade.

Da última vez que havia passado por um caso parecido, quase foram à ruína. Contudo, na época, não tinham nenhuma reserva à qual recorrer. A única forma de manter o rancho funcionando era com dinheiro, e estava claro que a sua avó não ia lhe dar nada. Não conseguiria salvar Windover, pensou Connor, e apertou os dentes, frustrado.

– Legalmente, não posso dar o dinheiro, Connor, você sabe disso. Se dependesse apenas de mim, eu o daria – assinalou a avó, suavizando o olhar. – Eu também não gosto de ver Windover passando por essa crise. Ele significa muito, tanto para mim quanto para você.

Connor sabia. Johanna passou toda a sua vida de casada lá. Foi no rancho que seu filho nasceu e onde viu crescer os seus netos.

– Estou apenas tentando encontrar uma saída, mas todas parecem estar bloqueadas – replicou ele, passando exasperado a mão pelo cabelo.

– Existe outra maneira, não se lembra? – apontou Johanna.

Connor pensou que sua avó estava brincando.

– A outra maneira que tenho para reclamar esse dinheiro é me casando. Mas, vovó, nem estou saindo com alguém! O que quer que eu faça? Que ponha um anúncio no jornal? Ou talvez prefira

que encomende uma namorada na internet!

Johanna encolheu os ombros, impassível perante tanto sarcasmo.

– As noivas por encomenda existiam no passado, como deve saber – assinalou ela, levantando-se da cadeira, exibindo a sua esbelta e alta figura, com um certo ar régio e travesso nos olhos. – Sugiro que vá à luta, meu menino.

– Ir à luta? Com quem? Para quê?

– Para cortejar uma mulher, é claro! – exclamou ela, piscando o olho.

CORTEJAR. A palavra parecia tão antiga quanto seu significado, disse para si mesmo, enquanto dirigia pela autoestrada. Cortejar. Como se tivesse tempo de se apaixonar por uma mulher, convencê-la a casar-se com ele e celebrar a cerimônia antes que os bancos reclamassem os seus empréstimos. Além disso, não conhecia nenhuma que estivesse solteira.

No seu ambiente, todos se conheciam desde sempre. E as mulheres da vila, ou estavam casadas, ou estavam noivas. Não havia opções disponíveis. E se alguém soubesse que estava à procura de uma esposa com urgência, viraria a piada da região. E, de qualquer forma, que mulher se encaixaria na sua vida?

Nenhuma. Precisava pensar em outra solução.

Devia haver dinheiro federal, ajuda para os fazendeiros atingidos pela crise. Pelo menos assim, não teria de escolher uma mulher. No entanto, o cheque do governo não seria suficiente para cobrir a crescente avalanche de despesas.

Podia vender a parcela da parte Sudoeste do rancho. Contudo, só de pensar em dividir a sua terra e desfazer-se daquele terreno espetacular fez com que sentisse uma forte dor no estômago.

O seu pai nunca teria dividido a propriedade, e Connor sabia que ele também não seria capaz de cometer tal desatino. Mesmo nos anos da Grande Depressão, quando os agricultores deixavam as suas terras para procurar emprego na cidade, os Madsen haviam permanecido em Windover e conseguiram não só enfrentar, mas também superar os problemas. Era o que corria pela família.

De repente, sentiu saudades do som da voz do seu pai e da sua força. Oh, o que não daria para tê-lo ao seu lado, disse para si mesmo, com toda a sua sabedoria, para se sentar com ele na cozinha e pensar numa solução. Unidos, Connor, Jim e o seu pai teriam bolado um bom plano. Mas agora estava sozinho.

Aumentou o volume do rádio para abafar o ruído dos trovões. Fora um dia aborrecido e quente. A chuva refrescaria as ideias e, com um pouco de sorte, não chegaria a cair granizo, livrando as colheitas de serem afetadas. Não podia vender as suas cabeças de gado, mas tinha de continuar a alimentá-las.

Connor suspirou, mantendo uma das mãos no volante e usando a outra para brincar com a sua gravata. Havia vestido o terno para se encontrar com os banqueiros. E também para impressionar a sua avó, tinha de admitir. No entanto, a estratégia se revelou falha em ambos os casos.

Por isso, voltou a cogitar a hipótese de cortejar uma mulher.

O casamento era para a vida toda. Ou, pelo menos, assim pretendia que fosse o seu. E, portanto, não devia ser considerado de forma leviana. Procurar uma mulher e casar-se com ela por necessidade era mais do que um erro colossal. Queria estar apaixonado pela sua esposa. Queria que

fosse alguém que pudesse amar e honrar, alguém com quem constituir família. Não se arriscaria a resolver nada daquilo sob pressão. Esperava fazê-lo no devido tempo, quando chegasse o momento certo.

Tinha de haver uma saída, pensou. Uma maneira de salvar o rancho. Seus pais foram muito inteligentes ao deixar-lhe a herança sob aquelas condições. Tratava-se de dinheiro suficiente para manter as finanças equilibradas até encontrar uma forma de reestruturar o negócio e conseguir se manter sozinho. Mas o problema é que precisava equilibrar tudo agora. Esperar seria praticamente assinar o comprovante de falência.

Sugiro que vá à luta, meu menino.

As palavras da avó ecoavam nos seus ouvidos enquanto se dirigia para o Norte. Precisava de uma solução prática. Algo fácil e simples, que fizesse sentido. Devia parar de se preocupar e começar a agir.

Então lembrou-se de Alex e sentiu inveja do seu otimismo, quando lhe disse que sempre conseguia sair do fundo do poço. E não seria diferente, então, naquele momento tão complicado, grávida, sozinha e sem lar. Ela mostrara ter uma fé intrínseca em que as coisas se ajeitariam perfeitamente no final.

Foi quando uma ideia sacudiu os seus pensamentos e o perturbou tanto que quase saiu da estrada, ao mesmo tempo que um relâmpago pareceu partir o céu à sua frente.

Alex. Ele precisava de uma esposa; ela precisava de um lar durante algum tempo, e recursos. Podiam ajudar-se um ao outro. Quando se cumprimentaram mais cedo, havia sentido uma ligação entre eles e, de repente, soube que podia dar certo. Tinha certeza de que podiam tornar-se amigos. Ele a ajudaria num momento difícil; ela seria a salvação do legado da sua família.

Connor lembrou-se que, quando se despediram, havia deixado com ela um cartão personalizado.

Também lembrou da reação dela, dizendo que não sabia por que motivo ligaria para um estranho, e soube que era uma mulher independente demais para aceitar ajuda de outras pessoas.

Contudo, se Alex soubesse que Connor precisava da sua ajuda tanto quanto ela precisava da dele...

Pegou uma via secundária e rumou para a cidade. O seu coração batia acelerado, apreensivo e excitado.

Como se pedia em casamento alguém que só se conhecia há algumas horas?

O TELEFONE tocou ao mesmo tempo que Alex saía do banheiro, de camiseta e short de flanela. Atendeu, imaginando que fossem perguntar pelos seus colegas de casa. Mas era do bar. Pediam a ela que substituísse Peggy, que deixara o emprego sem aviso prévio.

Alex olhou para a janela e viu que a chuva batia no vidro com violência. Andar até lá seria um inferno, embora morasse a poucas quadras de distância. Mas era dinheiro extra... e as gorjetas eram sempre melhores à noite.

Com um suspiro, aceitou e trocou de roupa. Vestiu a sua calça de moletom e a camiseta com o desenho de um porco pugilista e prendeu o cabelo num rabo de cavalo. Parou um momento, vendo como os relâmpagos pareciam rasgar o céu em dois. Se não precisasse do dinheiro...

Pegou o guarda-chuva e caminhou até o Pig's Whistle, protegendo-se dos pingos grossos que caíam.

O interior do bar estava nublado pela fumaça de vários cigarros, e, durante um instante, Alex pensou nos efeitos que aquela constante exposição ao tabaco poderia ter sobre ela e o bebê. Porém, era o único emprego que tinha e não podia permitir-se deixá-lo enquanto procurava outra coisa. Precisava comer, pagar as contas, e pensava em como ia conseguir sustentar-se e cuidar de um recém-nascido. Amarrou um avental preto na cintura, empunhou uma bandeja e começou a limpar as mesas e a anotar os pedidos.

ERAM APENAS 21h quando Connor entrou.

A campainha soou como fazia centenas de vezes durante a noite, porém, por alguma razão, Alex levantou o olhar para ele naquele instante. Uma vez lá dentro, Connor sacudiu seu casaco, tirando o excesso de água, e procurou pelo local. Alex sentiu um aperto no coração. Logicamente estava à procura dela.

Suas suspeitas se confirmaram quando ele a capturou pelo olhar, mesmo em meio ao grande fluxo de fregueses. Connor sorriu, um sorriso capaz de derretê-la. Os homens que sabiam sorrir daquela forma eram muito perigosos. E a última coisa de que ela precisava era que alguém como Connor Madsen a distraísse das suas obrigações.

Ele se aproximou, rasgando um caminho por entre os frequentadores.

– Olá! – cumprimentou Connor, aos gritos para se fazer ouvir entre o barulho das conversas e os acordes da música country. – Podemos conversar?

– Ei, Alex! A mesa dez quer outra rodada! Não te pago para que fique aí parada a noite toda! – gritou Pete, o gerente e dono do bar.

Alex assentiu. Pete podia parecer mal-humorado, mas tinha um coração de ouro. E cuidava dela. Era uma das razões pelas quais ficara com ele tanto tempo.

Ela olhou para Connor e desculpou-se:

– Não posso falar agora. Estou trabalhando.

– É importante.

– O meu trabalho também é importante – respondeu ela, e se afastou para servir a rodada de cervejas.

Ele a segurou pelo braço:

– Se você se importa com o futuro do bebê, tem de me ouvir.

Aquelas palavras conseguiram captar a atenção de Alex, que olhou para ele fixamente, com curiosidade:

– Está bem. Mas não agora. Depois, quando não precisar servir cervejas o tempo todo.

– Quando termina o seu turno?

– À 1h.

– Da manhã?

– Sim – respondeu ela, rindo diante da expressão de incredulidade de Connor. – Ainda tenho quatro horas para ficar de pé.

Connor a seguiu até o balcão. Pete fez um gesto a Alex para saber se aquele homem a estava incomodando, mas ela respondeu negativamente com a cabeça.

– Voltarei e a acompanho até em casa. Preciso mesmo falar contigo.

Ela suspirou.

– Está bem. Por enquanto, está me fazendo perder gorjetas, caso não tenha percebido. Tenho de trabalhar. Não pode me seguir pelo bar todo.

Disse aquilo e foi até a mesa dez, com um sorriso fingido, desculpando-se pelo atraso com as cervejas. Quando se virou, Connor já havia saído.

À 1h em ponto, despediram-se do último cliente e Alex passou a chave na porta. Pete olhou para ela quando começava a preparar tudo para a manhã seguinte:

– Vá para casa, eu termino aqui. É o segundo turno duplo que você faz esta semana. Sua aparência está horrível.

– Muito obrigada, Pete – replicou ela, aliviada e nervosa ao mesmo tempo. Se saísse naquele exato instante, Connor podia estar à sua espera lá fora; se ficasse, provavelmente ele se cansaria de esperar. Por um lado, tinha curiosidade em saber o que era assim tão importante; por outro, imaginava que não devia ser nada bom. Não precisava de mais complicações, já as tinha em grande quantidade. – Amanhã às 16h? – perguntou a Pete quando se despediu, pegando seu guarda-chuva.

– Sim. Boa noite, querida.

Quando saiu, Connor a esperava, de pé debaixo de um poste de luz. Já não tinha gravata e exibía um aspecto desalinhado e sexy. Ela engoliu em seco. Estava sozinha há tempo suficiente para aprender a seguir os seus instintos. E, naquele momento, a sua intuição dizia que não corria risco de morte. No entanto, considerando a forma como seu corpo reagiu ao vê-lo, soube, sem qualquer dúvida, que estava diante de outro tipo de perigo.

Pensou em dar meia-volta para o bar. Mas, no instante em que cogitou tal hipótese, ouviu o ferrolho fechar-se atrás dela.

Conseguia lidar com a situação, disse para si mesma.

– Minha mãe sempre me aconselhou a não falar com estranhos na rua à noite.

Connor virou-se. Segurava um buquê de rosas amarelas.

– Então é uma sorte estarmos debaixo de um poste de luz e já termos nos conhecido antes. Mas, infelizmente, não é culpa minha por ser noite.

Ele ofereceu o buquê e Alex aceitou, espantada demais para reagir de outra forma. Como teria conseguido encontrar um ramo de flores depois das 21h?, perguntou-se.

Mas o que mais a preocupava era o porquê. O que era tão importante que o fez pensar em *suborná-la* com rosas?

Um sinal de alarme disparou dentro da cabeça de Alex. Não fazia ideia do que Connor queria, porém, tinha certeza de que se tratava de algo sério. Só recebera flores uma vez na sua vida até então. Da mesma espécie, só que cor-de-rosa. Junto, um cartão em que se lia: *Obrigado pelas lembranças*.

– Obrigada – disse ela. – São lindas. Mas chego a ficar curiosa para saber o que é tão importante a ponto de você ter de me amaciar com elas – concluiu, aspirando o aroma dos botões amarelos.

Alex riu para si mesma, recordando ter lido em algum lugar que as rosas amarelas significavam amor não correspondido. E isso era do que ela menos precisava no mundo.

– É melhor ir diretamente ao assunto – sugeriu Alex. – Daqui a pouco este ramo perderá seu impacto sobre mim.

– Tenho uma proposta a fazer.

Alex se pôs em movimento e ele a seguiu, acompanhando seu passo.

– Qual é?

– Quero que se case comigo.

Alex sentiu seus pés congelando e estacou. O que ele tinha dito? Que tipo de brincadeira cruel era aquela? Estava com peninha dela por causa da gravidez? Pois que pegasse a sua compaixão e...

Ergueu a cabeça e olhou para ele, o queixo empinado:

– Acho que não ouvi bem.

– Quero que se case comigo – repetiu Connor, depois de puxá-la pelos braços e ficar na sua frente. Então, soltou uma gargalhada. – Desculpe, não pretendia dizer isto deste jeito, mas agora já foi.

Queria que se casasse com ele. Os olhos de Alex o examinaram com um ar suspeito. O que diabos estava pensando? Devia estar louco. Pedi-la em casamento no meio da rua, à 1h22 da madrugada!?

– Conheço você há menos de 12 horas. Só pode estar de gozação. Boa noite, Connor – disse Alex, e virou-se para ir embora.

– Espere!

O desespero que percebeu no tom de voz de Connor a fez parar:

– Esperar o quê? Não pode estar falando sério.

– Estou. E posso explicar tudo se me ouvir.

Connor tinha o terno bastante amarrotado e, pelo aspecto do seu cabelo, parecia que estivera a puxá-lo durante a tarde toda. Contrariando qualquer lógica, Alex aquiesceu. Ele a ajudara, afinal, e sentia-se em dívida.

– Você tem cinco minutos.

– Vamos dar um passeio.

Lado a lado, caminharam rua abaixo. A temperatura havia despencado e o ar estava úmido depois da violenta chuva da tarde. Alex começou a tremer. Gentilmente, Connor tirou o casaco e a cobriu com ele. Pelo menos, suas atitudes eram típicas de um cavalheiro.

– Fui visitar a minha avó hoje. Tenho uma herança, mas só poderei recebê-la depois que 30 anos.

– Tudo isso? Achava que, após os 18 anos, a pessoa já podia ser responsável legal pelo seu dinheiro.

– Foi como os meus pais estabeleceram no testamento. Falta-me um ano para ter direito a ela, mas preciso do dinheiro agora.

– Não vejo o que isso tem a ver comigo – assinalou ela, retomando a caminhada, olhando para a frente; sabia que, se o encarasse, sucumbiria aos seus encantos.

Alex sabia o que era ser enganada por um bonito par de olhos escuros. E havia aprendido a lição, portanto, não tornaria a tropeçar na mesma pedra.

- Deixe-me explicar. Há uma cláusula que me libera o dinheiro em caso de casamento.
- Estou percebendo – afirmou ela, embora não fosse verdade.
- Acho que meus pais estipularam essa condição para garantir que eu não saísse esbanjando o dinheiro. Casado, teria de utilizá-lo para sustentar minha família.
- Concordo.
- Não vai facilitar minha situação, certo?

Alex sentiu que ele cravava os seus olhos nela, porém, não quis retribuir.

- Não conheço você, Connor. Mas prometi que o ouviria, e é o que estou fazendo.
- Veja bem – começou ele, detendo-a com um braço e forçando-a a parar. – Se não conseguir algum dinheiro rapidamente, perderei o rancho. Ele pertence à nossa família há mais de cem anos.
- E por que está com problemas? – perguntou Alex.

Certamente ela não precisava de um homem que não soubesse resolver os próprios problemas, uma vez que já tinha os seus, em grande quantidade. Era responsável pelas besteiras que havia cometido, mas soube resolver todas elas, sozinha. No entanto, surpreendeu-se ao perceber que se sentia intrigada e perguntou-se por que razão ainda não havia mandado aquele homem passear ou se virar. Sentia-se em dívida com ele pelo cavalheirismo que demonstrou ao ajudá-la, cativada pela forma como a convidara para tomar alguma coisa e como se preocupara com ela.

– Houve uma epidemia que atingiu o gado bovino. Gastei todas as minhas economias para esterilizar as reses, e agora a história se repetiu... há novos casos no Norte. Vai afetar todos os criadores de gado, e eu tenho de alimentar a minha manada. Muitas propriedades irão falir. E eu me recuso a deixar que Windover seja uma delas.

Alex havia lido sobre aquilo no jornal e sabia que a situação era mesmo muito grave, como Connor descrevia. Não se tratava de um problema de má gestão, mas uma situação que estava completamente fora do seu controle.

– Você precisa de ajuda para cuidar do bebê e de si mesma. Estou propondo um acordo que pode beneficiar a nós dois. Case-se comigo, eu consigo meu dinheiro e Windover sobrevive à crise. Depois que a criança nascer, e quando você estiver recuperada, poderá ir embora e seguir a sua vida. Vou garantir uma pequena mesada na sua conta bancária a partir de então.

– Um casamento de conveniência?

Connor suspirou e a olhou nos olhos. Sim, tinha razão. Uma mulher poderia perder-se naquele par de chocolate e fazer qualquer loucura por ele.

– Sim. Não será um casamento tradicional. Esta foi a última opção que me restou, acredite. Esgotei todas as possibilidades. Se pensar na questão de forma prática, eu consigo o que preciso e você consegue um pouco de ajuda. Ambos resolvemos nossos problemas. É só isso.

– O casamento não é um acordo de negócios.

Ela percebeu que o seu comentário o apanhara de surpresa. Podia parecer estranho, vindo de uma mulher que não tinha casa, estava solteira e grávida. Se Connor soubesse como Alex entendia o casamento e o amor, certamente ficaria muito perturbado. Mas é claro que não iria revelar isso a ele. Claro que não.

– Eu sei. O casamento deve apoiar-se no amor e no compromisso eternos. É o que pretendo seguir um dia. Quero ter uma esposa que me ame e vice-versa. E filhos, naturalmente. Uma parceira com quem partilhar os bons e os maus momentos. Com honra e fidelidade, sabendo que sou mais forte com ela do que sozinho.

Alex pensou que se encontrava diante de um homem devastadoramente atraente, com valores extremamente tradicionais, o que era bem raro de encontrar.

– Serei um instrumento para os seus fins – afirmou ela, engasgando-se nas palavras, sem parar de andar.

– Isso parece muito frio – replicou Connor com amabilidade. – Estaríamos nos ajudando. Eu quero viver o final feliz de que falei... e suponho que você também. Um dia. Agora, porém, temos de fazer o necessário para sobreviver. E espero que consigamos ser amigos.

Amigos. Aquilo parecia perigoso, pensou Alex consigo, enquanto os seus pés chapinhavam sobre o pavimento molhado. A proposta que ele fazia era ultrajante. Humilhante.

– Acho que você está louco – assinalou Alex, parando diante de uma pequena casa amarela. – Obrigada por ter me acompanhado.

– Alex, por favor, não me rejeite ainda, está bem? Pense. Sei que não é nada romântico. Mas sei que você é pragmática e sabe avaliar os fatos. Você teria segurança para o seu filho e para si mesma e um lugar confortável onde morar durante a sua gravidez. E eu me encarregaria de suprir as suas necessidades, prometo.

Ela tirou o casaco de Connor e o devolveu.

– Não tem uma namorada a quem pedir em casamento?

– Não – respondeu ele, cortante. – Pense até segunda-feira, quando estarei de volta à cidade. Analise cada pormenor da proposta; vai perceber que sairíamos ambos ganhando. Depois, o mínimo que eu poderia fazer seria retribuir o favor.

Era bem prático. Muito perfeito e conveniente. Planos muito perfeitos acabavam sempre desmoronando, deixando-a sozinha entre os escombros, pensou Alex. Sua experiência de vida a havia ensinado isso.

– Não crie expectativas – disse, sem olhar para ele, e entrou rapidamente dentro de casa, fechando a porta.

CAPÍTULO 3

ALEX FECHAVA sua mochila quando ouviu a porta de um carro bater.

Não conseguia ver o veículo mas ouviu de sua intuição, com um calafrio, que era ele. Levou a mão ao peito, tentando acalmar o batimento cardíaco acelerado. Chegou muito cedo. Esperava encontrá-lo mais tarde, no bar, mas eram apenas 10h, e logicamente não havia esquecido onde ela morava.

Abriu a porta de casa antes que ele batesse. Connor ficou surpreso com a prontidão e ficaram olhando um para o outro. Alex não soube o que dizer e, enquanto o silêncio crescia entre eles, sentiu-se mais e mais incomodada. Mordeu o lábio inferior enquanto ele permanecia imóvel, apenas o peito subindo e descendo no compasso lento e pausado da respiração. Parecia aguardar que ela falasse primeiro, antes de fazer alguma coisa. Oferecer a mão seria um gesto bobo e beijá-la na face, demasiado presunçoso, pensou ele. Sem opções, enfiou as mãos nos bolsos.

A aparência de Connor era bem diferente da primeira vez em que haviam se visto. E para melhor. O seu jeans gasto deixava adivinhar umas pernas longas e musculosas, e a camiseta preta acentuava a largura de suas costas. O cabelo estava um pouco despenteado e encaracolado. Os braços eram morenos por causa do sol, ligeiramente peludos e com pulsos fortes. Quando notou que ela estava olhando muito para eles, escondeu as mãos nos bolsos.

– Bom dia! – cumprimentou ele, sem conseguir tirar os olhos dos lábios de Alex, que ela não parava de mordiscar.

– Chegou muito cedo – disse Alex num tom nervoso, sentindo-se perturbada por tê-lo à sua frente.

– Tenho de estar de volta na hora do almoço.

Oh, aquilo sim, era romântico, pensou Alex divertida, enquanto apoiava o seu peso numa perna. Sentiu como se Connor a estivesse pressionando por uma resposta porque tinha hora para ordenhar suas vacas. Naquele momento, ela pôs em dúvida a decisão que tomara. Tudo acontecera muito depressa. Há uma semana, sua única preocupação era pagar a sua parte do aluguel. Agora, estava considerando a possibilidade de se mudar para uma fazenda no meio do nada e casar-se com um homem que sequer conhecia. Era surreal.

– Não quero pressioná-la – afirmou ele, esboçando um sorriso amistoso.

– Acha que só porque me sorri vou segui-lo como uma tola? – Ela o repreendeu, olhando para ele visivelmente zangada. – Terá de fazer mais do que me mostrar seus dentes brancos para me convencer.

Connor recuou.

– Desculpe – disse ele, envergonhado.

Era uma situação ridícula. Alex sorriu e olhou para ele, piscando um olho.

– É o mínimo que pode fazer.

Quando Connor se deu conta de que ela estava brincando, os olhos dele se encheram de calor e um sorriso tímido reapareceu nos seus lábios.

– Não importa. Estou pronta – declarou ela e saiu para o alpendre, deixando a mochila junto à porta.

– Quer dizer que aceita? – perguntou ele, boquiaberto.

Alex sustentou o sorriso. Ficou contente ao ver que o surpreendia com sua decisão. Isso abriria espaço para o que tinha de lhe dizer em seguida.

– Bom, não completamente.

– Como assim? Ou aceita ou não aceita – disse Connor, apoiando o braço direito no corrimão do alpendre.

Alex umedeceu os lábios, sem estar certa sobre como começar.

– Não acho que seja uma boa ideia nos casarmos. Mal nos conhecemos – observou, armando-se de coragem para encará-lo nos olhos. – Quem me garante que você não é um cowboy à procura de um alvo fácil?

Connor ficou imóvel. Não esboçou nenhuma reação. Apenas repassou o comentário na sua mente, de forma muito séria.

– É isso o que pensa?

– Não – admitiu ela. – Mas convenhamos que a sua proposta é muito estranha, e bem pouco comum.

– É um acordo de negócios, mais nada. Você me ajuda e eu a ajudo.

Ele fazia tudo parecer fácil quando absolutamente nada era tão simples. Para Alex, o que estava em jogo era o seu futuro e o do bebê. Ela, que não confiara em ninguém durante anos, de repente estava cogitando a possibilidade de depender de um estranho para obter segurança. Era bem complicado. Mas estava considerando a situação, sobretudo, porque não tinha muitas alternativas.

– O que quero dizer é que tudo está acontecendo muito depressa – comentou ela, recuando um passo para aumentar a distância entre ambos.

– Eu sei. Por isso, tive uma ideia nesse fim de semana. Por que não fazemos um período de experiência? Venha para Windover e fique alguns dias antes de tomar uma decisão. Se não a agradar, eu a trago de volta.

Com aquelas palavras, Connor viu a preocupação ceder no rosto de Alex e soube que tivera uma boa ideia.

– Acho que é uma boa sugestão – respondeu ela, suavizando o olhar, dedicando-lhe um sorriso cheio de sinceridade.

– É claro, não quero prendê-la aborrecida no rancho durante os próximos... quantos meses?

– Seis meses.

Ficar presa ao lugar? Aquilo não a preocupava nem metade do que a preocupava ficar presa a ele, pensou Alex. E seriam mais de seis meses. Depois que o bebê nascesse, precisaria de mais algum tempo para se recuperar e pensar no que faria depois.

– Quanto tempo de experiência? – perguntou ela de repente, pois sabia que Connor tinha pressa e não queria sentir-se pressionada a tomar uma decisão em 48 horas ou coisa parecida.

– Não sei. Não mais de uma semana.

– Tudo bem. Uma semana me parece um bom período – assentiu ela, sentindo-se mais calma.

Alex ergueu a mochila e surpreendeu-se quando Connor a tirou das suas costas, carregando-a ele mesmo.

Havia esquecido o quanto ele era cavalheiro, e dificilmente poderia, já que Connor demonstrava suas boas maneiras de forma constante. Não estava habituada a lidar com um homem tão educado e amável, portanto, teria de aprender a fazê-lo.

– Obrigada.

– Onde está o resto?

– É só isso – respondeu ela, olhando para os pés.

– É tudo o que tem? – inquiriu ele, parando à frente do seu carro. – Não tem uma mala?

– É tudo – repetiu ela de maneira cortante. Não queria começar uma discussão sobre por que razão a sua vida cabia dentro de uma mochila. Um dia encontraria um porto seguro onde pudesse se estabelecer, e então, teria as coisas de que precisava para a sua própria casa, como sempre desejara.

Ele ficou sem palavras, abriu a porta do carro para que ela entrasse e a ajudou a se sentar, deixando a mochila no banco de trás.

Alex sentiu seu estômago se revirar. Aquilo era uma loucura. O que estava fazendo? Não sabia nada sobre ele.

Connor acomodou-se no banco do motorista e ligou o motor, enquanto ela afivelava o cinto de segurança. Pelo menos, tivera a precaução de se informar sobre ele na vila. No sábado, havia usado a internet da biblioteca, para procurar informação sobre aquele homem e o seu rancho.

Surpresa, havia descoberto que existiam muitos dados sobre o assunto e leu com fascínio um artigo sobre Connor e sua interessante família. O pai fora um importante homem de negócios na indústria da carne e o rancho florescera sob o seu comando. O local pertencia aos Madsen há uns cem anos. Ao saber disso, entendeu melhor por que razão Connor estava tão decidido a salvá-lo.

Também lera uma entrevista recente que Connor concedera para falar sobre as inovações no negócio do gado. Ao ver a fotografia que aparecia na revista, não achou que ele fosse algum louco perigoso. Tinha 29 anos e era muito atraente, além de inteligente e respeitado.

Enquanto Connor se concentrava na estrada, Alex seguia imersa em seus pensamentos. Gostaria de ter encontrado dados mais pessoais, mais algum detalhe sobre a sua vida. Onde estava a sua família? Ele só havia falado de sua avó. E quais eram os seus interesses, seus hobbies?

A única forma de descobrir isso era conversando com ele. Ainda não estava certa se deveriam se casar, pois um compromisso daqueles a prenderia a ele pelos próximos meses. Tinha de ter em

conta o seu bebê. Precisava fazer o melhor para o seu filho.

Alex dedilhou a barriga ao mesmo tempo que uma canção country começou a tocar no rádio. Era muito cedo para sentir os movimentos do bebê, contudo, a sua figura havia mudado e a cintura começava a denotar a gravidez. Tinha um bebê dentro dela. Não planejava ser mãe ainda, muito menos solteira. No entanto, estava ligada àquele pequeno ser que crescia em seu interior e desejava ser uma boa mãe, acontecesse o que acontecesse. Mas como poderia, se nem ao menos conseguia encontrar um lugar onde morar?

Ficou olhando pela janela, enquanto a cidade se despedia. Um período de experiência seria bom. Pelo menos, deixava-lhe uma saída.

UM CAMINHO longo e reto, sem asfalto, conduziu-os até uma casa branca de dois andares com janelas azuis.

Alex prendeu seu olhar nela, sem saber o que pensar. Não havia vizinhos. Voltou a estudá-la, atentamente. Ao longe, sobre uma colina, parecia haver uma construção que podia ser uma casa. A terra que os rodeava era castanha e verde, com algumas árvores. Praticamente vazia. Isolada.

Atrás da casa havia edificações de vários tamanhos. Alex, como boa mulher da cidade, não fazia ideia de para que serviam, só imaginava que uma delas devia ser para guardar o gado. Havia outro veículo diante de um estábulo branco, bem como tratores. Não os pequenos que costumava ver em Ontário, mas verdadeiros monstros pintados de verde e amarelo. Precisaria de uma escadinha para subir em um deles.

Connor estacionou à frente da casa e desligou o motor.

– Chegamos – disse, quebrando o silêncio.

– É enorme – comentou ela. – O céu... parece interminável.

– Até que olhe para lá – afirmou Connor, chegando para perto dela e apontando para Oeste.

Alex reprimiu um grito de admiração. Havia se concentrado tanto na casa que esqueceu de admirar a paisagem. Via agora uma imagem das Montanhas Rochosas que lhe tirou o fôlego. Mesmo de longe, conseguia distinguir as suas diferentes tonalidades, escuras nas bases e mais claras nos picos, coroados com neve, apesar de já estarem em junho.

– É impressionante – assinalou ela, sentindo que a palavra não fazia justiça ao que seus olhos viam. Aquelas montanhas pareciam chamá-la. Faziam-na sentir-se viva e forte.

– Ajudam a não me sentir sozinho – murmurou Connor.

Alex percebeu de repente que estavam muito perto um do outro. Algo no seu tom de voz a comoveu. Todo aquele espaço... e vivia ali sozinho. Então, entendeu que a vida de Connor tinha um vazio, um vazio que ele desejava preencher.

Perguntou-se ao que se deveria aquela solidão, porém, não se atreveu a repetir a questão em voz alta. Não estava certa se queria mesmo saber a resposta. Também não queria ter de falar do seu próprio passado, portanto, achou melhor ficar quieta.

– Posso vê-la por dentro? – perguntou ela, apontando a casa e mudando de assunto, antes de assumir um ar mais prático.

Connor tirou a mochila do carro e caminhou até a casa. Alex tirou os seus tênis e deixou-os junto às botas dele, na entrada. Seguiu-o através da sala, passando por um par de escadas, até uma

enorme e acolhedora cozinha.

– Está com fome? Devíamos comer alguma coisa – convidou Connor.

Quando se virou para ela, Alex compreendeu que a situação era tão estranha e incômoda para ele quanto para ela. Ali, na casa, ficava ainda mais óbvio que eram dois estranhos.

– Um sanduíche ou algo do gênero seria agradável.

Connor tirou carne e queijo da geladeira e pão de uma caixa de madeira sobre a mesa da cozinha.

– Não sei como você gosta – assinalou ele num tom de desculpa. – Portanto, é melhor cada um fazer o seu.

O silêncio caiu entre eles e, para se distrair, Connor começou a pôr fatias de queijo e de carne dentro do seu pão. Quando ia pegar a mostarda, viu uma expressão muito estranha desenhada no rosto de Alex.

– Está tudo bem? – perguntou ele, parando.

– É por causa da mostarda. Estou bem – replicou ela, engolindo em seco.

Connor observou-a com a boca aberta, enquanto uma gota de mostarda amarela caía sobre seu sanduíche aberto. Olhou para ela horrorizado, perguntando se aquela visão simples iria deixá-la enjoada. Céus, esperava que não!

Então Alex levou as mãos à boca, reprimindo uma risada. Mas, num segundo, os dois desataram a rir.

– Devia ter visto a sua cara! Os homens tremem de medo com qualquer coisa relacionada a uma gravidez!

Connor riu enquanto deixava o frasco de mostarda de lado.

– Você se sente tão estranha quanto eu? – perguntou ele.

– MUITÍSSIMO.

As gargalhadas conseguiram dissipar um pouco a tensão que se enevoava entre eles.

– Não quero que se sinta deslocada aqui. Faça de conta que está em casa.

– Espero ficar mesmo à vontade.

– Vai ver que sou fácil de agradar, Alex – disse ele, sorrindo. Mas logo se deu conta que ela havia interpretado aquele comentário ao pé da letra, porque corava. Seu sorriso fraquejou.

Olharam um para o outro. Connor não conseguiu evitar fixar-se nos seios dela, que ainda recuperava o fôlego depois do ataque de riso.

– Eu não preciso de muito – murmurou ela. – Um lugar para dormir e comida. Quero ajudar no que puder. Não tenho o hábito de ficar parada.

– O trabalho do rancho não é para você.

– Não vou me quebrar, Connor. As mulheres têm filhos há milhares de anos.

– Eu sei – respondeu ele com um tom firme. – Mas não vai fazer o trabalho aborrecido de um rancho. Há um jardim na parte de trás, caso prefira trabalhar ao ar livre. Não quero que se aborreça, Alex, mas também não quero que se torne uma espécie de criada. Para ser bem franco, se eu não tiver de cozinhar no final do dia, isso seria um presente divino.

Opções. Tempo para ela, para fazer o que quisesse, além de preparar o jantar e tratar das flores do jardim ao ar fresco e debaixo do sol. Liberdade para limpar e lavar no seu próprio ritmo.

Talvez parecesse tedioso ou sexista, mas para Alex era maravilhoso. Quando pequena, sempre invejara as colegas de turma que desfrutavam de almoços caseiros no seu lar e tinham mães que preparavam biscoitos para as festas. Não queria ser injusta, os seus pais tinham sido fantásticos, contudo, não eram muito tradicionais. Ficar em Windover seria perfeito, se...

Se aquela união não fosse uma farsa.

Apesar disso, se Connor estivesse disposto a seguir em frente, o mínimo que Alex podia fazer era não sobrecarregá-lo.

– Preciso ser sincera. Não tenho muita experiência em tarefas domésticas... mas aprendo rápido – afirmou ela, voltando a preparar o seu sanduíche de carne e queijo, com um pouco de alface, maionese e pimenta.

– Bem. Vou levá-lo para comer no caminho – indicou Connor, apontando para o seu lanche improvisado. – Eu gostaria de poder ficar e ajudá-la na ambientação, mas tenho algumas vacas prestes a parir que precisam de mim e, se não tiverem sorte esta manhã, terei de ligar para um veterinário. Você ficará bem?

Connor parecia tão preocupado que Alex não conseguiu ficar zangada. Devia ter em conta que, se estava ali, era porque aquele rancho era tudo para ele. Não podia esperar que esquecesse as suas obrigações e agisse como um bom anfitrião durante o resto da tarde.

– Sim, sem problemas. Vou explorar tudo por conta própria. Pode ir – disse ela e sorriu. – Não quero que fique preocupado com as suas vacas, elas precisam mais de você do que eu.

Connor sentiu-se aliviado por não ter de fazer companhia a ela.

– É verdade. Agradeço pela sua compreensão. Saiba que... – começou ele e, depois de uma pausa, continuou: – Fico contente por ter decidido vir fazer uma experiência. Vou me esforçar ao máximo para que não se arrependa, Alex.

Então, ela teve o terrível pressentimento de que ia se arrepender, e muito. Porque, quando Connor se comportava de forma tão amável e atenciosa, sentia-se muito vulnerável em relação a ele.

Seguiu-o até a porta e observou-o enquanto ele calçava as botas.

– O seu quarto é lá em cima. Primeira porta à direita. Há uma colcha branca sobre a cama.

– Já sou crescida. Ficarei bem.

– Voltarei mais ou menos às 18h.

Então, Alex começou a rir.

– Vá logo, Connor, estou falando sério. Vá fazer o que tem de fazer.

Ele esboçou um sorriso agradecido e a casa ficou vazia e silenciosa quando saiu.

Alex regressou à cozinha, terminou de comer o seu sanduíche e tomou um copo de leite. As náuseas matinais começavam a desaparecer, mas ela ainda tinha fome. Procurou na despensa e encontrou uma caixa de biscoitos de cereais. Comeu dois e, com a mochila ao ombro, resolveu explorar a casa.

Ao subir as escadas, virou à direita e deparou-se com duas portas; a qual delas Connor teria se referido mesmo? Escolheu uma e, ao virar a maçaneta, entrou no que parecia ser o quarto de Connor. A colcha não era branca, mas castanha com figuras geométricas em cores mais claras. Ele a arrumara pela manhã, mas havia umas rugas no centro do colchão, que indicavam que depois tinha

se sentado nela, talvez enquanto se vestia. O ambiente recendia a couro e a produtos de higiene masculinos, misturado com o cheiro fresco de um detergente de roupa.

Alex deixou a sua mochila no chão e foi até a cômoda. Sobre ela, havia um recipiente com alguns parafusos e uma chave de fenda. Pensou que ele os teria tirado do bolso da calça antes de a pôr para lavar. Ao seu lado, havia uma fotografia emoldurada que mostrava um jovem Connor, talvez com 20 anos, junto a outro jovem com a mesma cor escura de cabelo e olhar travesso. Ambos tinham uma das mãos pousada sobre uma mulher pequena que estava à frente deles. A mulher tinha o cabelo preto e sua boca eternizara-se em um sorriso. Na frente do corpo, segurava um troféu dourado. À direita, estava o seu pai, alto e forte, uma das mãos tocando em uma vaca.

Portanto, tinha uma família. Um irmão, uma mãe e um pai. E, pelos seus sorrisos, pareciam felizes. Mas onde estavam?

Não lhe dizia respeito. Connor teria contado ele mesmo sobre a sua família, se achasse que ela deveria saber. Talvez ainda o fizesse, quando ambos se conhecessem melhor. No entanto, ela não queria pressioná-lo. Guardar ou revelar segredos era uma decisão unicamente dele.

Alex entendia aquela postura, já que ela mesma tinha os seus próprios fantasmas. Então, afastou-se da cômoda, pegou a sua mochila e saiu do aposento.

Logicamente, o quarto do lado era o que lhe havia sido reservado: grande, com um armário duplo, um espelho e uma sólida cama de pinho. A colcha era branca e cheia de babados, tipicamente feminina. Alex ficou em dúvida se aquele era um quarto de hóspedes ou se pertencera aos pais de seu anfitrião. Deixou a sua mochila sobre uma cadeira. Depois de ter dormido tantas vezes no chão e em quartos desarrumados que não tinham nada bonito, aquele lugar lhe parecia perfeito. Bonito demais, feminino demais. Definitivamente, um luxo. Não queria sujar o branco imaculado da colcha com a sua mochila. Esvaziou-a de suas roupas e guardou-as no armário. Encheu apenas duas gavetas com elas. Os produtos de higiene pessoal ficavam numa *nécessaire* de plástico: sabonete, xampu, escova de dentes e desodorante. Levou tudo para o banheiro, que ficava no final do corredor, e acomodou-os numa prateleira que estava vazia.

Na mochila restava um diário, uma caneta e uma fotografia. Deixou a fotografia dentro da bolsa, que guardou no armário, e pôs o diário na gaveta da mesinha de cabeceira, fora de vista.

Ao descer as escadas, decidiu que era melhor pôr mãos à obra. Não lhe pareceu justo que, durante os próximos seis meses, a sua única contribuição fosse marcar presença enquanto Connor fazia todo o trabalho. Ele havia se oferecido para ajudá-la e sustentá-la, não só durante a gravidez, mas também quando o bebê nascesse, apenas na hipótese de o casamento se concretizar. Aquele pensamento a fez se sentir culpada, ao pensar que a sua era a parte mais fácil do acordo. O mínimo que podia fazer era certificar-se de que Connor teria um prato de comida quente à sua espera no final do dia e uma casa limpa. Já que não a deixava trabalhar no rancho, pelo menos podia ocupar-se das tarefas domésticas.

Alex nunca havia cuidado de uma casa em toda a sua vida. No entanto, o seu destino e o do seu bebê dependiam de que o fizesse da melhor forma.

CAPÍTULO 4

NA GELADEIRA, não havia mais do que legumes e pão congelado. *Deve ter carne em algum lugar*, pensou Alex, e começou a procurar pela casa. Finalmente encontrou um freezer abandonado no porão.

Tirou um pacote no qual se lia *Costelas* e lembrou-se de quando ia à casa da sua avó quando pequena. A senhora fazia um prato delicioso de costelas com cebolas e batatas assadas. Tinha de haver um livro de receitas em alguma parte que indicasse como Alex deveria prepará-las.

Remexeu na cozinha e encontrou um pequeno caderno, que trazia a figura de uma maçã abaixo do título *Receitas da mamãe*. Abriu-o e viu milhares de receitas escritas à mão, dipostas em ordem aleatória. A de frango com molho de banana estava junta à de bolo de chocolate do papai. Os pepinos japoneses com pão com manteiga estavam seguidos dos biscoitos “venha e coma um”.

Alex deu um suspiro e o alarme do micro-ondas a avisou de que a carne estava descongelada. Ia demorar uma eternidade para fazer o jantar. No final, escolheu uma receita de nome simpático: carne suave. Em uma travessa que tirou de um armário, pôs a carne, as cebolas, água e louro que encontrou numa bandeja cheia de potes com especiarias. Acendeu o forno e pôs a travessa lá dentro. Fim da primeira etapa.

Podia fazê-lo. Podia. O fato de nunca ter aprendido a cozinhar não significava que não conseguisse fazê-lo, disse para si. Só tinha de seguir as instruções. Não devia ser assim tão difícil.

Também ia assar batatas, o que não demoraria muito tempo. E talvez devesse tentar fazer uma sobremesa. Sentindo-se motivada, pegou novamente no caderno de receitas e folheou as páginas, à procura de alguma coisa que lhe soasse mais simples. Eram as receitas da mãe de Connor, certamente aquelas repetidas com mais frequência. Parou em uma cujas marcas no papel indicavam que havia sido feita muitas vezes: bolo da mamãe. Leu o modo de preparo. Parecia fácil. Farinha, ovos, manteiga, leite, fermento, açúcar, água fervida...

Uma hora mais tarde, pôs a forma com a sobremesa no forno, junto à carne, e suspirou. As instruções tinham lhe parecido muito simples. Mas, na prática, a teoria se mostrou mais trabalhosa que o esperado. Olhou para a bancada da cozinha, branca de farinha e engordurada de manteiga.

Antes de continuar a experimentar seus dotes culinários recém-ativados, deveria limpar aquele desastre.

Estava lavando os tachos quando se lembrou de que precisava preparar a carne e também o molho.

O pequeno desastre inicial se converteu em uma hecatombe.

Quando voltou a olhar para o relógio, faltam cinco minutos para as 17h. Sentia-se exausta, mas descobriu que muito admirava as mulheres que cozinhavam todos os dias da sua vida. Compreendeu que, no seu emprego anterior, ficara com a parte fácil: servir às mesas em vez de se ocupar do cardápio!

Demorou 20 minutos para cortar as batatas e resmungou, pensando que teria de pedir a Connor que não afiasse tanto as facas. Os dois cortes que fez no dedo seriam a prova irrefutável do que ela dizia.

Pegou um saco de legumes onde estavam espigas de milho congeladas, pôs todas no micro-ondas e deixou-se cair numa cadeira ao mesmo tempo em que Connor chegou.

– Olá! – chamou ele da porta principal. – Como foi o seu dia?

Teria preferido ser devorada pelos cães do inferno, pensou Alex. No entanto, forçou-se a sorrir.

– Ótimo – respondeu.

– Sinto cheiro de bolo assando? – perguntou Connor ao entrar na cozinha.

Alex sorriu, contudo, a sua boca torceu-se ao ver como ele parecia fatigado e derrotado.

– Encontrei o livro de receitas da sua mãe.

Connor aproximou-se do fogão e deu uma olhadela na caçarola onde ferviam as batatas.

– É bom chegar em casa e não ter de fazer o jantar. Obrigado, Alex.

Não me agradeça ainda, pensou ela, incerta quanto à qualidade de sua comida. O bolo demoraria mais um pouco a ficar pronto e nem havia se animado a conferir como estava a carne. Pelo menos, as batatas pareciam boas.

– Você teve algum problema? – perguntou Alex.

Quando Connor se deixou cair numa cadeira e passou as mãos pela cabeça, ela adivinhou a resposta.

– Perdemos uma.

– Sinto muito – disse ela, com um aperto no estômago. Ele esperava uma boa refeição caseira depois de um dia ruim. Não podia confessar que nunca havia cozinhado antes. Nem pensar. Tirou a travessa do micro-ondas e, enquanto o milho dourava na tigela, escorreu as batatas.

– Não sinta. Às vezes acontece. Mas, sabe, por mais que se repita, não consigo me habituar a isso.

Alex serviu-lhe um prato com um bom pedaço de carne acompanhado de batatas e milho. Não tinha o aspecto que ela esperara, mas cruzou os dedos. Depois, serviu-se e sentou-se à frente dele na mesa.

– Espero que o outro bezerro sobreviva – disse ela.

Connor parou justamente quando pôs o primeiro pedaço na boca.

– O que houve? – perguntou ela.

Ele olhou para ela e engoliu em seco. O milho ainda estava congelado por dentro.

– Nada, nada – respondeu ele e começou a partir a carne. Ela parecia tão vulnerável, tão desejosa de agradá-lo, que não teve coragem para lhe dizer.

A carne estava mesmo suave e benfeita, mas o molho... faltava alguma coisa. Enchendo-se de coragem, Connor banhou algumas batatas nele, levou-as à boca e sentiu uma bola de farinha se formar na língua. Sorriu, porém, soube que ela havia reparado em sua reação pela forma como os seus lábios se curvaram para baixo.

– É horrível. Está tudo horrível. Não dá para comer nada disto!

– Claro que dá. Está tudo ótimo.

Alex provou o molho e fez uma expressão de asco.

– Ai, não... o que eu fiz? – perguntou em voz alta. Então provou o milho e cuspiu-o em seguida num guardanapo. – E o milho ainda está congelado. Não consigo fazer nada direito! Já não basta sua tarde ruim, ainda tem de se deparar com esta comida horrível!

– Calma, você sabe fazer muitas coisas direito – consolou-a Connor com amabilidade, e levantou-se para levar o prato ao micro-ondas, onde o deixaria por mais algum tempo. – Não é culpa sua eu ter tido um dia ruim. E sei que se esforçou para tentar fazer um bom jantar. Foi muito atencioso da sua parte, Alex.

– Não me trate como se eu fosse uma menina. Não quero ser atenciosa. Quero ser útil! – exclamou ela, frustrada.

Connor tirou o prato dela.

– O milho precisa de mais tempo para descongelar.

– Mas segui as instruções da embalagem! – gritou ela, olhando para as espigas que fumegavam.

Só o que Connor havia pedido era que ela cozinhasse quando ele retornasse, à noite. A tentativa resultou em um fracasso completo. Não era uma boa forma de começar um período de experiência para um casamento, pensou Alex.

No entanto, Connor não conseguiu evitar uma sonora risada.

– Quando você põe a embalagem toda, precisa de mais tempo – esclareceu, notando que ela havia usado legumes suficientes para vários dias.

– Mas o molho está horrível, e segui as instruções ao pé da letra!

Connor conhecia a receita da sua mãe, por isso, sabia que era necessário engrossar o molho com farinha e água. Porém, quem não tinha prática culinária sempre deixava que se formassem grânulos de farinha na mistura.

– Vou ensiná-la a fazer o molho. É preciso um pouco de treino.

Alex afastou o seu prato. Além do milho, o molho farinhento e insípido completava sua derrota por goleada. Como ia ser útil se ele teria de ensiná-la até a cozinhar? Sentia-se péssima.

Levantou-se e serviu duas fatias do bolo.

– Quer com sorvete?

– Acabou – respondeu ele. – Mas também fica bom com leite condensado. Sente-se, eu vou buscá-lo.

Depois de derramar um pouco de leite condensado por cima, Connor sentou-se e provou-o. Em seguida, afastou o prato.

– Sinto muito, Alex.

As lágrimas se precipitaram dos seus olhos. Nunca havia se sentido tão fracassada. Ela, que estava habituada a encontrar a melhor forma de fazer as coisas, era um total desastre na cozinha. Não podia contribuir com nada no acordo que tinham feito.

– O que usou para fazê-lo crescer?

– Arsênico – respondeu ela. Diante da expressão horrorizada do seu companheiro, corrigiu-se: – Fermento, como está na receita.

– Refere-se a isto? – perguntou Connor, depois de se levantar e pegar um frasco do armário.

– Sim.

– Isto é bicarbonato de sódio, não fermento.

– Não é a mesma coisa?

– Não. Prove o seu bolo que vai entender.

– Sou um fracasso total. Lamento tê-lo feito perder tempo, Connor – afirmou ela, depois de raspar a sobremesa com uma colherinha e esforçar-se para engolir. Então, levantou-se e caminhou até as escadas.

– Ei! – chamou ele. – Só porque o jantar não ficou bom não significa rompermos o acordo.

– Como não? É impossível para você comer a minha comida pelos próximos seis meses. Vai morrer de fome, isso se eu não o envenenar antes.

– Já havia cozinhado antes?

– Não.

– Então, como diabos achou que faria um banquete de reis logo na primeira vez em que se arriscou na cozinha?

– Não achei que fosse tão difícil – murmurou ela, apoiando-se no corrimão das escadas, prestes a chorar novamente. – Oh, hormônios estúpidos! Odeio chorar! Eu nunca choro!

Por sorte, Connor ignorou as lágrimas e olhou para a situação de forma prática.

– Eu sei cozinhar porque a minha mãe ensinou a mim e ao meu irmão. Não sou um grande chef, mas posso mostrar a você as noções básicas.

Alex inspirou algumas vezes para se acalmar. Só ela estava fazendo drama da situação, já que Connor parecia estar de bom humor.

– A minha mãe jamais cozinhava. Nós comíamos alimentos congelados – admitiu ela. – Mas sou ótima para abrir latas e preparar salgadinhos e aperitivos.

Connor riu e Alex sorriu. Os olhos dele eram quentes e não mostravam nenhum traço de irritação, apesar de ela ter estragado o jantar. Entendeu que Connor Madsen tinha um coração generoso. Era mais amável do que ela merecia.

– Precisa mesmo do dinheiro, não é? – perguntou ela.

Connor assentiu, deixando ver os seus olhos profundos. Continuaram muito próximos por alguns instantes e Alex perguntou-se como seria abraçá-lo e descansar no seu corpo forte.

– Precisa dele a ponto de aguentar refeições ruins e mudanças de humor causadas pelos hormônios?

– Sim – respondeu ele com um sorriso.

Alex perguntou-se há quanto tempo viveria sozinho e por quê. Qual o motivo de ainda não ter se casado? Afinal, não era por falta de charme. De fato, ela precisava se policiar o tempo inteiro para

ser prática e não se deixar sucumbir pela atração que sentia por ele. À aparência atraente de Connor, podia somar suas boas maneiras, a sua consideração, a sua compreensão e o seu temperamento calmo. Era o tipo de homem em quem poderia confiar e isso contava muitos pontos. Embora só o conhecesse há alguns dias, podia sentir a sua força e a sua integridade. Pensou que, sem dúvida, era um homem de palavra.

– Acho que vou lamentar isto.

– Sinceramente, espero que não – replicou Connor, segurando o queixo dela entre as mãos.

Alex olhou para ele à altura dos seus lábios, que tinham uma expressão séria, e não conseguiu pensar em outra coisa senão beijá-lo.

– Não é para sempre, Alex. Mas deve confiar em mim. Tem de ter fé.

– Em tão pouco tempo? Ninguém no seu juízo perfeito tomaria uma decisão assim.

– Os meus bisavós conheceram-se numa quarta-feira e casaram-se no dia seguinte. Mas a decisão agora depende só de você.

Connor afastou-se, mas ela o breiou, agarrando-o pelo braço:

– Espere.

Ele obedeceu, sem se mexer.

– Confiar não é fácil. Sabe disso, não é? Não posso errar, Connor. Preciso saber que o que faço é o melhor para o meu bebê.

Ele pôs as mãos sobre os ombros de Alex e inclinou-se para lhe dar um suave beijo na testa.

– Não teria me dito isso se não confiasse em mim – sussurrou. – Você sabe disso. É normal ter medo. Case-se comigo, Alex.

Ela fechou os olhos.

– Está bem. Para o melhor e para o pior, o período de experiência acabou. Vou me casar com você, Connor Madsen.

CAPÍTULO 5

QUANDO CONNOR entrou na cozinha, ouviu a suave melodia vinda do rádio e viu a mesa posta para dois, porém, Alex não estava ali. Levantou a tampa da caçarola e sentiu o cheiro apetitoso do molho chili. Tinha falado a verdade sobre aprender rápido. Parecia que naquela noite o jantar seria delicioso.

– Alex?

– Aqui fora.

Connor seguiu a voz até o terraço e ali estava ela, apoiada no corrimão, a olhar para o contorno das montanhas delineado pelo sol.

Ficou a observá-la. A luz do pôr do sol desenhava a sua silhueta e marcava suas curvas e, sem esperar, sentiu que o desejo o invadia. De onde saía aquela sensação? É claro, Alex era atraente, ele não era cego. Contudo, aquilo estava fora dos planos. Enrugou a testa. Há muito tempo nenhuma mulher causava aquele efeito nele. Andou tão concentrado em Windover e em fazer com que as coisas funcionassem que não teve tempo de pensar em manter uma relação. Além disso, a verdade era que nunca havia pensado sobre como viver com outra pessoa podia mudar alguma coisa. Havia passado o dia desejando estar com Alex. Lembrando na forma como os olhos dela se acendiam quando se zangava, e como era dura consigo mesma quando cometia algum erro. Era uma mulher muito independente. Porém, tinham feito um acordo e ele precisava cumpri-lo. E isso incluía manter as distâncias.

– Você está bem? – perguntou ela com voz doce.

– Sim – respondeu Connor, pondo as mãos nos bolsos, sem se aproximar. – O cheiro da comida está delicioso.

– Encontrei a receita numa lata de feijões. Eu disse que tinha jeito para fazer comida enlatada – afirmou Alex, virando-se para continuar admirando a vista.

– Hum, está progredindo – comentou ele com um sorriso.

– Espere até provar.

Certificando-se que não haveria qualquer contato corporal, Connor tomou lugar ao lado dela apoiando-se no corrimão. Mesmo com aquele pequeno abismo entre eles, conseguiu sentir seu

suave perfume de laranja, ao mesmo tempo em que o estômago galopou.

– Podemos comer mais tarde? Vamos dar um passeio. Ainda não viu nada do rancho e vai estar aqui durante os próximos meses.

Até então, o acordo tinha sido o único assunto entre eles; foram poucas as oportunidades de conversarem sobre questões mais pessoais. Podiam ser amigos e talvez ele conseguisse esquecer como Alex ficava bonita à luz do ocaso.

– Não tem problema deixarmos a comida ali? – perguntou Alex.

– Nenhum. Os feijões com chili continuarão no mesmo lugar quando voltarmos.

Caminharam até um canto extremo do terreno, juntos, mas sem se tocarem. Uma fileira de árvores e uma cerca separava-os do campo do lado. As vacas pastavam sob o crepúsculo e Connor respirou fundo.

– É parte de você – disse ela, quebrando o silêncio.

– Sim. Sempre foi – replicou ele, surpreso por ela o ter compreendido tão bem.

– Percebi. Pela forma como olha para a terra. Eu nunca tive nada parecido. E invejo você por isso.

– Como foi a sua infância, Alex? – perguntou Connor, ao reparar no tom de tristeza daquele comentário.

Alex olhou para a frente e Connor pôde observá-la de perfil. Era bonita. E tentava ser forte. Porém, havia alguma coisa na sua expressão que o fazia perceber a melancolia escondida no seu interior. Desejou poder ajudá-la. Sempre fora assim, sempre quisera solucionar tudo o que estava errado. Mas sabia melhor do que ninguém que havia coisas que não se podiam resolver.

O cheiro familiar da erva recém-cortada envolveu o ambiente.

– Os meus pais eram historiadores. Tínhamos uma casa em Ottawa. Mas quase sempre estávamos viajando.

– Você disse que estava sozinha. Onde está a sua família agora?

– Mortos. Quando tinha 18 anos, foram numa viagem de trabalho a Churchill e o avião caiu.

Estava completamente sozinha. Como ele, pensou Connor.

– Lamento muito, Alex.

Ela começou a caminhar novamente.

– Os meus pais eram muito inteligentes, mas se achavam indestrutíveis. Não tinham seguro, e quando acabei de pagar as dívidas pendentes e o meu advogado, não sobrou nada. O banco ficou com a casa. Eu arrendei um apartamento e comecei a trabalhar como balconista – confessou Alex, e tomou fôlego. Não queria revelar mais nada naquele momento. Não se conheciam tão bem a ponto de se sentir segura para contar os detalhes mais íntimos. A sua solidão. A sua tristeza por não ter tido uma infância normal. – É a história da minha vida resumida. E você, Connor? Alguma vez quis fazer outra coisa além de cuidar do rancho?

Sim, quis. Quando era adolescente, sonhava ser veterinário e planejou tudo nos mínimos detalhes. Trabalharia em Windover e Jim e ele tomariam conta do rancho quando o seu pai se aposentasse. A família o apoiou. Porém, precisou mudar todas as ideias e cuidar da propriedade sozinho, justamente quando ia entrar na universidade.

– Queria ser veterinário.

– E o que aconteceu? – perguntou ela, enquanto caminhavam.

– Eu estava em casa naquele verão. O meu pai tinha de levar o gado aos Estados Unidos e a minha mãe e Jim resolveram acompanhá-lo – começou Connor e, tentando retirar qualquer emoção daquele relato, continuou: – Estavam ao Sul de Lethbridge quando o vento fez com que a carreta saísse da estrada. Alguém disse que foi uma forte tempestade de neve. Nunca saberemos. O fato é que morreram os três.

Então um nó se formou em sua garganta e sentiu-se incapaz de continuar. Recordava aquele dia com tanta clareza quanto se tudo tivesse acontecido há poucos dias.

Dirigiu até lá e encontrou metade do gado ferido e duas reses mortas. As manchas de sangue brilhavam na estrada. Conseguiu cheirar a morte. Poderia comprar novos animais, mas sua família estava perdida para sempre. Não chegou a ver os corpos, pois já haviam sido levados para o necrotério. Num milésimo de segundo, deu-se conta de que o único sobrevivente de Windover era ele. Tudo se tornou vazio de repente. Passou a ser quase impossível trabalhar sem ouvir as brincadeiras de Jim, ou os sábios conselhos do seu pai, ou receber o apoio carinhoso da sua mãe. Havia desaparecido. Nunca entendeu o motivo pelo qual justamente ele foi poupado da tragédia. Passou anos se perguntando o que poderia ter feito para evitar o que aconteceu, ou se tinha esse poder. Em vez de acompanhá-los, preferiu passar o dia com uns amigos no Lago Sylvan.

Os seus pés pararam e sentiu-se envergonhado ao descobrir lágrimas nos olhos. Alex não disse nada, apenas apertou sua mão. Ele pigarreou.

Ela o entendia muito bem. As suas famílias eram muito diferentes, entretanto, em ambos os casos, bastou um único segundo para destruí-las.

Connor suspirou. Entendia que ela também sofrera, tal como ele. E não queria arriscar-se a desiludi-la. Por nada do mundo conseguiria aguentar o sentimento de culpa se o fizesse.

Ambos deram meia-volta na direção da casa, que se erguia solitária sob o céu.

– Não notei que havíamos andado para tão longe – assinalou ela e, durante alguns segundos, ambos pensaram no significado profundo daquele comentário.

Connor mudou de assunto.

– Este lugar... nunca pensei em partir. O meu tetravô conseguiu estabelecer-se aqui e sobreviveu a um terrível inverno.

– Como? – perguntou ela.

– Construiu uma pequena barraca no primeiro ano. Eram apenas duas pessoas, e conta-se que estavam prestes a ir embora quando o vento do Sul começou a soprar, derreteu quase toda a neve e trouxe a primavera no meio de março. O meu tetravô chamou aquele de o *vento por cima das montanhas*. Por isso, batizaram o rancho como Windover, que significa *vento por cima* em inglês.

Connor tinha raízes profundas e jamais conseguiria entender alguém tão sem origens quanto ela, pensou Alex. Havia levado vidas completamente diferentes.

– Acha que conseguiremos seguir em frente com isto?

– Refere-se ao casamento? – perguntou Connor, e ela assentiu. – Acho que somos duas pessoas realistas. Apesar de termos necessidades diferentes, parece que as nossas formas de ser encaixam.

Considerando nossas atuais situações, parece-me uma boa saída. Prática. Sei que tem as suas dúvidas, é normal. Mas, se me deixar, vou provar que pode confiar em mim...

– Provar?

O ar arrefeceu quando o sol ficou atrás das montanhas.

– Se você quiser desistir, a qualquer momento, nas próximas semanas, eu mesmo a levarei a Calgary. Demore o tempo que precisar para me conhecer e para perceber que sou de confiança.

– Mas o que acontecerá no final? – perguntou ela, engolindo em seco.

Depois de apenas dois dias, já invejava a casa de Connor, o lar com que sempre sonhara. Por um lado, não queria habituar-se ao tipo de vida que podia ter ali, em Windover, porque sabia que não seria permanente. Por outro, algo lhe dizia que devia vivê-lo profundamente, que o desfrutasse para que pudesse guardá-lo como uma bonita lembrança.

– Não tenho todas as respostas, Alex. Mas tenho a certeza de que podemos nos tornar bons amigos.

– Acha que será fácil voltarmos a ficar sozinhos?

– E você?

De repente, a ideia de viver sozinha pareceu a ela aborrecida e sem sentido. Era uma alegria saber que alguém voltaria para casa no final do dia. Dava um significado ao seu tempo, um sentido à vida. Ela teria o seu bebê quando o acordo com Connor terminasse, mas e ele, a quem teria?

– Quem sabe? Estivemos sozinhos muito tempo. Talvez a convivência nos enlouqueça e você fique superfeliz ao se libertar de mim – respondeu ela, tentando sorrir.

Connor virou-se para observá-la, de uma forma tão quente que todos os pensamentos de Alex se desvaneceram na brisa noturna.

– Você pode me enlouquecer de muitas maneiras – murmurou ele, acariciando-a na face.

Alex recuou, alarmada. Sentia o rosto a arder com a intimidade da sua carícia e pelo claro significado das suas palavras.

Então, uma caminhonete apareceu pelo caminho de terra e cascalho, levantando nuvens de pó.

Sem dizer nada, Alex e Connor atravessaram o caminho e seguiram até a casa.

ALEX ACORDOU ao amanhecer e olhou para o seu relógio. Eram apenas 5h. Esfregando os olhos, voltou a vista para a janela, iluminada pela fresca luz do amanhecer. Na noite anterior ficou tão distraída que havia esquecido de fechar as persianas. Ainda recordava o contato da mão dele, acariciando-a na face. Enlouquecê-lo? Connor tomava a dianteira nesse desafio. E lhe disse que podia desistir do acordo, voltar atrás. Era o que ela devia fazer. Sentia-se muito ligada a ele. Era um homem forte, mas também cuidadoso e compreensivo.

E tinha uma aparência bastante atraente com o seu jeans gasto. Além disso, aquele cabelo desalinhado bastava para que qualquer mulher perdesse o juízo. Devia correr com todas as suas forças na direção oposta, pensou Alex.

Mas a verdade era que aquele acordo era o melhor que podia oferecer ao seu bebê, pois não tinha como retornar ao apartamento que ocupava antes. Também havia deixado seu emprego, praticamente sem avisar.

Olhou pela janela. As cortinas brancas não impediam que a luz do dia passasse, apesar de o sol nascer do outro lado da casa. Na noite seguinte lembraria de fechar as persianas. Não queria acordar às 5h todos os dias.

Então, ouviu passos do outro lado da porta. Connor já havia se levantado? Alex afastou os lençóis e pulou da cama. Era uma boa oportunidade para descobrir do que gostava no café da manhã e como o preparava. Ela o ajudaria na cozinha e conheceria os gostos pessoais dele.

Alex desceu as escadas ainda com de pijama: short e camiseta. Quando chegou à cozinha, Connor já havia posto uma frigideira no fogão e estava inspecionando a geladeira, à procura de ingredientes. Vestia o que parecia ser o seu uniforme de trabalho: um jeans gasto e uma camiseta lisa. Alex teve uma visão privilegiada do seu traseiro e sentiu a boca secar. Resistir a ele seria um tormento.

Naquela noite, havia sonhado que ele a beijava. E não era um beijo de amigos, mas profundo, que lhe cobriu inteiramente a boca. Naquele delírio onírico, os lábios de Connor eram hábeis e suaves. As mãos dele haviam acariciado o corpo dela. Ternas. Possessivas.

Ele se virou e, ao vê-la ali tão perto, levou um susto, quase deixando cair os ovos que havia recolhido da geladeira.

Alex quis desaparecer. Estava estática no meio da cozinha, os dedos brincando perdidos sobre os lábios... e os mamilos tão rijos que chegavam a doer. Tudo por causa da visão daquele traseiro.

– Pensei que levantaria bem mais tarde.

Corada, Alex virou-se e abriu o armário para pegar os pratos. *São os hormônios*, disse para si mesma. Tinham de ser os hormônios, alterados pela gravidez, que a faziam sentir-se tão... sexual.

– Esqueci de fechar as persianas ontem à noite – comentou ela, sem olhar para ele. – Sempre se levanta cedo assim?

Connor pôs uma caixa de ovos sobre a mesa e assentiu.

– Aqui não é um escritório, onde se trabalha das 9h às 17h. Está com fome?

Sim, estava, e a culpa dessa vez não era dos hormônios. Na noite anterior, não conseguiu comer nada depois do seu passeio, apesar de os feijões com chili terem ficado bons.

– Não estou habituada a comer tão cedo, mas como ontem à noite não jantei...

As palavras flutuaram no ar, não só como uma lembrança do seu passeio, mas também refletindo uma estranha sensação de intimidade que se seguira às suas confissões pessoais. Era preciso manter a situação relaxada, pensou Alex. Não queria que as coisas se tornassem tensas ou incômodas entre eles.

– O que está fazendo? – perguntou ela, para mudar de assunto o quanto antes.

– Ovos mexidos com presunto e torradas.

– Pode me ensinar? – pediu ela, sentindo-se um pouco tola por não saber preparar uma receita tão simples aos 23 anos.

Alex queria ser útil no andamento da casa, fazer a sua parte, mas era um pouco chato que Connor tivesse de lhe ensinar tudo... certamente levaria menos tempo se ele fizesse sozinho do que se tivesse de explicá-la cada detalhe de cada coisa. Por isso, resolveu apenas prestar atenção e tentar aprender rápido.

– Claro – respondeu Connor, partindo os ovos e entregando a ela uma batedeira. – Tome, espante a luz do dia durante um minuto.

Alex sorriu de forma involuntária. Começava a compreender o senso de humor de Connor. Ele se mostrou relaxado e brincalhão, ou seja, as confissões trocadas durante o passeio noturno não haviam afetado em nada o relacionamento deles. Talvez casar-se com ele, mesmo que por tão pouco tempo, fosse divertido. Davam-se bem. E, apesar de o rancho estar muito isolado, já estava habituada a ficar sozinha. Pela primeira vez em muito tempo, teve a esperança de que as coisas corressem bem. Ela só precisaria aprender a fazer a sua parte do trabalho. E, logicamente, tentar manter a devida distância entre eles.

Enquanto Alex batia os ovos, Connor disse a quantidade de sal e pimenta que costumava pôr na mistura e ela prestou muita atenção.

Quando a manteiga derreteu na frigideira, Connor acrescentou os ovos.

– Quando começarem a borbulhar, deve virá-los – indicou, estendendo-lhe a colher de pau.

Alex ficou sem fôlego ao sentir o cheiro do seu companheiro de cozinha. Aroma de sabonete. O seu corpo era quente e firme, bem próximo por trás dela. Bem, pensou, talvez estar casada com ele não fosse assim tão divertido. Não se tivesse de passar vários meses escondendo o fato de a sua pulsação acelerar cada vez que ele estava por perto. A doce carícia da noite anterior foi apenas a ponta do iceberg.

– Está indo muito bem – disse ele, e afastou-se para pôr o pão na torradeira.

Alex mexeu os ovos para um lado da frigideira e conseguiu fritar as fatias de presunto sem problemas. Sentaram-se para comer em silêncio, enquanto a luz do exterior se mostrava cada vez mais brilhante.

– Ontem à noite telefonei para minha avó.

– Ah, é? – perguntou ela, quase engasgando com a torrada.

– Falei a ela que ia me casar. Disse que virá hoje para conhecer você.

Alex não contava com a avó. Teve a impressão de que ela não sabia que o casamento era arranjado. Provavelmente se sentiria ultrajada se descobrisse que o seu neto ia se casar com uma estranha por dinheiro.

– Por que fez isso? O acordo não falava nada de avós zangadas! – exclamou ela, entrando em pânico.

Não só era uma estranha, mas também uma inepta, pensou. Não sabia nada sobre trabalho doméstico ou sobre o andamento de um rancho. Tinha quase certeza que a idosa a consideraria inadequada. E não estava interessada em ser alvo de críticas. Não se sentia capaz de controlar todas as emoções que Connor despertava nela. A noite anterior começou com compaixão e ternura e evoluiu para luxúria e vergonha. Naquele momento, estava no estágio da raiva.

Connor não viu nenhum problema em falar com a sua avó. Afinal de contas, a ideia de ele procurar uma mulher havia sido dela mesma. Talvez não esperasse que ele fosse tão rápido na escolha, mas Johanna Madsen era uma mulher pragmática. Descobriria a verdade imediatamente. Mas, já que havia sido ela a deixá-lo naquela situação, não podia criticá-lo pela forma como estava resolvendo o problema.

Por sorte, ele sabia que a sua avó não era muito amante das convenções tradicionais. Além disso, Johanna era a sua única família, e, como tal, o seu código de honra e a lealdade familiar exigiam que fosse honesto com ela.

– Ela é tudo o que tenho, Alex.

Connor observou a expressão de teimosia pintada no rosto de Alex. Estava muito bonita à luz do dia, sem maquiagem. E ficava ainda mais bela quando os seus olhos brilhavam de fúria e as suas faces se inflamavam. Talvez fosse por causa da gravidez, mas a sua pele tinha um aspecto muito luminoso.

Mas, de suave mesmo, ela não tinha nada. Havia uma força, um ar de resolução nela que ele admirava. Alex Grayson não era um fantoche e a sua avó gostaria disso.

– Minha avó é bastante resmungona, mas me ama e entende o que estou passando. Além disso, se seguirmos em frente com o acordo, deve concordar que precisa conhecer a minha família o quanto antes. O mais importante é que se lembre de que a minha avó não se deixa enganar. É muito inteligente e saberá se você estiver sendo sincera.

Alex deixou cair o seu garfo e fez uma careta de desgosto.

– Então você achou que eu ia mentir o tempo todo? Muito obrigada.

– Claro que não. Não quis dizer isso!

– Entendi muito bem. Devo dizer a ela por que estou aqui? Porque não tenho perspectivas e topei esta farsa por causa do dinheiro? – acusou Alex, já aceitando que não conseguiria comer também naquela manhã.

– Eu não usaria exatamente essas palavras. Além disso, fui eu que pedi o favor a você.

– E que diferença faz? Ela sabe que estou grávida?

– Não.

Afinal, pensou ele, já bastava a notícia da noiva-surpresa na noite anterior. O bebê, literalmente, viria depois. Quando estivessem... bem... casados, haveria tempo para anunciar a chegada de mais um Madsen à família.

Connor engoliu em seco. Mas o bebê não seria um Madsen. Como podia ter esquecido aquele detalhe?

– Vai pensar que sou uma interesseira. Obrigada, Connor.

Alex levantou-se para deixar o seu prato na lava-louça e, de repente, as náuseas misturaram-se à sua raiva. Se continuasse naquele ritmo, não teria de se preocupar em engordar demais. Estava sempre tão nervosa que simplesmente não conseguia comer nenhuma refeição até o fim!

Apoiando-se na mesa, fechou os olhos, esperando que as náuseas desaparecessem.

– Se não contarmos do bebê, estaremos enganando-a, não acha? – conseguiu dizer, num tom acusatório.

– Vou dizer a ela, claro. Não tem como esconder. Pensei em dar um pouco de tempo para se habituar primeiro à ideia do casamento.

– Covarde – murmurou ela.

– Como?

– Não posso acreditar que tenha medo da sua avó – acusou-o.

– Esconder detalhes dela não faz de mim um covarde. Não há problema nenhum em contar à minha avó que vamos nos casar – defendeu-se ele.

Connor franziu o cenho ao ver a expressão irritada que continuava no rosto dela. Incrível. Se parecia tão zangada com a visita da avó, ia explodir quando soubesse o que mais estava por vir.

– Infelizmente, tenho uma reunião com a Associação de Agricultores esta manhã. Estarei fora durante quase todo o dia. Lembre-se do que eu disse e correrá tudo bem. Seja você mesma, Alex. Seja honesta e tenho a certeza de que ela ficará encantada – sugeriu ele, tentando acalmá-la.

– Então é assim? Você toca fogo e me deixa sozinha para apagá-lo? Ontem à noite pediu que eu confiasse em você. E hoje comporta-se desta maneira. Nem me consultou. Realmente pensou que eu estaria de acordo?

– Honestamente, não pensei que ia ser um problema tão grande. Ainda não entendi o motivo de tanto escândalo.

– Oh, mas é um problema grande. Enorme. Hoje vou ser julgada. Sozinha.

Por um momento, Connor pensou em desistir da reunião. Não achou que ela ficaria tão furiosa, mas, pensando bem, devia ter falado com ela antes de telefonar para sua avó. No entanto, descobriu um fato novo. Algo que o surpreendeu. Discutir com Alex o enchia de força. Podiam esquecer as formalidades e serem honestos. Era muito libertador.

Alex suspirou com uma mistura de frustração e resignação.

– É melhor começar a limpar, então.

Connor levou o seu prato vazio para a lava-louça. Alex continuava furiosa. Sabia disso pela forma como evitava olhar para ele e pelas suas faces coradas. Não devia se importar, mas era inevitável. Embora ficasse muito bonita quando se zangava, não queria que ela se aborrecesse com ele.

– Lamento muito, Alex. Não foi minha intenção perturbá-la com isso. Com um pouco de sorte, conseguirei estar de volta na hora do almoço e pode ser que ela ainda não tenha chegado. Ou talvez eu consiga adiar a reunião e, assim, a receberemos juntos.

Ela se virou, encarando-o com um ar de desafio.

– Consigo receber a sua avó sozinha. O que me perturba é sentir-me obrigada.

– Entendi.

– Se quer que eu fique, não faça isso de novo.

Connor não conseguiu evitar sorrir diante de tanta veemência. Ela nunca admitiria estar derrotada. Quanto mais a conhecia, mais percebia como Alex era flexível. Perguntou-se o que não havia lhe contado na noite anterior sobre o seu passado.

– Está bem.

Ele se aproximou e tocou-a na face. Algumas madeixas do seu cabelo acariciaram seus dedos. Nenhum homem no mundo seria capaz de resistir àquele arbusto de cabelo escuro.

– Desculpe-me por não ter pensado melhor antes – prosseguiu, para deixar claro o seu arrependimento. – Mas, sabe de uma coisa? É impressionante. Jamais conheci uma mulher tão corajosa quanto você. Correrá tudo muito bem.

Beijou-a na testa e saiu para cumprir as suas obrigações. Havia mentido. Sim, conhecia uma mulher mais corajosa... e Alex ia conhecê-la também, muito em breve.

CAPÍTULO 6

ALEX NÃO digeriu o pouco de café da manhã que havia tomado. Depois de um banho, vestiu uma calça limpa e uma camiseta e desejou ter algo mais bonito para usar. Lidar com uma avó não era o que mais lhe apetecia fazer. E sabia que, se não passasse no exame, havia muitas probabilidades de o casamento não ser celebrado.

Mas não podia fazer nada em relação ao vestuário restrito. Pôs mãos à obra, limpando, arrumando e aspirando. Gostou de ver como as divisões ficavam limpas e ordenadas. Parecia... quase... um lar.

Franziu o cenho. Estava ali apenas há dois dias e já começava a ver o local como se fosse o seu lar. Precisava ter cuidado e recordar que era uma situação temporária. Não devia se apegar demais, ou sentiria um grande desgosto quando fosse embora. E teria de partir. Ambos seguiriam caminhos diferentes e ela encontraria um novo lugar para criar o seu bebê, sozinha.

Mas primeiro tinha de enfrentar a avó de Connor. Aquela obrigação é que fazia seu sangue ferver. Primeiro, Connor anunciou que sua avó estava informada dos seus planos. Depois, para culminar, ausentou-se, deixando que ela lidasse sozinha com a situação. Típico dos homens!

Ah, mas ele ia pagar direitinho no tempo devido. Estava em dívida com ela por deixá-la no meio daquela confusão, sem qualquer apoio.

Começou a subir as escadas quando uma sequência de pensamentos desagradáveis a invadiu. E se a senhora resolvesse passar a noite ali? Aquele quarto que ela ocupava seria por acaso da avó? Ela, então, deveria dormir com Connor?

Ao pensar nessa última hipótese, seu estômago se encolheu. Já eram suficientemente perversas as armadilhas que a sua mente lhe preparara até então. Duvidava muito que conseguisse deitar-se por uma noite inteira junto a ele, ouvindo sua respiração, sentindo o calor do seu corpo. Não pretendia, nem queria, sucumbir à atração que sentia por ele, sempre considerando sua relação temporária e a gravidez. E o que poderia acontecer enquanto dormissem? Era bem possível que o abraçasse sem notar, e morreria de vergonha depois. Como se Connor fosse sentir-se atraído por ela, grávida de outro homem. De repente, recordou como ele a havia acariciado na noite anterior e o seu estômago

encolheu-se novamente. Talvez gostasse um pouco dela, pensou, mas alguém precisava manter a sanidade e garantir que as distâncias físicas fossem respeitadas!

Alex imaginou que poderia mudar as suas coisas para o outro quarto livre que havia na casa para que a sra. Madsen ficasse onde lhe era de direito. Já providenciava a mudança, com os lençóis limpos na mão, quando ouviu batidas na porta. Sentiu um aperto no coração. Havia chegado a hora.

Deixou os lençóis sobre uma cadeira e abriu a porta, em pânico.

– Você deve ser Alexis. Eu sou Johanna Madsen, a avó de Connor.

Alex tentou não ficar boquiaberta. Johanna era uma mulher alta e de aspecto régio; usava um conjunto de casaco e calça pretos e um lenço de seda natural no pescoço.

No entanto, olhava para ela de forma amistosa, como uma avó, e não como uma inquisidora, ao contrário do que ela estava esperando.

– Por favor, entre.

Afastou-se e Johanna entrou, carregando uma mala. Sim, ela planejava ficar, pensou Alex.

– Connor foi a uma reunião.

– Vai a muitas, com toda a plantação que há para cortar. Parece que é uma boa colheita. Ainda bem, pois precisará dela.

– Sim?

Johanna sorriu com indulgência, fazendo-a sentir-se como uma menina:

– Ele pode não vender carne, mas tem de alimentar as vacas – assinalou, pondo uma das mãos no ombro de Alex: – Vamos tomar um chá.

Alex seguiu-a até a cozinha. Johanna mal havia chegado e já parecia controlar tudo. Não sabia se devia sentir-se ofendida ou aliviada, e parou à porta, sem saber o que fazer.

Johanna preparou a chaleira e ajoelhou-se com a cabeça dentro do armário para procurar os saquinhos de chá. Ao vê-la daquele jeito, como se fosse uma genuína esposa de rancheiro, Alex sentiu-se uma impostora.

– Bem, quando nasce o bebê, Alexis?

Alex ficou boquiaberta, paralisada. Johanna pôs a água na chaleira, sem hesitar, como se acabasse de perguntar a previsão do tempo. Connor disse que havia evitado o assunto. Então, como descobriu? A camiseta que vestia era comprida e nada mostrava da barriga, que ainda estava num tamanho normal.

– Sra. Madsen...

– Oh, querida, nada disso. Pode me chamar de vovó ou Johanna, como preferir.

Alex calou-se. A mulher à sua frente transmitia uma aura de poder e competência que a intimidava. Ao mesmo tempo, parecia ter os pés no chão e não era nada artificial. Johanna arqueou as sobrancelhas com ar interrogativo diante do silêncio incômodo.

– Sra. Madsen – continuou Alex, mantendo o formalismo como um escudo. – Sinto muito. A sua pergunta me pegou de surpresa.

– Está grávida, não é verdade? – voltou a perguntar Johanna, virando-se enquanto punha leite e açúcar numa bandeja ao lado da chaleira.

Alex sentiu-se tensa. Era melhor contar logo toda a verdade.

– Sim. Estou de 14 semanas.

– Connor me disse que se conheceram na sexta-feira – disse Johanna, em tom interrogativo, encimando a chaleira na bandeja.

Alex corou. *Vou me casar com o seu neto, que conheço há menos de uma semana*, pensou em dizer. Hesitou por um momento, prestes a subir ao seu quarto para arrumar a mochila e partir.

– Sim. Desmaiei na cidade e ele se apressou em me ajudar – respondeu, por fim.

– Oh, o meu menino. Isso me lembra Lars – comentou Johanna com um sorriso terno que a surpreendeu.

– Lars? – perguntou Alex, intrigada com o aspecto radiante que acabava de surgir no rosto da idosa.

– O meu marido, avô de Connor – afirmou ela, levando a bandeja para a mesa.

Sentaram-se à frente uma da outra e Johanna serviu o chá. Alex sentiu muita curiosidade por saber mais sobre o homem capaz de dar ao rosto de Johanna aquele aspecto tão doce. Queria acreditar que viera em paz, mas, até estar certa disso, devia ter muito cuidado.

– Lars era o homem mais nobre que conheci. Eu tinha 15 anos quando nos conhecemos. Andava de bicicleta, sabe? Caí e machuquei o joelho. Lars me viu na estrada – explicou, com um sorriso quente ante a lembrança. – O pai dele, bisavô de Connor, tinha comprado um caminhão para a fazenda. Lars carregou-o com a bicicleta e me levou para casa. Tinha 23 anos e era... oh, tão bonito. Connor é parecido com ele.

Então, Johanna segurou sua xícara e observou Alex, que se revolveu na cadeira, incomodada. Claro que Connor era bonito, o que podia dizer? Admiti-lo em voz alta era o mesmo que confessar uma atração que não desejava tornar pública, mas, por outro lado, ficar em silêncio poderia soar ofensivo.

– Sim, Connor é muito bonito. Só uma cega não veria isso – afirmou Alex, tentando não revelar os seus sentimentos.

– Os homens Madsen são assim. Há uma fotografia dos avós de Lars no dia do seu casamento em algum lugar. O avô dele também era muito bonito. Foi ele que se estabeleceu aqui. Veio da Noruega, pois o governo oferecia auxílio para quem chegasse, e começou uma nova vida na América. O rancho sempre pertenceu à família – explicou Johanna. – E aqui está você. Sei que não é um casamento normal. Estou curiosa, por que concordou em se casar com um homem que mal conhece? Quanto dinheiro espera ganhar com isto?

– Desculpe? – Alex largou sua xícara, confusa com a repentina mudança de rumo da conversa. De repente, entendeu que a amabilidade e simpatia iniciais de Johanna foram apenas uma estratégia. Sentiu-se indignada. Ela não era uma pessoa ruim e a situação não era tão fria quanto Johanna imaginava.

– O que espera ganhar, Alex? Porque ser a esposa de um agricultor não é uma vida fácil, posso garantir.

Johanna lançou um olhar interrogativo. Alex nunca tinha visto uma mulher tão composta; não havia um único fio de cabelo fora do lugar e nenhuma ruga na sua roupa, apesar de ter passado quase duas horas no carro. Sentiu-se como uma menina repreendida por ter feito alguma coisa errada e quis livrar-se de tal sensação. Não cometera erro algum. A não ser se apaixonar pelo

homem errado no passado, o que agora gerava consequências. Mas tentava resolver os seus problemas da melhor forma possível. Não merecia ser julgada.

– Não pretendo ser a esposa de um agricultor – afirmou, deixando cair o seu biscoito. – E dizer que estou extorquindo seu neto é uma acusação que me magoa. O único motivo pelo qual estou fazendo isso é garantir segurança para mim e para o meu bebê.

Podia simular viver naquele ambiente tão seguro e tradicional durante alguns meses. Ter um marido e uma casa, sem se preocupar em pensar de onde viria a refeição seguinte. Era uma farsa, mas precisava desesperadamente sentir que não estava sozinha, mesmo que fosse por um breve período. Mas como ia explicar tudo àquela mulher? Johanna jamais conseguiria entender como se sentira deslocada e abandonada durante a maior parte da sua vida.

– Eu era só uma garçonne, sem casa, futura mãe solteira, quando Connor me conheceu – explicou Alex, acrescentando que foi ele quem havia proposto o acordo. – Ele quer salvar Windover e, se nos casarmos, poderá receber sua herança. Quando o bebê nascer, iremos nos separar e ele continuará a me ajudar até que eu consiga sobreviver sozinha.

Alex não empregou a palavra *divórcio*, embora fosse o termo adequado. Achava-a fria e odiosa. Também não desviou os olhos dela enquanto falava. Não queria aborrecer Johanna, mas também não permitiria que a chamasse de interesseira.

– E, para deixar tudo muito claro, foi Connor quem me procurou, não o contrário. Eu não estava pensando em nada, se é o que está sugerindo.

– Já imaginava – assinalou Johanna, sem revelar os seus sentimentos. – Mas queria ouvi-lo da sua boca. Está fazendo isso pelo seu bebê. E o pai?

Alex deu um salto. Ryan havia sido realmente encantador. Apaixonou-se por ele muito rapidamente, disposta a preencher logo a sua grande necessidade de afeto. Porém, no fundo, sabia que não era o tipo de homem com quem pudesse ter uma relação duradoura. Quando o informou da gravidez, Ryan desapareceu. Em outra época, teria ficado contente por se desfazer de alguém como ele, mas daquela vez foi diferente. Estava novamente sozinha, mas tinha um bebê lindo e inocente em quem pensar. Um bebê a quem queria dar uma vida estável e segura.

– O pai biológico é um cafajeste que me abandonou. Não quero saber dele.

– O que você quer de fato, Alex? – inquiriu Johanna, depois de deixar a sua xícara na lava-louça.

Um lar, pensou Alex. Não podia esquecer que aquele ali era apenas temporário. A proposta de Connor possibilitaria que ela construísse o seu próprio, um lugar seguro para o bebê. O seu filho seria sempre uma prioridade e sempre se sentiria amado. Queria dar a ele tudo o que ela não teve.

– Quero uma vida feliz para o meu bebê. Quero dar a ele um lar. Um lugar onde se sinta amado e seguro.

– É uma resposta muito boa – afirmou Johanna, aproximando-se dela e pousando-lhe uma das mãos sobre o ombro.

Alex sentiu o toque quente da mão de Johanna e percebeu o quanto sentia falta do contato humano. Não se lembrava da última vez em que havia recebido um abraço...

– Obrigada...

– Há quanto tempo? – perguntou Johanna.

– O quê?

– Querida, há quanto tempo não se sente amada?

Alex sentiu as lágrimas rolarem de seus olhos de uma forma tão repentina que não conseguiu segurá-las. Johanna a abraçou e ela chorou nos seus braços. Era a segunda vez naquela semana, depois de anos de fortaleza, sem demonstrar qualquer sentimento. Estava sozinha e assustada. O fracasso a aterrorizava. Temia não ser suficiente para o seu filho. Tinha medo do futuro incerto.

Ofegante, tentar conter as lágrimas e recompor-se.

Foi quando Connor chegou e parou abruptamente ao ver aquela cena. A visão da sua noiva e da sua avó juntas mudou algo dentro do seu coração.

CONNOR CONDUZIU o trator para um lado do terreno, onde o estacionou. Amanhã continuo, pensou, e voltou para casa.

O almoço na Associação foi tenso. Connor havia encerrado a reunião o mais rápido possível para retornar antes da chegada de sua avó, mas atrasou-se. Depois de surpreendê-las na cozinha, esperou um pouco e foi encontrar Alex no banheiro, lavando o rosto e recuperando o controle. Ela o recebeu com um sorriso, desculpando-se por ainda não ter preparado o jantar. Mas o que o interessava saber era o que Johanna havia feito para deixá-la naquele estado.

Por outro lado, ficou claro que a sua avó aprovava Alex, por mais estranha que fosse a situação, pensou Connor.

– Essa moça já sofreu bastante – ela o havia prevenido, enquanto Alex estava no banheiro.

Connor não pretendia magoar Alex. De fato, quanto mais a conhecia, mais queria protegê-la. Tinham feito um acordo que beneficiava a ambos, mas o problema é que vinham de mundos muito diferentes.

Podia ser seu amigo, e nada mais. Isso, se quisesse ser justo.

– Tenha muito cuidado, querido. Não a magoe – aconselhou sua avó, mais tarde. – Nunca vi ninguém tão necessitado de amor e afeto quanto essa moça.

Ao descer, Connor já não viu mais a sua avó ali. Foi procurá-la no quintal, mas percebeu que o carro dela também havia desaparecido. Talvez tivesse voltado para Calgary. De repente, sentiu-se renitente por ficar a sós com Alex e parou, hesitante, à frente da porta da sua própria casa.

Alex carregava o cesto da roupa para lavar quando ele entrou novamente na casa. Ambos se olharam, surpreendidos.

– Minha avó já foi?

– Não. Deixou a mala em um dos quartos. Está se preparando para ficar um bom tempo – respondeu Alex, achando graça.

– Oh! – exclamou Connor, um pouco incomodado. – Ela vai ajudá-la um bocado.

– Sim! – concordou Alex, com um sorriso. – Estava muito preocupada com a sua visita. E houve alguns momentos tensos. Mas quando soube do bebê...

– Soube? – perguntou Connor, surpreendido. Johanna só o havia prevenido para não magoar Alex, mas em momento algum mencionou a gravidez.

Ali estava Alex, alegre e sem preocupações. Pela primeira vez, Connor viu que não havia nenhuma tensão no seu rosto, o que a deixava ainda mais bonita, pensou ele.

– Sim. Devo ter respondido às suas perguntas de forma satisfatória. Está iniciando os preparativos do casamento.

De repente, Connor recordou as palavras da sua avó: *Não a magoe. Nunca vi ninguém tão necessitado de amor e afeto.* Imaginou outra reação de Johanna quando soubesse que Alex estava grávida, mas, ao contrário, resolveu ficar no rancho.

– É cedo demais?

– O quê? – perguntou ele, voltando ao presente. – Oh, não, claro que não. Estou surpreso, só isso.

– Eu também fiquei. Mas conversamos muito. Sua avó é uma mulher incrível. Disse que entendia minha inabilidade na cozinha e, quando confessei que não sabia cuidar do jardim, se prontificou a me ajudar.

– Ah, é?

– Disse também me ajudaria a preparar o casamento.

As coisas estavam fugindo de controle, pensou Connor. E tudo sob o olhar de aprovação da sua avó. Casamento, jardins, bebês... sim, sua avó era maravilhosa. Mas também ardilosa. Se resolveu ficar, era para poder intervir. E ele não podia pedir que ela fosse embora. Alex estava radiante pela ajuda inesperada, bem como Johanna lhe faria companhia durante o dia. Ficaria quieto, mas manteria os olhos bem abertos. Não deixaria que a avó bancasse a alcoviteira.

Além disso, quanto menos tempo passasse com Alex, melhor, admitiu ele. Porque, mais cedo ou mais tarde, cairia na tentação de beijá-la, o que só complicaria a situação.

– Pelo visto, ela já te deu a primeira lição de cozinha – disse ele, mudando de assunto e olhando para as caçarolas que ferviam no fogão.

– Sim. Mas falou que ia jantar na vila com uma amiga e para não a esperarmos.

– Deve ter ido se encontrar com Millie – comentou Connor, referindo-se à melhor amiga da sua avó. Provavelmente o assunto da conversa seria o seu casamento, o que causaria alvoroço na vila no dia seguinte.

Imaginando aquele cenário, Connor percebeu que não estava muito preocupado. Por um instante, olhou para Alex e imaginou-a vestida de branco, com o seu cabelo preto solto, e ficou sem fôlego. Então Alex acariciou a barriga e ele sentiu o coração encolher.

Estava tão carente de amor quanto ela... mas não podia, não queria satisfazer a necessidade da jovem. Ela iria embora e ele nunca poderia abandonar Windover.

CAPÍTULO 7

— **M**IKE VEM hoje para tomar conta do rancho para mim. Tenho de ir à Associação de Agricultores depois do almoço.

Connor falou tentando esconder o mau pressentimento que o invadia. Sabia que estava lutando em uma batalha perdida. A origem da epidemia bovina vinha sendo investigada e, se a associassem ao seu rancho, teria de sacrificar todo o gado. Se isso acontecesse, era o fim de Windover, e nem o dinheiro da herança poderia salvá-lo. Olhou para as torradas do seu café da manhã, mas não conseguiu comê-las. Se Windover ficasse arruinado, teria de liberar Alex do acordo, pensou. No entanto, não estava preparado para perder nem um, nem outra. Havia feito uma promessa e ia cumpri-la, custasse o que custasse.

– Temos de ir às compras – assinalou Johanna.

– Comprei legumes ontem – afirmou Alex, confusa.

– Não me refiro a isso, mas de roupas. Você precisa de um vestido de casamento e esse jeans já está um tanto apertado.

– Estou bem com ele – replicou Alex, corando.

– A vovó tem razão – interveio Connor. – Desculpe por não ter notado antes, andei muito...

– Ocupado. Não importa.

Connor reparou que Alex usava o mesmo conjunto de jeans e camiseta de sempre. Ela não admitiria, mas precisava de roupas novas, que, ele sabia, nunca iria pedir. Mas ele havia prometido cuidar das suas necessidades.

Chovia lá fora. Connor combinara encontrar-se com John, Cal e Rick, que eram rancheiros como ele e também tinham muito a perder com a crise do gado.

– Por que não vão hoje à tarde? Posso levar vocês quando for à reunião e depois as busco de volta.

– Não quero incomodar, Connor – disse Alex.

– Incômodo nenhum. Mas não esperava que fosse se recusar a ir às compras! – brincou ele.

– É demorado escolher um vestido de noiva, e também precisamos de roupas de gestante. Será necessário pelo menos de um dia inteiro, querido – interveio Johanna.

– Podemos ir agora, então – ofereceu-se ele.

– Não precisa mesmo, Connor – protestou Alex.

– Bobagem. Acho uma ótima ideia irmos agora pela manhã. Depois do almoço, você nos deixa lá na cidade e se livra de visitar a loja de noivas – comentou a avó, piscando um olho.

Ir às compras não era bem a sua ideia de diversão, pensou Connor, contudo, ao olhar para Alex, leu a emoção no seu rosto. Quando teria sido a última vez que alguém a levara às compras?, pensou.

– Eu concordo se você também concordar, Alex.

Nunca, ele mesmo respondeu ao que se havia perguntado. Alex mostrava-se animada com a novidade. Porém, hesitou porque não tinha dinheiro, e não queria aproveitar-se da situação, nem deixar que eles pagassem pelas compras.

– Estou certa de que Connor quer vê-la usando algo diferente de jeans e camiseta – insistiu Johanna.

– Sim, e você merece – assinalou Connor, olhando para Alex com aprovação.

Alex sentia não merecer nada, nem costumava deixar que pagassem as suas despesas. De jeito nenhum queria passar a impressão de ser uma folgada, que se aproveitava da generosidade alheia.

– Bem, está decidido – afirmou Johanna. – Vamos no meu carro, Connor. Ele é mais fácil de estacionar do que o seu utilitário.

Alex sentiu que estavam decidindo por ela, mas não quis discutir. Além disso, a verdade é que realmente precisava de roupas novas. Naquele ritmo, muito em breve, mesmo aquele conjunto surrado ficaria apertado e imprestável para uso.

– Vou me arrumar – disse Alex com voz fraca, não muito convencida de que era uma boa ideia.

CHEGARAM A um centro comercial justamente quando as lojas começavam a abrir.

– Precisa de roupas de gestante – indicou Johanna, levando Alex pela mão até à primeira loja.

– Só o básico – replicou Alex, olhando para Connor e perguntando-se por que razão ele teria insistido em acompanhá-las.

Alex não queria ser acusada de abusar. Deu uma olhada rápida à sua volta, impressionada com tantos conjuntos bonitos que havia ali. Logo sua barriga estaria redonda e volumosa. A ideia de comprar roupas próprias para gestantes cristalizou a ideia de que ia ser mãe. Em poucos meses teria entre os seus braços um pequeno ser para amar e cuidar.

– Está tudo bem? – perguntou Connor, tocando-a no ombro.

– Sim... acho que a ficha ainda não caiu. Vou ser mãe! – respondeu ela, rindo.

– Estava ficando pálida e... gosta da ideia ou isso a assusta?

– Um pouco dos dois – respondeu ela, rindo e sentindo-se agradecida por ele estar ali.

Connor era o seu aliado, pensou.

Então, Johanna a chamou, exibindo uma penca de cabides nas mãos, cheios de roupas.

– Estou sendo convocada – disse Alex, sorrindo, a Connor.

– Pelo olhar da minha avó, parece que ficará ocupada durante algum tempo. Vou buscar um café.

– Tudo bem, por mim – respondeu Alex, sem conseguir deixar de olhar para ele.

Ambos ficaram parados, perdendo-se nos olhos um do outro, até que Johanna entrou em cena.

– Vamos. Experimente estes. Acho que talvez prefira um traje mais informal.

Então Connor afastou-se e Alex foi conduzida para o provador. No final, escolheu dois pares de calças, várias camisetas de algodão, um bonito pijama branco e um vestido para ocasiões especiais.

– É muito caro – comentou Alex, enquanto Johanna assinava a conta paga com o seu cartão de crédito.

– Bobagem. Alex, você precisa destas roupas, e é um prazer poder comprá-las. Não tive filhas e é uma satisfação pagar por uma peça cor-de-rosa, bem feminina. Deixe a vovó se divertir também.

– Agradeço muito. Mas normalmente sou eu quem compro minhas próprias coisas...

– Já está pago, com o trabalho que vem tendo no Windover. Está se esforçando para ser o que Connor precisa, e isso não tem preço. E sei que ele está de acordo.

Esforçando-se, como? Fazendo uma comida intragável? Era uma estranha que não entendia nada sobre a vida em um rancho. Alex tinha a impressão, ou quase certeza, de que, até então, só ela estava se beneficiando do acordo, uma vez que não oferecia nada em troca. Johanna ali estava, tratando-a como uma neta. Ela, tão desesperada para ter um lar, não conseguia resistir mas, por dentro, sabia que isso só tornaria tudo mais doloroso quando tivesse de partir.

– Vamos, você precisa de sapatos – assinalou Johanna.

Connor as esperava do lado de fora da loja e, quando saíram, estendeu-lhes a cada qual um copo de café, o de Alex, descafeinado. A jovem sentiu-se agradecida pela consideração.

Na sapataria, ele aproveitou a oportunidade e comprou uns modelos mais esportivos, outros para ocasiões mais formais, além de um calçado de cetim branco para o casamento.

Também compraram meias e lingerie. Ao meio-dia, estavam carregados de sacolas. Do próprio bolso, mesmo, Alex havia pago algumas camisetas para Connor. Não admitiria que voltassem para casa sem que o tivesse presenteado de alguma forma.

– Estou desmaiando de fome. Vamos comer – propôs Johanna, dirigindo-se para um restaurante próximo.

Ela foi ao banheiro e, nesse momento, Alex aproximou-se de Connor.

– Deixe-me pagar o almoço, por favor – ofereceu, pensando no dinheiro que lhe restara depois de comprar as camisetas.

– Não precisa fazer isso – respondeu Connor.

– Mas eu quero. Não me sinto bem servindo como alvo de caridade – afirmou ela, visivelmente envergonhada.

– Não é caridade. Eu também tiro proveito de tudo isto, não lembra? Você está me ajudando, Alex. Neste momento, toda minha esperança repousa em seus ombros – afirmou Connor, cobrindo a mão dela com a sua.

– Então deixe-me pagar o almoço. Já fizeram muito por mim – insistiu ela, engolindo em seco ao sentir o toque quente da mão dele.

– Hum, tudo bem. Mas já aviso que vir às compras abriu meu apetite.

– Agora que os enjoos acabaram, acho que conseguiria comer sem parar – disse ela, rindo.

– Sabe, Alex, devia ter pensado nisto antes. Não acho certo que fique me pedindo dinheiro para tudo. Você terá de comprar coisas, para você, para a casa, para o bebê. Vou arranjar um talão de

cheques e um cartão de crédito para você – prometeu ele, sem deixar de acariciá-la na mão.

Confiaria nela tanto assim a ponto de lhe dar um cartão de crédito? Alex tentou disfarçar a sua surpresa pegando um copo d'água.

– Eu falei alguma coisa errada? – perguntou ele, notando a estranha expressão de Alex.

– Não, claro que não. Estou surpresa, só isso.

– Há algum motivo pelo qual não deva confiar em você? – perguntou ele, adivinhando a resposta.

– Não! – exclamou Alex. – É só que...

Como podia explicar o que aquilo significava para ela?

– A mim, parece adequado – explicou ele. – Eu a fiz largar seu emprego prometendo que tomaria conta de você.

– É mais do que esperava. Você e sua avó foram muito generosos comigo. Ela pagou tudo esta manhã. Não estou acostumada com esse tipo de coisa.

– Não se sinta culpada. A minha avó está se divertindo muito. Há muito tempo não vinha fazer compras... ela e minha mãe eram grandes parceiras nessa atividade.

– Elas se davam bem?

– Sim. A minha avó sempre dizia a ela: *Melissa, você é a minha filha preferida*. Vovó só teve o meu pai, mas acho que sempre quis ter uma menina. E acho que também espera uma neta para mimar.

Alex sorriu. Invejava Connor por ter boas lembranças da família. Ela não tinha essa sorte.

– Minha mãe e vovó sempre iam juntas às compras... Às vezes elas saíam para comprar coisas simples, como material escolar para mim e meu irmão. Divertiam-se muito. Meu pai dizia que era uma desculpa para ficarem juntas.

– E hoje, você veio por quê?

– Pensei que seria divertido trazê-las – assinalou ele, enquanto Johanna se aproximava.

– Já pediram?

– Esperávamos por você.

– Ufa! Tantas compras abriram meu apetite. Não me divertia tanto desde... – disse Johanna, interrompendo-se.

– Connor me contou que você e a mãe dele costumavam fugir para irem às compras juntas – comentou Alex, notando que começava a tratar Johanna com intimidade.

– Oh, sim! Voltávamos sempre com mais coisas do que precisávamos, mas era divertido. Você é muito parecida com ela, sabe?

– Sou? Não acredito – replicou Alex, a surpresa exposta no rosto.

– Pode acreditar. Cabelo escuro, olhos bonitos. E você também é forte. Teimosa. E tem um grande coração, Alex, notei assim que a conheci. De acordo, Connor?

Alex baixou o olhar, surpreendida pelos elogios e pela tentativa de interceder na sua relação com Connor. Ele também a veria daquela forma?

Connor saiu pela tangente, recorrendo ao seu senso de humor:

– Concordo na teimosia – afirmou, e contou como Alex se esforçou para cozinhar no primeiro dia. – Mas funcionou. O jantar de ontem estava delicioso.

Alex aceitou o elogio com um sorriso. Mas ficou em dúvida se ele realmente a achava parecida com a mãe ou se apenas estava agradando a avó, e até onde tal comparação seria boa ou ruim. Conseguiria conviver com eles mantendo sua individualidade ou ficaria eternamente sendo medida e avaliada? Sentia-se como parte da família, incluída e bem-vinda... e tudo isso antes do casamento.

Johanna mudou de assunto e começou a perguntar detalhes sobre os preparativos da cerimônia. Depois do almoço, Connor as deixou sozinhas, dizendo que voltaria mais tarde. Então, as duas mulheres entraram numa loja muito chique, com vestidos de noiva expostos em manequins na vitrine.

– Posso ajudar? – ofereceu uma moça à entrada, elegantemente vestida.

– Sim. Sou Johanna Madsen e ela é Alexis Grayson. Queremos comprar um vestido de noiva.

– Parabéns! Entrem.

Alex ficou calada enquanto Johanna e a vendedora debatiam o tipo de vestido que cairia melhor nela. Nunca havia entrado numa loja daquelas! Era possível encontrar modelos de vários tipos, de cetim branco e creme, com todo o tipo de enfeites delicados.

Só que ela não era uma noiva, mas uma impostora. O casamento não era de verdade, e fingir em relação a ele parecia um sacrilégio. Não merecia usar um vestido branco. Puxou o braço de Johanna.

– Espere um minuto, por favor – disse Johanna à vendedora.

– Não posso fazer isto – garantiu Alex. – Não é certo. O casamento é uma farsa. Não é direito gastarmos tanto dinheiro em algo que só vai durar poucos meses. Vamos escolher um vestido simples, mais barato. Será suficiente. Por favor.

– Tudo bem. Mas se você aparecer com um vestido de jornal, as pessoas vão suspeitar de verdade. Deve pelo menos usar um vestido decente. É isso que os amigos e vizinhos de Connor vão querer ver.

Era uma batalha perdida e Alex sabia. No fundo, queria que Connor estivesse orgulhoso. Queria ver o brilho de aprovação nos seus olhos no dia do casamento.

– Hum, tem razão. Mas nada muito caro, por favor.

Johanna foi conversar com a vendedora e, em menos de um minuto, Alex estava no provador com três vestidos de noiva. Não gostou dos dois primeiros, mas adorou o último. Saiu sorrindo e exibindo o de sua preferência.

Não tinha alças e o seu corpo ajustava-se perfeitamente ao tecido sob o peito, com uma fita de cetim marcando os seios. A parte de baixo chegava ao chão, com uma dupla saia de organza que lhe dava um toque romântico. Era simples e impressionante. Além disso, escondia perfeitamente a barriga.

– Vá experimentar os sapatos – murmurou Johanna, tentando esconder a emoção.

– Eu adorei – afirmou Alex, depois de calçar as sandálias.

Mas, ao ver a etiqueta com o preço, sentiu-se perturbada:

– Não posso deixar que as compre, Johanna.

– Pode e vou fazê-lo – respondeu a senhora com ar decidido. – Não vai se arrepender, te garanto.

– Precisa de pequenos reparos. Podemos encomendar um para dentro de oito semanas – informou a vendedora.

– O casamento é em alguns dias – assinalou Johanna e, olhando para Alex, acrescentou: – Vá trocar de roupa, eu resolvo tudo.

Meia hora depois, estavam no carro, atulhado de roupas de gestante, e com um vestido de noiva no banco de trás.

AO VER Alex alegre e relaxada, Connor achou melhor não perguntar o que havia no plástico que ela havia carregado para o quarto. Era um homem inteligente e perspicaz.

Por alguma razão, a sua avó e Alex pareciam se dar muito bem. As refeições eram divertidas; a conversa fluía e as duas mulheres o mantinham informado sobre os detalhes do casamento. Ele, por sua vez, não estava muito interessado. Só queria uma cerimônia pequena e agradável, íntima e simples.

Os dias de verão eram longos e mantinham-no tão ocupado que mal conseguia pensar em alguma coisa que não fosse o seu trabalho. Além de tratar do gado, recebia muitos telefonemas e mensagens de e-mail referentes à crise. As fronteiras americanas estavam fechadas à carne canadense e outros países começavam a adotar o mesmo embargo. Alguma mudança devia acontecer, o mais breve possível, pois sua conta bancária diminuía em ritmo acelerado. Mas a verdade é que não havia nada a fazer. Todos os rancheiros esperavam o veredicto da investigação sobre a origem da doença. Enquanto ele não saía, rezavam para que a criação não tivesse de ser sacrificada.

O único momento do dia em que relaxava era quando voltava para casa, à tarde, e encontrava Alex e Johanna o esperando. A conversa alegre e gargalhadas de ambas aliviavam a sua pesada carga.

Um dia, fechou-se no escritório para trabalhar no computador. A sua contabilidade revelava preocupação. Suspirou e desejou poder juntar-se a Alex e à sua avó para ver televisão. Mas relaxar, agora, era impossível. Tinha de fazer contas, descobrir uma forma de poupar um pouco mais.

– Foi um longo dia, hein?

A voz de Alex interrompeu-o e ele se sentiu agradecido ao ouvi-la.

– Muito.

– Posso entrar?

– Claro que sim.

– Esqueci de te dar uma coisa no outro dia. É bem simples, mas... – começou ela com um sorriso, estendendo uma sacola na qual havia um par de camisetas. – Achei que precisava renovar seu guarda-roupa.

– Camisetas – disse ele, olhando para a sacola e sorrindo. – Não precisava se incomodar.

– Não ia ficar comprando o tempo todo sem trazer nada para você. Gostei delas...

– São bonitas. Agradeço a lembrança e o presente. Há muito tempo que ninguém me dava nada fora do meu aniversário.

Alex olhou para o computador e viu os livros de contabilidade abertos sobre a mesa.

– As coisas estão complicadas, não é, Connor? Posso ver o estresse desenhado no seu rosto.

– Estão muito complicadas. A indústria da carne está cada vez pior.

– Acha que conseguiremos salvar o rancho? O dinheiro da sua herança ajudará?

Connor sentiu a garganta seca. Ela havia dito *conseguiremos*, não *conseguirá*. Ficou em dúvida se aquela inclusão era boa ou má.

– Ajudará um pouco, mas, sinceramente, não sei – admitiu ele.

Alex assentiu e ele leu a incerteza na sua face.

– Alex, não importa o que vai acontecer com Windover. Eu fiz uma promessa a você. Disse que trataria de você e do seu filho e irei cumpri-la.

– Sempre mantém as suas promessas, não é? Não se preocupe conosco. Estamos todos juntos no barco – assinalou ela, aproximando-se, as faces levemente coradas. – Se ajudar, podemos solicitar a presença de um Juiz de Paz aqui no rancho para officiar o casamento. Johanna está planejando uma cerimônia pomposa demais, e isso não é necessário.

Connor queria que o casamento fosse bonito, ela merecia depois de tudo o que havia passado na vida. E também como um sincero agradecimento pelo esforço que vinha fazendo para que o plano funcionasse.

– As despesas do casamento não são tão grandes assim. Não haverá problema nenhum em celebrar uma pequena cerimônia íntima. Além disso, vovó está se divertindo um bocado.

Alex apoiou-se na mesa e Connor reparou na sua cintura, um pouco mais larga. Perguntou-se como estaria o bebê. Ao olhá-la novamente, agora nos olhos, encontrou-a sorrindo, feliz, em paz.

– O menino está crescendo.

– Já percebi – afirmou ele, confuso com a afirmação de que era um *menino*.

– A cada dia me sinto mais forte. Estou contente por ser mãe, não esperava isso. Acho que devo agradecê-lo.

– A mim? O que eu tenho a ver com isso?

– Não tinha a menor ideia do que ia fazer quando soube que estava grávida. Quando Ryan me deixou, imaginei que teria de passar por tudo sozinha. Mas você... ficar aqui me ajudou muito. Não sei por qual motivo exatamente: se o rancho, se o ar livre, se a simpatia com que todos me tratam. Mas agora não tenho medo. Não me sinto sozinha. Obrigada por isso.

Mas as palavras de Alex, em vez de relaxá-lo, tiveram um peso imenso sobre Connor. Durante anos, sentiu-se responsável por tratar do rancho sozinho. Agora, era também responsável por aquela moça, tão sofrida quanto ele, e pelo seu bebê.

– Parece esgotado – assinalou ela e, sem pensar, acariciou o rosto dele com os dedos. – Por que você assume tantos problemas?

– Porque mais ninguém pode assumi-los por mim – replicou ele, com voz preocupada.

– Hum, isso foi antes. Deixe-me ajudá-lo, Connor, tal como você me ajuda.

Ele a puxou pela mão e a sentou em seu colo. Ela o rodeou com os braços e, de forma instintiva, Connor a abraçou pela cintura.

Era uma mulher quente, sólida e muito feminina. Alguém em quem podia se apoiar e não se sentir decepcionado, pensou Connor.

– Assim – sussurrou ele, sabendo exatamente do que precisava.

Ela se aninhou no seu abraço e ficaram sentados à luz do entardecer, até que o sol se pôs e a lua apareceu por cima da pradaria.

CAPÍTULO 8

CONNOR MANTINHA-SE parado em um canto da loja, enquanto o vendedor tirava suas medidas de maneira frenética. Acatava o pedido da sua avó. Ele pensou em usar um dos ternos que já tinha, mas Johanna o demoveu da ideia e insistiu para que comprasse um novo. Pelo menos, não havia pedido que usasse um fraque. Então, ele escolheu um terno preto liso de um tecido suave, com uma camisa branca imaculada e gravata azul-clara de seda. Não estava habituado a vestir-se daquela maneira, mas tinha de admitir que parecia muito elegante.

Primeiro, pensou em recusar a sugestão, mas concordou, lembrando de como Alex ficaria maravilhosa vestida de noiva. Tinha na mente a forte imagem dela sentando-se no seu colo sem dizer nada, apenas estando presente, e soube que valeria qualquer esforço por ela.

A semana anterior ao casamento passou voando para Connor, que não teve nem um momento de descanso. Em vez de se preocupar com o rancho, não conseguia deixar de pensar que ia se casar com Alex.

Por sorte, não houve outros momentos íntimos naqueles dias, pensou ele. Depois da noite no escritório, era melhor que mantivessem as distâncias. Mas o que aconteceria quando Johanna fosse embora e eles ficassem sozinhos? Não poderia evitar Alex para sempre. Estar perto dela provocava-lhe uma sensação tão nova e estranha que tinha vontade de correr para longe, embora todos os seus instintos o guiassem exatamente para o seu lado.

Precisava ser cuidadoso. Não tinham falado em datas, mas sabia que, depois que o bebê nascesse, ela voltaria a ser a mulher independente que sempre foi e começaria uma vida nova que não o incluiria. Aquele era o acordo que tinham feito. Devia proteger o seu coração.

QUANDO CHEGOU em casa, estava tudo muito silencioso.

– Alex? – chamou, sem resposta.

Encontrou as duas mulheres juntas no jardim. Johanna usava um chapéu de palha e Alex pusera um dos seus bonés. Por um instante, ficou olhando para elas. Estavam rindo e conversando,

ajoelhadas junto a uma fileira de plantas, arrancando as ervas daninhas. A avó falou qualquer coisa e Alex desatou às gargalhadas, fazendo-o sorrir.

Então, Alex perdeu o equilíbrio e Johanna riu. Connor não conseguiu evitar conter o riso também, e Alex corou ao se virar e vê-lo ali.

– Sentada na horta, Alex? – brincou Connor, aproximando-se para lhe estender a mão. – A vovó a faz trabalhar como uma escrava.

Alex segurou-o pela mão e corou ainda mais. Sempre que o tocava, ela ficava imaginando que podia haver alguma coisa entre eles. Contudo, não queria criar falsas esperanças que pudessem arruinar a amizade que tinham forjado, já que os amigos escasseavam nos últimos tempos.

– Vou fazer limonada – ofereceu-se Johanna.

Alex soltou a mão de Connor.

– Vou ajudá-la.

– Espere, Alex. Quero mostrar uma coisa – pediu Connor. – Vovó, nos vemos daqui a pouco.

Levou-a pela mão até o lado leste do terreno, onde a cerimônia ia ser celebrada.

– Espero que faça tempo bom no sábado – disse ela, tentando esconder o nervosismo da sua voz.

– Se chover, teremos de levar tudo para dentro.

– Seria uma pena.

Então Alex viu... e parou, assombrada.

– Isso... foi você que fez isso?

À sua frente, havia um arco branco.

– Sim.

– Como teve tempo? – perguntou ela, tocando no arco e imaginando-o adornado de rosas. Não esperava nenhum enfeite especial para a cerimônia. – É lindo, Connor.

– Gostou mesmo? Fiquei em dúvida sobre sua aprovação. Não entendo muito de arranjos para casamento – comentou ele, com um sorriso enorme.

– Se eu gostei? É perfeito. Era por isso que passava as tardes no estábulo? Pensei que estava cuidado das vitelas.

– Declaro-me culpado – brincou ele.

– Sempre quis um arco assim, mas pensei que seria muito caro, por isso nunca me atrevi a mencioná-lo – afirmou ela.

– Fico feliz que tenha gostado.

– Sim. É perfeito – repetiu ela. E pensou: *Como você*. Connor era quase perfeito, um cavalheiro, solícito, amável, generoso e compreensivo. Um homem trabalhador e modesto, disposto a aceitá-la sem julgamentos.

Ela se aproximou dele e o tocou no braço.

– É bom que tudo se pareça com um casamento de verdade. Se não houvesse este tipo de detalhes nem preparação, seria muito frio. Fico feliz em ver que você é uma pessoa sensível, que atenta para essas coisas. Significa muito para mim que queira fazer deste casamento algo especial, mesmo que seja só de faz-de-conta – assinalou ela, tentando manter-se pragmática.

Connor pegou na mão dela e ficou olhando para ela nos olhos, sem dizer nada, como se estivesse procurando as palavras certas.

Alex apertou-lhe a mão, desejando ficar na ponta dos pés para beijá-lo, embora soubesse que não devia fazê-lo.

– A limonada já deve estar pronta – murmurou, ele. – Vamos. O sol está muito quente e você está ficando queimada. Não acho que vá querer se casar com o nariz vermelho.

– Tem razão. Vamos.

Alex seguiu-o, sentindo que estava envolvendo-se muito mais do que era prudente.

– Comprei um terno hoje – comentou Connor, à mesa. – Menos um item na sua lista, vovó.

– Ótimo, porque só faltam dois dias para o casamento – replicou ela, pondo a jarra de limonada na mesa.

– Johanna já garantiu de que estará tudo pronto no sábado – afirmou Alex.

Connor festejou a mudança visível de Alex desde a chegada da sua avó. Estava mais aberta, mais sorridente. Irradiava calor. Johanna acertou em cheio quando disse que Alex estava sedenta de amor. A forma como agradecia cada detalhe demonstrava que não dava nada por garantido. Entristecia-o pensar que a sua vida fora difícil mas, por outro lado, isso era o que mais o aproximava dela.

Decidido a não a magoar, prometeu a si mesmo que manteriam a amizade. As promessas que faria na cerimônia, pelo menos, transmitiriam essa intenção.

Dentro de 48 horas, seria a sra. Madsen. O padre os declararia marido e mulher e ele beijaria a noiva e...

Beijá-la. Essa não, deixou escapar aquele detalhe. Beijar Alex, diante de testemunhas. Se ela já corava a um simples toque dele, o que aconteceria quando a beijasse? E conseguiria dar-se por satisfeito com um único beijo?

– Obrigado pela limonada, tenho de ir – desculpou-se Connor.

– Que bicho te mordeu? – perguntou Alex, vendo a pressa com que saía.

– Acho que se tocou de que vai se casar dentro de dois dias – replicou Johanna, achando muita graça.

– Dois dias – murmurou Alex, tentando controlar os seus nervos.

Diante de tanta gente, fariam promessas que não pretendiam cumprir, pensou Alex, e engoliu em seco. Então, resolveu que precisavam conversar. Porque tinham de esclarecer o que de fato era real antes de encenarem aquela farsa do casamento.

O ARCO estava no seu lugar, assim como as 24 cadeiras, ordenadas em fileiras de seis. A alguns metros, havia uma pista de dança, construída em madeira por um vizinho, e várias mesas, que no dia seguinte seriam enfeitadas com toalhas brancas, emprestadas pela igreja. A geladeira estava lotada de pequenos bolos e doces. Millie, a velha amiga de Johanna, ficou encarregada da comida. Alex estava emocionada com a ajuda dos vizinhos, mas, por outro lado, aumentava a pressão, pois sabia que o título de sra. Madsen seria apenas para manter as aparências.

Alex pensou em Connor. Não estava certa se ele queria seguir em frente. Já a evitava desde a véspera. Se havia mudado de ideia, ela precisava saber o quanto antes.

Connor saiu cedo naquela manhã. O padre havia chegado e tinham se encontrado para conversarem sobre a cerimônia. No entanto, manteve um ar distraído, como se desejasse estar em

outro lugar. E quem poderia culpá-lo? Ela não era o melhor partido do mundo, reconheceu Alex, apesar de ter melhorado, graças à ajuda de Johanna. Estava aprendendo a cuidar do jardim e a cozinhar. Pela primeira vez na sua vida, estava prestes a criar raízes, como as frágeis plantas que brotavam no gramado verde.

Raízes que tornariam o momento de partir ainda mais difícil. Na verdade, se quisesse ajudar Connor financeiramente, teria de fazê-lo de forma bastante limitada, já que não havia concluído seus estudos básicos. Sabia que aquilo era apenas temporário, porém, não conseguia evitar sonhar com muito mais: um casamento verdadeiro, um marido real, um lar e uma família.

– Parece preocupada – interrompeu-a Johanna.

– É que tudo está tão... perto – afirmou Alex, depois de alguns segundos.

– Vai correr tudo bem. Sabe o que tem de fazer.

– Mas acha que é mesmo certo? É justo para Connor? Uma esposa temporária grávida de outro homem? Fiquei tão concentrada nos preparativos do casamento que me esqueci dos motivos reais por trás de tudo isto.

– Oh, querida – disse Johanna, com um olhar de compreensão, uma das mãos sobre o ombro de Alex. – Não se subestime tanto.

– Mas Connor... – começou Alex, engolindo em seco.

– Está lá em cima no chuveiro. E faminto. Eu vou à casa de Millie finalizar alguns detalhes.

Portanto, teria tempo para estar a sós com ele. Não sabia se ficava agradecida ou assustada com a oportunidade.

Quando Connor desceu as escadas, Alex já preparara o seu prato. Tinha a barba feita, o cabelo penteado para trás e ainda estava molhado. Ela tremeu ao inspirar o seu perfume.

– Vou tirar o frango do forno – indicou Alex.

Connor sentou-se à mesa e recebeu um prato que continha legumes e macarrão.

– A vovó fez o jantar antes de ir?

– Não. Fui eu.

– Você a viu cozinhar muitas vezes – disse ele, olhando-a com ternura.

– Bem, eu disse que era uma boa aprendiz. – Ela sorriu.

– Não vai comer?

– Já comi.

Connor juntou sozinho enquanto Alex manteve-se ocupada na cozinha. Quando ele acabou, ela respirou fundo. Tinha de se comportar como uma adulta e fazer o que havia decidido, antes de perder a coragem.

– Precisamos conversar.

– Sobre o quê? – perguntou ele, ficando tenso.

Alex ficou tão nervosa que esqueceu todo o discurso que havia ensaiado. De costas para ele, começou a limpar a lava-louça. *Não seja covarde*, disse a si mesma. Era difícil, mas tinha de enfrentá-lo.

– Sobre nós. Sobre o que vai acontecer amanhã.

– Entendo.

– Por favor, Connor. Não conseguirei fingir que tudo será real – explicou ela, depois de se virar para encará-lo de frente.

– Nem eu.

As palavras de Connor a esvaziaram, num certo sentido. De alguma forma, ela esperava que os votos de Connor no casamento fossem sinceros. Não era a atitude correta, mas teve de admitir que gostava dele. Muito. E o mais provável é que não fosse correspondida.

– Os nossos votos, amanhã... falarão de *para sempre* – começou Alex. – Ambos sabemos que não será assim. Mas acho que, hoje à noite, devemos fazer promessas um ao outro sobre o que podemos esperar nos próximos meses.

– Fala de promessas temporárias?

– Sim – respondeu ela, aliviada por perceber que ele a entendia.

Ele suspirou e Alex teve de se conter para não se aproximar dele e acariciar aquela madeixa solitária que caía atrás da orelha de Connor.

– Significa muito para você, não é?

– Amanhã faremos promessas vazias. Não me sinto confortável em relação a isso, porque há coisas que quero prometer a você de coração – explicou ela.

Tremendo, Alex aproximou-se e pegou a mão dele.

– Eu prometo, Connor, que enquanto estivermos casados farei tudo o que puder para facilitar sua vida. Cuidarei o melhor que souber da sua bonita casa e... tentarei não envenená-lo com a minha comida. Serei sua amiga e irei consolá-lo, se me permitir. Irei ajudá-lo de todas as formas que eu puder. Só precisa me pedir. Estas são as promessas que posso fazer.

Oh, que olhos, pensou Alex, encarando-o. Quentes, compreensivos e compassivos, com um toque de algo que ela não entendia bem o que era.

Ele cobriu a mão de Alex e a apertou.

– Eu também tenho promessas a fazer – afirmou com suavidade. – Olhe para mim – pediu, quando ela baixou o seu olhar. – Eu prometo, Alex, cuidar de você e do seu filho pelo tempo que precisarem. Prometo partilhar a minha casa com você para que seja também a sua casa, porque sei que está há muito tempo sem uma. Prometo que não a magoarei porque já a magoaram o suficiente. Serei seu amigo e irei consolá-la, se me permitir. Irei ajudá-la de todas as formas que puder. Só precisa me pedir. Estas são as promessas que posso fazer.

Os olhos de Alex encheram-se de lágrimas; aquelas palavras haviam sido ditas com o coração, ela sabia. E eram mais românticas do que os votos oficiais. De alguma forma, aquele homem atraente sabia do que ela precisava e estava disposto a oferecê-lo com sinceridade e sem reservas.

Estava se apaixonando por Connor Madsen.

– Alex? Você está bem?

Alex fechou os olhos sentindo uma pontada de dor por saber que não poderia ter aquele homem por quem estava se apaixonando perdidamente. Engoliu em seco, afastou-se e soltou as mãos dele.

– Sim, só estou cansada. Vou me deitar. Amanhã haverá muito para fazer – afirmou, evitando olhar para ele.

– Mike vai se ocupar das tarefas amanhã. Não precisaremos madrugar. Você deve dormir bem – disse ele.

– Obrigada. Por... tudo. Boa noite, Connor.

Alex se retirou antes que ele pudesse ver as lágrimas nos seus olhos.

CAPÍTULO 9

O DIA do casamento amanheceu ensolarado. Alex acordou às 6h, pois queria ajudar Johanna com os preparativos finais.

Sem fazer barulho, andou até o banheiro no final do corredor. Queria evitar Connor a todo o custo naquela manhã. Não pela crendice de que dava azar os noivos se virem antes da cerimônia, mas para manter a mente limpa. Precisava se concentrar em deixar tudo pronto para os convidados. Lavou o rosto, escovou os dentes e voltou para o seu quarto na ponta dos pés.

Connor a ouviu. Estava acordado desde as 4h, mas preferiu ficar debaixo dos lençóis, pensando no casamento. Recordou as promessas que lhe fizera. Pareceu bem claro que Alex se esforçava em fazer as coisas da melhor forma para ele, e não conseguia entender o porquê. O que o tornava tão especial?, perguntou-se. Não passava de um rancheiro lutando pela sobrevivência.

Na noite anterior, achou que Alex ia chorar, mas ela se conteve. Não era assim. Era uma mulher forte capaz de enfrentar tudo sem lágrimas. Quanto mais a conhecia, mais a respeitava. E mais sonhava com os seus olhos azuis como o céu e com a escura cascata do seu cabelo.

Connor saltou da cama e vestiu o jeans. Havia um detalhe que precisava resolver. Um detalhe que o manteve acordado desde o amanhecer. Quando a ouviu entrar no banheiro, foi ao quarto dela e ficou esperando.

Alex voltou e estacou, surpresa ao vê-lo sentado na cama. Connor ficou sem fala. Tinha o cabelo solto e o seu pijama branco acentuava uns seios exuberantes e revelava umas pernas longas e bem-torneadas.

- B... bom dia – cumprimentou ela.
- Eu a ouvi levantar. Está bem? – perguntou ele, levantando-se.
- Por que não estaria?
- Está parada à porta, como se tivesse medo de entrar.

Ele acertou em cheio. Connor havia aparecido nos seus sonhos e foi só nele que pensou ao acordar. Vê-lo ali, no seu quarto, tão cedo, pareceu tão... íntimo.

- O que está fazendo aqui? – perguntou ela, quase um sussurro.

Connor aproximou-se e Alex pôde sentir o calor do seu corpo.

– Hoje é o grande dia – sussurrou ele, a voz rouca.

– Está tudo pronto – disse ela, baixando a cabeça para que não pudesse ver que havia corado.

– Falta uma coisa – assinalou Connor, agarrando a mão dela.

Alex o olhou, confusa. Depois de ter sonhado com ele a noite toda, suas defesas estavam muito fracas. O seu cérebro parou de pensar e mal conseguiu falar.

– Não falta nada. Temos o bolo, as flores, combinamos tudo com o padre...

– Alex – disse ele e ficou calado, deixando que a intimidade do silêncio os rodeasse.

Alex começou a tremer, como cada vez que ele dizia o seu nome daquela maneira. A lembrança das promessas que se tinham feito a invadiu. Havia falado do coração e, ao expressar as suas intenções, algo ficou muito claro para ela. Amava-o. Contudo, era um casamento de conveniência e os seus desejos infantis eram uma complicação. Tinham de continuar a ser apenas amigos se não quisesse acabar com o coração partido.

– Estou um pouco nervosa, só isso – desculpou-se ela, pensando no vestido branco de noiva que tinha no armário, sentindo que era pouco digna dele. Entendia que era um símbolo de pureza. Mas não havia nada puro em Alexis Grayson: pobre, sem instrução e grávida.

– Eu também – admitiu ele.

Céus, disse para si Alex. Esperava que pelo menos ele conseguisse manter-se de cabeça fria. Então, recordou-se porque estava fazendo aquilo: era pelo seu filho, para lhe dar a segurança que merecia.

Alex tocou na barriga e Connor pôs a sua mão sobre a dela.

– Está crescendo.

– A cada dia que passa – replicou ela.

Fechando os olhos, Alex saboreou a calor da mão de Connor. Nunca antes a havia tocado daquela forma, nem expressado interesse pela vida que crescia dentro dela. Quando abriu os olhos, viu que ele a encarava e, nesse momento, ela desejou que a criança fosse filha dele. Seria um pai maravilhoso.

– Quer saber o que estou fazendo aqui? – perguntou Connor, depois de pigarrear e soltar a mão.

Alex sentiu o vazio na sua pele depois que ele afastou o punho. Ia sentir muito a falta dele quando não estivessem juntos.

– Esquecemos de alguma coisa?

Então, Connor segurou-a suavemente pelo pescoço e aproximou-a dele. O que estava fazendo?, perguntou-se Alex. Nunca tinham estado tão perto, a não ser aquele dia no escritório, mas aquilo foi amizade e agora parecia... paixão. Ela tremeu. Não estava preparada para a paixão; deviam manter as distâncias combinadas para que nenhum dos dois acabasse magoado.

– Dentro de algumas horas – murmurou ele –, daremos o nosso primeiro beijo como marido e mulher. Não quero que o nosso primeiro beijo seja na frente dos convidados. É melhor em particular, não acha?

– Você... eu... oh, minha nossa.

– Eu gostaria que ele acontecesse logo.

– Connor – repreendeu-o ela, agitada e assustada. – Eu não... – balbuciou, pois sabia que, se a beijasse, estaria perdida.

Ele a interrompeu com um beijo. Os seus lábios eram quentes e suaves e ela se deixou levar. Ávida, saboreou-o, entrando na sua boca. Connor continuou a beijá-la, passando para as faces, os olhos e o lóbulo das orelhas. Minha nossa!, disse para si. Aquele beijo era do tipo que levava os amantes para a cama. Aquela cama ainda quente que estava apenas a alguns centímetros. Ele a abraçou e voltou a beijá-la na boca, consumindo Alex por inteiro. Ser beijada por Connor Madsen era o paraíso.

Alex envolveu-o com os seus braços e aproximou-se ainda mais, sentindo o seu bebê entre eles. Nunca antes se deixara levar daquela maneira. Estar junto de Connor e tão perto da vida que sempre desejou havia mudado algo dentro dela, permitiu que deixasse escapar os seus sentimentos. Naquele momento, enquanto ele a beijava, sentiu que se transformava numa mulher de verdade. Tinham combinado de serem amigos, no entanto, dentro de poucas horas estariam casados e, com toda a sua ternura, ela tentou mostrar a ele que estava disposta a dar tudo.

– Alex! Lamento muito. Não pretendia que isto acontecesse – desculpou-se Connor, afastando-se ofegante.

– Nem eu.

O silêncio caiu entre eles. Nenhum dos dois disse que era um erro, nem se zangou ou prometeu que não voltaria a acontecer.

– Tenho de ajudar Mike – assinalou Connor, parando no meio do caminho até a porta. – Alex?

– Sim? – respondeu ela, de costas para ele, evitando que Connor lesse o desejo que sem dúvida estaria escrito no seu rosto.

– Vai ser uma noiva muito bonita – afirmou ele, e fugiu escada abaixo.

Às 14H, Johanna disse a Alex que fosse para o seu quarto.

– Está tudo pronto, Millie está vindo com a comida. Vá se arrumar. Dentro de meia hora vou mostrar uma surpresa que preparei para você.

– Uma surpresa? Mas já fez tanto, Johanna...

– Vá. Tome um bom banho de espuma.

– Sim, chefe – resmungou ela, preocupada por não conhecer a maioria dos convidados que estaria no casamento, e porque desejava que tudo corresse perfeitamente.

Se um mês antes alguém tivesse dito a ela que em breve tomaria um banho de espuma antes de seu casamento, Alex teria desatado a rir. No entanto, aquele momento chegou e ela estava muito séria. Muito nervosa. Depois do beijo, as coisas haviam mudado...

Tinha certeza de que o beijo significara mais para ela do que para Connor. Ele estava se casando para salvar Windover. Não podia esquecer disso. Não podia se arriscar a ter o coração partido novamente.

Saiu do banheiro e olhou-se no espelho. Era uma noiva. E, em poucas horas, seria a mulher de Connor Madsen. Secou o cabelo, deixando que seus caracóis naturais aparecessem. A maquiagem ficaria para o final.

Johanna estava no andar de baixo com a sua amiga Millie. Alex ouviu passos que subiam as escadas. Ouviu gavetas sendo abertas no quarto de Connor. Só de pensar que ele estava ali do lado e ela tão perto, coberta apenas por uma toalha, sentiu sua pulsação disparar. Mirando-se no

espelho, repreendeu-se por aquelas fantasias infantis. De repente, ouviu o outro chuveiro sendo aberto e tentou não imaginar Connor sob a água.

Alex desfez-se da toalha e vestiu a lingerie comprada para a ocasião. Branca e de algodão, com um lacinho de cada lado, e um sutiã sem alças. Calçou as meias e tirou o vestido de organza e cetim do armário.

Ia fechar o zíper do vestido quando bateram à porta.

– Quem é? – perguntou Alex, pensando que não abriria se fosse Connor, pois não queria dar chance para o azar.

– Johanna, com a sua surpresa.

– Entre. Preciso de ajuda com o fecho.

Johanna riu e entrou com outra mulher.

– Alex, esta é Carmen. Veio fazer seu penteado e cuidar da sua maquiagem.

– Muito prazer – cumprimentou Alex. – Realmente, cabelos e maquiagem não são o meu forte.

– O seu cabelo é muito parecido com o meu. O que vai usar na cabeça? – perguntou Carmen.

Johanna fechou o vestido de Alex e despediu-se:

– Voltarei quando estiver pronta. Há mais uma surpresa.

Quando Johanna voltou, algum tempo depois, Carmen já havia acabado de maquiar a noiva.

Alex olhou-se no espelho e teve vontade de chorar. Os seus olhos estavam enormes e muito luminosos, e a sua pele parecia feita de pêssego. Os lábios estavam delineados e pintados de uma cor muito natural. Tinha o cabelo preso de um lado e solto atrás. Uma pequena tiara de flores enfeitava sua cabeça, e dela pendia um fino véu.

– Pareço uma noiva – conseguiu dizer.

– Uma noiva muito bonita – acrescentou Johanna, com lágrimas nos olhos. – Connor não vai saber como se controlar.

Alex riu. Pensou que Connor sabia se controlar muito bem.

– Muito obrigada. Adorei. – Alex felicitou Carmen, apertando as suas mãos.

– De nada – respondeu Carmen, arrumando as suas coisas. – Até a semana que vem, sra. Madsen – despediu-se antes de sair.

– Sente-se. Há mais.

– Mais? Espero que não – replicou Alex.

– Conhece o ditado. Algo velho, algo novo...

– ... algo emprestado, algo azul.

– Muito bem – disse Johanna, sentando-se para abrir a sua mala, da qual tirou uma pequena caixa. – Isto se refere ao emprestado e ao azul.

Alex pegou a caixinha com as mãos trêmulas e abriu. Havia um conjunto de colar e brincos de safiras e diamantes.

– Que lindo!

– Foi um presente de Lars quando fizemos dez anos de casados. A mãe de Connor usou-os no dia do seu casamento. Agora é a sua vez.

Alex tirou seus brincos cuidadosamente e os substituiu pelos de safira, rodeados de pequenos diamantes. Johanna a ajudou com o colar.

– Mas... não acho certo. São relíquias de família. Só deveriam ser usados em um casamento de verdade – protestou Alex, fazendo menção de retirar tudo.

– Deve se manter aberta – disse Johanna, impedindo-a.

O que me preocupa é o meu coração, pensou Alex, e levantou-se para abraçar aquela mulher, que tanto desejava chamar de *avó*.

– Está quase na hora – afirmou a sua futura avó. – Vou esperar que Connor tome o seu lugar e virei buscá-la.

Retornou depois de alguns minutos.

– Está na hora, Alex. Tudo pronto?

– Tanto quanto possível.

– Trouxe seu buquê e as alianças. Connor perguntou-me se estavam comigo.

Johanna fazia o papel de ajudante dos noivos, portadora dos anéis e testemunha. Alex seguiu-a pelas escadas até o jardim, onde estava Connor, de costas para os convidados, conversando com o padre. Quando o viu, soube que não podia voltar atrás. Para o bem ou para o mal, iam seguir em frente com a farsa, e o seu coração era um redemoinho de sentimentos de culpa e de ilusão.

Johanna sinalizou, apertou a mão de Alex e tomou o seu lugar. Então ouviu-se o *Cânone* de Pachelbel e, sem saber como, ela caminhou até o altar campestre.

Aos primeiros acordes da música, Connor se virou e ambos se olharam. Ele levantou o cenho, surpreso, e sorriu com aprovação. Todos os convidados se viraram para a noiva, que, contudo, só via o seu futuro marido.

Connor deu alguns passos para recebê-la e ofereceu a mão para posicioná-la sob o arco, diante do padre.

– Está linda – murmurou, fazendo com que o seu coração encolhesse.

CAPÍTULO 10

O PADRE deu início à cerimônia. Alex tinha os lábios trêmulos e os olhos lavados de lágrimas. Para os convidados, parecia uma noiva normal, emotiva, a olhar com doçura para o seu noivo. Era como se sentia. Mas, em seu íntimo, culpava-se por isso, porque sabia que tudo era um teatrinho. Mal tinha consciência de todos os rostos que se concentravam neles, do sussurro da brisa nas folhas do álamo ou do som dos pássaros do outro lado do campo. Estava atenta a Connor, em como agarrava sua mão e em como ficava bem de terno preto. E também num pequeno pontinho branco de espuma de barba esquecido junto à orelha.

Os minutos seguintes passaram como se estivesse em uma nuvem. Esperava sentir-se mais culpada, menos emocionada, menos apaixonada. Por que razão tudo parecia tão real?

Então Connor pegou a aliança e a deslizou no dedo dela, depois de ambos proferirem as mentiras convenientes.

– Pode beijar a noiva.

Alex ouviu aquelas palavras com clareza e encarou Connor, perplexa. Os olhos dele mostravam compreensão e calor. Beijou-a primeiro com suavidade, depois com um pouco mais de paixão, e afastou-se. Alex fixou o olhar na boca dele e sentiu que as suas faces coravam.

Estava feito. Era a sra. Madsen.

– ESTÁ BEM? – perguntou Connor, preocupado.

– Muito bem – respondeu Alex, forçando um sorriso.

– Não comeu quase nada.

A inapetência tinha uma forte razão. Somente agora compreendia que não havia volta e que tinham ido longe demais. A certidão de casamento estava assinada. E, sobretudo, cometera o erro terrível de entregar o seu coração a um homem que não a amava.

– Veja – disse ela, pondo um pedaço de carne na boca e tentando não pensar mais. – Prometo que não morrerei de fome.

– Supostamente, deveria estar feliz – murmurou Connor, aproximando-se dela enquanto estavam sentados à mesa.

Aquelas palavras foram como uma punhalada no coração de Alex. Era o dia do seu casamento. Devia estar contente e despreocupada. Mas, ao contrário, mostrava-se tensa, quase alheia ao que acontecia à sua volta.

– Estou feliz – mentiu. – Só um pouco cansada.

Connor acariciou-a no ombro. Não percebia o que a fazia sentir com um simples toque?, perguntou-se Alex.

– Daqui a pouco tudo termina. Podemos dançar um pouco e desaparecer – indicou ele, olhando para a banda de música.

Desaparecer? Como os noivos de verdade faziam?, pensou Alex.

– Claro – conseguiu dizer ela, engasgando-se e tossindo.

Alex pegou um copo com água e reparou na aliança, de ouro, com meia dúzia de pequenos diamantes. Outra mais simples e barata teria sido suficiente.

Os tambores rufaram e o cantor aproximou-se do microfone:

– Senhoras e senhores! O sr. e a sra. Madsen!

Entre aplausos, Connor levantou-se e conduziu a noiva até a pista de baile. Alex não conhecia nenhum dos convidados que olhavam sorridentes para eles. Apesar de lhe terem sido apresentados, era ainda uma estranha naquela comunidade onde todos se conheciam há vários anos. Aquele não era o seu lugar, pensou.

– Está muito bonita – sussurrou Connor em seu ouvido. – Não sei se já disse antes.

Ele a magoava sem saber, mesmo sendo amável, porque aquelas palavras não eram verdadeiras, não refletiam o que ele sentia de fato. Ou talvez até refletissem, mas não da forma que ela gostaria.

Começaram a dançar ao som da música enquanto Connor a aproximava dele com firmeza, transmitindo-lhe todo o calor do seu corpo. O cheiro de sua loção pós-barba misturava-se ao aroma das rosas selvagens que cresciam no jardim. Alex fechou os olhos e apoiou a cabeça no ombro dele.

Eu te amo, Connor, disse a noiva para si mesma. Ele era a primeira pessoa a se preocupar com ela em anos. Era como uma rocha à qual podia se agarrar. Estava cansada de ficar sozinha. Suspirou sem conseguir evitá-lo.

Connor sentiu a suave respiração da sua esposa no pescoço e engoliu em seco. Não sabia exatamente como nem quando, mas aquela relação já havia deixado de ser amizade. Percorreu as costas dela com os dedos para parar no seu lindo cabelo. Era uma mulher bonita e radiante. E havia uma luz, uma paz nela, típica das mulheres grávidas, que o encantava. Realmente acreditou que se casaria com ela e depois a deixaria partir?, perguntou-se.

Se ela quisesse ir embora em algum momento, Connor teria de cumprir a sua palavra. Mas, e se a convencesse de que devia ficar para sempre?

A música terminou e os noivos se afastaram, mas Connor a manteve segura pela mão. Recusava-se a soltá-la. Envolveu-a novamente com os seus braços e, sorrindo, olhou para ela, fechou os olhos e beijou-a.

Ouviram-se aplausos e assobios, mas Connor ignorou-os enquanto a beijava com paixão, esperando que ela correspondesse. Então Alex afundou os seus dedos no cabelo dele e deixou-se

levar. Quando as suas bocas se afastaram, Connor a mordeu sedutoramente no lábio inferior e Alex ficou vermelha como o fogo.

– Bravo! – exclamou o cantor ao microfone. – Vamos a mais uma dança!

A banda executou uma música country, e vários convidados se juntaram aos noivos. Connor sorriu, feliz ao pensar que ela havia correspondido ao beijo.

– Gostou da aliança? – perguntou ele ao ouvido.

– É linda. Mas não precisava ter comprado nada tão caro. Não devia ter gastado dinheiro em...

Em algo temporário. Connor adivinhou como a frase terminava, apesar de Alex não a ter dito em voz alta. Mas preferiu ignorá-lo.

– Não foi caro – explicou ele. – Esta aliança pertenceu à minha bisavó.

– Você me deu uma joia de família? Está louco?

– Sim. Foi usada pela minha mãe e, como minha esposa, você também deve usá-la.

– Mas... mas... – começou ela, e engoliu em seco. – ... ambos sabemos que não sou sua esposa de verdade.

– Podemos perguntar ao padre. Posso garantir que o certificado é legal.

– Não me parece uma boa ideia – respondeu ela, rindo com tristeza.

– Não se preocupe tanto.

– Diz o roto ao esfarrapado – replicou Alex, com um olhar acusador. – É que não me parece correto.

– Queria que fosse sua. Agora, vamos dançar, está bem? Nunca tínhamos dançado juntos. Hoje é um dia de primeiras vezes.

Rodopiaram pela pista, rodeados por outros casais que abriam espaço e sorriam aos recém-casados. Depois, a banda tocou um ritmo local e Connor incentivou-a a dançar, puxando-a pelo braço, mas ela resistiu.

– Por quê? Vamos!

– Não, sério. Não sei dançar este ritmo e vou parecer ridícula.

Connor levou-a até à relva, fora da pista.

– Então terá de aprender. É assim – indicou. – Um passo atrás. Um, dois, três e um, dois, três outra vez, assim, em círculos.

Alex tentou fazê-lo, mas tropeçou.

– Sinto-me como uma boba.

– Pois parece um anjo – replicou ele, pondo a mão na sua cintura. – Um, um, dois, três.

Alex seguiu-o.

– Agora ao som da música – convidou-a ele.

– Não era o que estávamos fazendo?

– Temos de ir mais depressa – respondeu Connor, rindo.

Continuaram dançando na relva e Alex sorria na mesma proporção em que aprendia os passos.

– Muito bem. Agora damos uma volta – indicou ele, tomando a iniciativa.

– Consegui! – exclamou ela, animada, porém esqueceu-se dos passos e teve de parar. – Maldição!

Treinaram mais um pouco e, quando Alex pareceu ter aprendido os passos, Connor levou-a até à pista e fez um gesto à banda para que continuasse a tocar. Dançaram com os outros casais, fazendo

círculos ao som da música.

– Foi divertido! – exclamou ela, rindo, quase sem fôlego.

– Está com fome? – perguntou Connor. – Comeu pouco. Quer que eu traga alguma coisa?

– Não, mas vou querer beber um pouco de água.

Deixaram a pista de dança e caminharam até a mesa das bebidas. As primeiras estrelas começavam a aparecer e o ar estava ficando mais fresco. As velas reluziam ao redor da celebração.

– Desculpe-me pelo que aconteceu há pouco.

– Entendo. Não era o que parecia, certo?

– Sim.

Connor enrugou a testa, sem saber o que fazer. Se agisse de forma sentimental, ela creditaria à emoção do momento. Não podia negar que o casamento despertava o lado romântico das pessoas, no entanto, o que ele queria era expressar os seus sentimentos por ela em longo prazo...

Tinha apenas alguns meses para convencê-la e precisava aproveitar todas as oportunidades.

– Como está o bebê? Você está cansada?

– Um pouco... Mas os convidados...

– Podemos nos desculpar. Eles compreenderão.

Depois de um pesado silêncio, Johanna apareceu, tocando no ombro de Alex.

– Alex, querida. Tenho de ir. Millie ofereceu-se para me levar já que... bem... vou para minha casa. Não seria uma boa ideia passar a noite aqui.

Alex desviou o olhar, envergonhada. Será que a típica noite de núpcias, regada a champanhe e muita paixão, também seria uma farsa? Ou não? A segunda possibilidade fez a temperatura de seu corpo subir.

– Devia jogar o buquê agora, não acha? – recordou-lhe Johanna.

Alex assentiu, sem saber se devia sentir-se aliviada porque o dia enfim terminava ou ressentida porque estavam lhe dando ordens novamente. Na maior parte do tempo, não se importava que assumissem o controle de tudo por ela e que a libertassem da responsabilidade, mas aquela passividade, por vezes, a incomodava.

Johanna foi avisar a banda e Connor trouxe o buquê, que estava sobre uma mesa.

– É o último ritual da festa. Depois, podemos desaparecer se assim quiser.

Então a banda chamou todas as mulheres solteiras e Alex jogou o buquê, que foi agarrado por uma jovem loura.

Depois de mais uma dança, os recém-casados se afastaram. Connor pegou Alex no colo e atravessou com ela a porta de sua casa.

CAPÍTULO 11

– PONHA-ME NO chão, seu bruto!

A gargalhada de Alex ecoou no hall. Connor a havia levantado como se fosse uma pena, e as batidas de seu coração se aceleraram com a sensação de estar nos braços dele.

– Fico feliz em ouvir sua risada – comentou Connor, depois de olharem fixamente um para o outro durante alguns instantes.

– Não a mostrei muito ultimamente. Nem você.

– Talvez possamos mudar isso. A música continuará a tocar durante mais algum tempo. Por que não sobe e troca de roupa? Esqueci de fazer uma coisa.

Alex pensou em recusar, mas a música recomeçou tão alto que Connor não teria ouvido as suas desculpas para ir dormir.

– Está bem – disse ela, e subiu as escadas.

Alex teve alguns problemas com o zíper do vestido, mas, depois da forma como Connor a havia beijado e olhado para ela na pista de dança, a última coisa que queria era pedir que ele a ajudasse a se despir. Quando enfim conseguiu abri-lo, parou e pôs as mãos na barriga, pensando que dentro de pouquíssimo tempo ela estaria evidente. Todos diriam que o casamento havia sido motivado pela gravidez, e que o bebê era de Connor. O que pensariam quando, alguns meses depois, se separassem e ela fosse embora com a criança? Mas o que importava o que os outros pensavam?

Ela vestiu um conjunto sem graça de calça e blusa. Pendurou o vestido com cuidado, acariciando-o. Oh, que casamento. E que ridícula noite de núpcias a esperava. Não havia velas nem garrafas de champanhe, nem lingerie de seda, nem pétalas de rosa sobre a cama.

Quando desceu, Connor estava na cozinha, ornamentando a mesa com algumas bandejas de aperitivos.

– Imagino que esteja mais confortável com essa roupa

– Sim – disse ela, pegando um morango e molhando-o no creme de leite. – O que acha que diriam se nos vissem agora?

Connor estava sem gravata e com a camisa desabotoada. Abriu uma garrafa de suco de uva.

– Não fiz isto por eles.

– Então fez por quem?

Connor demorou algum tempo para responder e, enquanto olhava para ele, Alex não evitou pensar que havia feito por ela. Porém, ela já havia dito antes que um casamento civil no tribunal teria sido suficiente.

– Por Windover – respondeu ele por fim.

Claro. E Alex fizera-o pela segurança do seu bebê.

– Obrigada por tudo – agradeceu ela. Obviamente, Connor a havia beijado na pista de dança apenas para manter as aparências. Nada mudara, exceto que agora alimentava sentimentos que não podia confessar. – Esperemos que tudo corra bem daqui para a frente.

Connor serviu-a de suco.

– Sabia que não podia beber champanhe. Mas queria abrir uma garrafa para recordar os meus tempos de juventude – brincou ele, aproximando o seu copo do dela para brindar. – Ao começo de um grande futuro para ambos.

– Aos sonhos que se tornam realidade – brindou ela, e fechou os olhos para pedir um desejo.

– Aos sonhos.

ALEX ACORDOU tarde, depois das 9h, e viu que chovia. Lamentou não ter despertado mais cedo para preparar o café da manhã.

Tirou do armário as suas roupas de gestante: calça mais folgada e uma camiseta amarela. Ficaria mais confortável, no entanto, sua gravidez também seria mais visível. Não podia escondê-la para sempre.

Quando desceu as escadas, surpreendeu-se ao encontrar Connor na cozinha, tomando café. Ele sorriu, envolvendo-a com o seu calor, e reparou nas suas roupas novas.

– Ótimo. Assim ficará mais confortável.

– Muito mais.

– Adeus às calças que não apertam e aos zíperes que não fecham.

– Sim – replicou ela, indo até a geladeira para se servir de um copo de leite.

– Muitos homens acham as grávidas bastante atraentes.

E você é um deles, por acaso?, pensou Alex, sem traduzi-lo em voz alta. Devia evitar tensões, pois havia um objetivo a ser cumprido. Segurança para o seu bebê, prosperidade para Windover e o coração inteiro ao fim do acordo.

– Deve ser por causa da luz especial que irradiam – comentou ela.

– Sim. Mas há algo mais – continuou Connor, observando-a com interesse. – Quando se vê uma mulher que tem uma vida dentro dela, nutrindo-a, amando-a, é...

– É o quê? – perguntou ela, impaciente com o silêncio em que ele caiu.

– Sagrado.

Connor levantou-se e deixou a sua xícara na lava-louça, evitando olhar para ela. Alex percebeu que ele havia dito mais do que pretendia. Estaria atraído por ela também? É claro que não.

– Não pretendia... o que queria dizer é que está muito bonita.

– Já foi até os estábulos? – perguntou ela, mudando de assunto, depois de se virar para disfarçar o seu espanto.

– Mike ocupou-se do trabalho novamente, como presente de casamento. Levantei há pouco.

Apesar de muito cansada, Alex havia demorado a adormecer, e perguntou se o mesmo sucedera a Connor. Teria ele ficado acordado pensando em como gostaria que o seu casamento fosse de verdade, a exemplo dela?

– Tenho uma reunião em Leduc ao meio-dia. Vou tomar banho, a menos que você queira ir primeiro.

– Não. Vou arrumar a cozinha – respondeu ela, assinalando a desordem que os rodeava. – Além disso, a sua avó deve estar quase chegando para vir buscar as suas coisas.

– Na verdade, há um rodeio na próxima semana – afirmou Connor, pondo as mãos nos bolsos. – Não faça planos, quero que vá comigo. Será divertido.

Alex nunca tinha visto nenhum rodeio. A não ser uma vez, quando estava zapeando e parou em um canal de TV que o transmitia. Foram poucos segundos, o suficiente para que acionasse logo o seletor no controle remoto. Ver homens com botas enlameadas e chapéus de cowboy caírem de touros muito sujos não era um programa que a atraísse.

– Não acho que os rodeios sejam para mim.

– Pelo menos pense no assunto – insistiu ele, com voz mais fria. – Toda a vizinhança vai e seria um pouco estranho se você não aparecesse comigo.

Alex conteve o esforço de lembrar a Connor que, na noite anterior, foi ele quem havia assegurado não se importar com o que os outros diziam. Não valia a pena iniciar uma discussão um dia depois do seu casamento.

Enquanto Connor subia as escadas, Alex perguntou-se como conseguiriam suportar os próximos seis meses se tinham de estar constantemente medindo as suas palavras.

AO FIM da reunião, Connor se perguntou por que seus pensamentos estavam todos sobre os erros cometidos com Alex naquela manhã, e não no trabalho que tinha para fazer.

Primeiro, aquele devaneio sobre a beleza das mulheres grávidas, pura filosofia de botequim, e depois a rejeição ao convidá-la para ir com ele a um rodeio. Havia esquecido que Alex não era a esposa de um rancheiro, logo, não teria qualquer interesse em rodeios. E o acordo que haviam feito era temporário. Se ela não queria ficar, por que tentar convencê-la do contrário?

Porque ela era importante para ele. Não queria viver sozinho e sentia-se bem com Alex.

Se não queria ir ao rodeio, tudo bem, nada de pressioná-la. Connor imaginou que talvez estivesse preocupada pelo estado avançado da gravidez e pelo que as outras pessoas iriam falar. Mas se não a tivesse convidado... ficaria parecendo que não queria ser visto com ela, ou que preferia mantê-la escondida.

Diabos! Ia ter de medir todas as suas palavras durante os próximos meses, temendo perturbá-la?

Pela primeira vez na sua vida, Connor admitiu algo de que vinha fugindo desde a morte de sua família e durante a crise do gado. Algo que nunca poderia confessar a ninguém. E aquela constatação o assustou.

O CANTO dos pássaros alegrava aquela tarde tranquila. Connor saiu depois do jantar para verificar a situação do gado. Alex arrumou a cozinha e sentou-se na cadeira de balanço do alpendre, ouvindo os sons do entardecer.

Connor havia demonstrado a sua preocupação com o provável isolamento dela ali no rancho, longe de tudo e de todos, mas a verdade era que sentira solidão muito maior nas cidades em que vivera. E não existia remédio para aquilo, ela sabia. A única forma de desfazê-la era pertencer a algum lugar, sentir-se acolhida nele.

Mas por quanto tempo?

Então, ouviu o pio de uma coruja e viu os faróis do utilitário de Connor; seu marido regressava para casa e estacionava junto ao estábulo. Minutos depois, ele apareceu.

– Está tudo bem? – perguntou Alex.

– Sim. Que noite!

– É verdade. Ouvem-se todos os tipos de som – indicou ela, sorrindo.

– Tem medo de coiotes? – perguntou ele, ao ouvir uivos.

– Não. Acho-os selvagens e bonitos.

Alex assinalou o assento que havia ao seu lado, convidando-o a sentar-se. Connor aceitou o convite e a proximidade do seu calor a envolveu. Tê-lo tão perto fez com que se arrepiasse. Esfregou os braços, o bastante para que ele se levantasse e lhe trouxesse um casaco de lã que estava pendurado atrás da porta.

– Obrigada.

Connor sentou-se novamente e ficaram calados enquanto a noite caía e os coiotes dirigiam os seus uivos à lua.

Era maravilhoso que pudessem apenas ficar naquela muda companhia, dispensando as palavras. Um dos aspectos que Alex mais admirava no relacionamento com Connor.

– Pensei no rodeio. Eu gostaria de ir, se o convite ainda estiver de pé.

– Não precisa ir se não quiser. Não se sinta obrigada.

– As pessoas acharão estranho se eu não for.

– E daí? Não importa. Pode ser que façam perguntas que talvez não queira responder. Não quero jogá-la numa situação desconfortável.

– Então não quer que vá com você? Bem, eu entendo. Vou ficar pouco tempo, mesmo... se preferir que ninguém saiba da minha gravidez...

– Claro que não. Quero que fique bem. Ir ou não só depende de você.

Um silêncio, dessa vez pesado e incômodo, tombou sobre eles.

– Tudo isso é muito estranho – disse ele, por fim.

– Eu sei – respondeu Alex, os seus olhos fixos na lua.

– Casados sem estarmos casados. Eu constantemente preocupado em não agir de maneira imprópria mas fazendo isso o tempo todo. Talvez devêssemos ser honestos.

Não! Alex não podia confessar o que sentia. Qual seria sua reação se confessasse seus sentimentos e não ouvisse a resposta esperada?

– Honestos até que ponto?

– Por exemplo. Eu gostaria que fosse comigo ao rodeio, mas entenderia se me dissesse que não quer ir – respondeu Connor, rindo a seguir de sua hipótese.

– Eu gostaria de ir. Seria uma experiência nova para mim – afirmou Alex, deslumbrada com o som da gargalhada dele.

– E sobre as perguntas que podem fazer...

Alex devolveu a gargalhada e ele a olhou, confuso.

– O que é tão engraçado?

– Nada – respondeu ela, e tocou na barriga com uma expressão de imensa alegria. – Oh, céus! O bebê está se mexendo.

Instintivamente, Alex pegou a mão de Connor e a pôs sobre a sua barriga.

– Aqui. Não, espere – disse, mudando a mão de lugar e ignorando a expressão de perplexidade de Connor. – Espere. A menina está se mexendo muito agora.

– A menina? – inquiriu ele. – Acha que é uma menina? Pensei que tinha dito que era um menino.

– Eu? Quando?

– Na outra noite, no escritório. Você disse: *O menino está crescendo*.

– Bem, eu devia chamá-lo de alguma forma. Não podia dizer *a coisa*. Mas agora tenho a intuição de que é uma menina – garantiu com um sorriso.

Alex sentiu o calor e a solidez da mão de Connor. Se o seu desejo pudesse se realizar, ele teria sido o pai do bebê. Então, levantou a camiseta e convidou-o a tocar na sua barriga nua.

O bebê se mexeu, comunicando as suas vibrações às duas mãos que o acariciavam. Connor olhou para ela.

– É a sensação mais incrível que já experimentei – murmurou ele. – Como será estar aí dentro?

– Não sei – respondeu Alex. – Deve ser como estar numa bolha muito grande. Como...

Alex interrompeu-se para não continuar a frase: *Como o arrepio que senti da primeira vez que me beijou*, pensou.

– Como o quê?

– Como... o Natal.

Connor sorriu e Alex sentiu o calor do seu fôlego. Deslizou a sua mão com cuidado, ainda sob a camiseta dela, para a cintura da sua calça.

Poderia beijá-lo caso se virasse e se aproximasse um pouco. Poderia senti-lo tocando-a nos pontos que ela tanto desejava. Sentiu-se em chamas: não havia outro termo para descrever. Contudo, de maneira nenhuma pensava dar o primeiro passo.

CAPÍTULO 12

ALEX MAL conseguia pensar, quanto mais mudar de assunto, enquanto sentia o corpo de Connor tão quente e tão perto.

– Uma vez você me disse que queria ser veterinário antes da morte dos seus pais. Por que não estudou? O que o impediu? – perguntou, por fim.

Além de salvadora, a pergunta foi boa, já que Connor se afastou um pouco para responder, enquanto ela se virou para conseguir olhar para ele.

– E o que teria feito com a fazenda e o gado? – replicou, os olhos fixos no céu. – O plano era que meu pai e Jim cuidassem de tudo enquanto eu estudava, depois faria o meu estágio aqui e o meu pai poderia se aposentar, enquanto Jim e eu tomaríamos conta de Windover.

– E leva suas responsabilidades sempre tão a sério?

– É por isso que se chamam responsabilidades – respondeu Connor, com um tom de tristeza na sua voz.

– Na parte que me toca, fico feliz, porque me salvou de um mau momento – assinalou ela, abrindo um sorriso.

– Eu gosto de tê-la aqui, ainda não percebeu? – observou ele, acomodando o seu braço para que ela pudesse descansar sobre o seu ombro.

– Vivia muito sozinho.

– Sim, de fato.

– E você pôde... vê-los, se despedir deles? – quis saber Alex, temendo que a pergunta fosse um tanto íntima.

– Sim – respondeu ele com suavidade, depois de engolir em seco.

Alex pegou a mão de Connor e a apertou.

– Teve sorte. Eu não pude. Só encontraram... – começou a dizer, mas interrompeu-se, um nó na garganta. Era como se Connor despertasse todas as suas emoções. – Só encontraram destroços do avião e... parte dos seus corpos. Queria ter tido a chance de me despedir. Queria ter estado preparada.

– Nada nos prepara para o momento em que nossa vida se parte em pedaços – murmurou ele com voz rouca.

– Sabe, fiquei com um certo ressentimento. Não me interprete mal. Vi muitas coisas interessantes por ser filha de um casal de historiadores que viajavam muito. Mas acho que sempre queremos aquilo que não temos. Eu queria uma vida normal. Ir à escola com regularidade. Uma mãe que preparasse biscoitos para o almoço. Queria algo mais... tradicional.

– Estável e seguro?

– Sim.

– E sacrificou os seus sonhos para conseguir sobreviver?

– Acho que entende bem disso, não é, Connor? – perguntou ela, e sorriu, apoiada no seu peito, sentindo a quente presença do seu acompanhante.

– E você, Alex Grayson Madsen, o que gostaria de ter sido?

– Prepare-se – pediu ela, olhando para ele com uma careta. Quando Connor assentiu, ela continuou: – Queria estudar para ser *chef*.

Ambos riram e ficaram olhando um para o outro com doçura. Não era fácil para nenhum dos dois abrir a sua alma, pensou Connor. No entanto, tinham dado mais um passo naquela noite. Então, olhou para os apetitosos lábios de Alex e perguntou-se que gosto teriam se pudesse beijá-los naquele momento.

– Alex – murmurou.

Ela se apertou um pouco mais contra o seu peito e tremeu quando Connor aproximou a sua cabeça. A combinação de ambos cheirava a rosas e erva fresca. Tocando-a na barriga com a mão, beijou-a no lóbulo da orelha e ela aproximou a sua cabeça de forma instintiva, pedindo mais.

Connor sentiu que o seu coração acelerava. Nunca imaginou que tocar na sua esposa o assustasse tanto, ou que a presença de um bebê sob a sua mão fosse tão impressionante, sobretudo quando não era seu filho.

Ao mesmo tempo, sentia-se estranho e desejava-a. Connor moveu-se devagar, percorrendo a orelha dela com os seus lábios, sentindo a eletricidade entre eles. Alex o olhou e ele continuou a beijar o seu queixo. Agarrou-a pela cintura, num movimento íntimo e sensual.

Sentiu nela o medo e a ansiedade e reconheceu aqueles sentimentos que também o acompanhavam. Com cuidado, afastou o seu braço até que Alex se virou de frente para ele e a beijou como havia desejado fazer durante todo o dia.

Connor queria persuadi-la, mas não foi necessário porque os lábios dela o receberam com a mesma fome que ele sentia. Alex desejava-o, sem necessidade de ser convencida. Quase sem fôlego, abraçou-a com firmeza e passou os seus dedos sob a longa cabeleira para segurar a sua cabeça enquanto afundava a língua na sua boca.

Os coiotes uivavam no ritmo das batidas do coração de Connor enquanto ele apertava a esposa contra si, acariciando o seu ombro, a sua axila, o seu peito. Ambos os corpos estavam muito juntos, a barriga volumosa de Alex contra o fecho da calça dele, por isso ela percebeu o que o corpo de Connor estava lhe dizendo. Quando os seus lábios se afastaram, ele começou a percorrer o seu pescoço com a língua.

– Eu te desejo – afirmou Connor, sentindo a sua pulsação loucamente acelerada.

Alex gemeu e ele pôs os seus braços sob os joelhos dela, para levantá-la.

– Pare – pediu ela, sem respiração. Ele a beijou como resposta. – Pare, por favor.

Connor ficou gelado, ofegante.

– Não posso... – começou a dizer Alex.

– Não pode? – replicou ele com alguma tensão na voz. Era uma relação complicada, mas, naquele momento, Connor desejava ardentemente levá-la para o seu quarto e fazer amor com ela. Não devia se sentir tão atraído por ela, pois mal a conhecia e estava grávida de outro homem. Diabos, talvez ainda estivesse apaixonada pelo pai do seu bebê e ele só conseguia pensar em beijá-la.

Alex afastou-se, olhando para ele em pânico.

– É muito ce... quero dizer, está fora do acordo – disse.

– Ia dizer que é muito cedo – replicou ele. – Ou seja, você também deseja isso.

– É muito mais complicado do que parece.

– Você é a minha esposa.

Alex olhou para ele com surpresa, ao mesmo tempo que algo pareceu encaixar na sua mente ao ouvir o tom possessivo de Connor. Queria acreditar nele. Tanto que não tinha certeza se conseguiria ser objetiva. Queria que Connor a convidasse a ficar. No entanto, ele mesmo dissera que há muito tempo não saía com ninguém, por isso, era natural que agisse daquela forma, deixando-se levar pelo seu instinto. Mas o que aconteceria depois? E se mudasse de ideia e decidisse que não queria ter se casado com ela?

Havia muita coisa em jogo para deixar que aquela relação progredisse, se ia ser algo apenas temporário. Alex pensou que lhe seria insuportável partir depois de fazer amor com ele.

– Por favor – insistiu ela, dando um passo para trás.

– Está bem – respondeu ele, com um olhar frio.

– Olha, é uma situação difícil. Nós nos deixamos levar pelo momento, só isso.

– Claro. O momento – repetiu Connor, sentando-se na cadeira de balanço com uma expressão indecifrável.

– Não é certo, Connor. Não percebe? Fizemos um acordo...

– Sim, claro, o acordo. Conheço muito bem o acordo. A ideia foi minha, não se lembra?

– Está zangado.

Connor suspirou, passando as mãos pelo cabelo, e Alex perguntou-se como uma mulher podia resistir àqueles olhos que brilhavam como ouro e chocolate à luz da lua e àquele aspecto tão sexy.

– Estou frustrado. Ambos sabemos que fomos além da amizade. Não adianta negar, sabe que é verdade.

Alex abriu a boca mas tornou a fechá-la. Ele se levantou, movimentando-se como um puma forte e sinuoso à espreita da sua presa. Parou diante dela. Alto, forte, atraente. Quanto tempo conseguiria resistir aos encantos dele?, perguntou-se.

– Faz ideia de como está bonita sob a luz da lua? – sussurrou ele, levantando o queixo de Alex com suavidade. – Não consigo deixar de pensar em você desde que nos beijamos no dia do nosso casamento, mas já sabia disso, não é?

Oh, ele estava tentando seduzi-la. E o fazia muito bem, pensou Alex. Claro que ela sabia, pois também não conseguia deixar de pensar nele. Queria acreditar nele. Algo dentro dela queria se deixar levar.

Só que ela era uma mãe. E o seu bebê exigia que tivesse cuidado. Que agisse com segurança. Naquele momento, Alex tinha duas certezas cristalinas: estava apaixonada e Connor a desejava. Porém, não sabia se ele a amava, nem se queria que ficasse para sempre. Queria acreditar que sim, mas não podia afirmar. E não podia correr esse risco.

Calmamente, Alex levantou-se e afastou-se.

– Sei que me deseja. Mas só isso não é suficiente. Tenho um filho em quem pensar. Não posso complicar as coisas ainda mais indo para a cama com você – afirmou, e segurou em Connor pelo braço, pois não queria que ele fosse embora zangado. – Somos amigos, lembra? Ajudamos um ao outro. Cuidamos um do outro. É disso que preciso agora. E você também.

– Tem razão, claro. Nós nos deixamos levar pelo momento – respondeu ele, virando-se e indo embora.

SOLÍCITO. FOI como Connor se comportou com ela durante a última semana. Atento, amável, solícito. No entanto, já não a tratava mais com intimidade. E Alex sentia a sua falta, apesar de ter sido ela a pedir aquele afastamento. Teria magoado os seus sentimentos? Ou talvez a frieza do seu comportamento fosse justificada pelo orgulho masculino ferido, pensou ela.

Naquele dia, vestiu um jeans gasto e uma camiseta cor-de-rosa para ir ao rodeio.

– Está pronta, Alex?

Ela deu uma última olhada no espelho. Era a sua primeira aparição em público como esposa de Connor e todo mundo saberia que estava grávida. Claro que o bebê era de Connor.

De repente, Alex entendeu que ia ser um dia difícil também para ele. Provavelmente, fingiria que o filho era seu, o que o forçaria a se comportar como um feliz futuro papai. Ou admitiria que a criança era de outro homem? Lamentou que não tivessem conversado sobre aquela situação, mas a relação de ambos havia se tornado mais fria e reservada, dificultando o diálogo sincero e de coração aberto.

Não importava. Ambos teriam de saber fingir muito bem durante todo o dia, pensou Alex.

Connor a esperava impaciente na entrada. Estava mais bonito do que nunca, com um jeans justo e uma camisa branca com riscas azuis presa dentro da calça, acentuando a largura das suas costas. Tinha ainda botas e um chapéu preto. Era um verdadeiro cowboy, pensou ela.

– Trouxe um casaco para você. A brisa está um pouco fria hoje.

– Obrigada – murmurou ela, aceitando o que ele lhe oferecia. Pensou em pedir perdão, embora não soubesse muito bem pelo quê.

O caminho até o rodeio foi curto e silencioso.

– As pessoas vão notar, não se importa? – perguntou Alex enquanto Connor manobrava para uma vaga que havia encontrado.

– Não há escapatória, a menos que se tranque em casa até o Natal – replicou ele, sem desviar os olhos do espelho retrovisor.

A honestidade de Connor a magoou.

– O que estou dizendo é se você está pronto para responder às perguntas que vão lhe fazer.

– Você está?

– Não sei. Acho que para mim é mais fácil. O bebê é meu e você se casou comigo. Talvez falem sobre o casamento apressado, mas... vão felicitá-lo por ser o pai. Pode ser difícil para você fingir.

Se ela soubesse, pensou Connor. A verdade era que as perguntas apenas reforçariam a lembrança de que o bebê não era seu. Seriam como uma bofetada. E o machucariam tanto quanto a rejeição de Alex, na passada semana. Porque estava apaixonado por ela e não conseguia esquecer o fato de que aquele arranjo não era permanente. Pensou que a química entre eles seria suficiente para convencê-la a ficar. Mas enganou-se.

– Vou sobreviver.

– Então, eu também – acrescentou ela, esforçando-se para sorrir.

Connor saiu e deu a volta no carro para abrir a porta do lado de Alex, segurando-a pela mão e conduzindo-a para a entrada da arena.

Todos os olhos convergiram para eles e se fixaram na barriga de Alex. Connor segurou na sua mão com firmeza e, com um gesto de cabeça, cumprimentou os seus amigos e vizinhos.

– Quer se sentar? Vai se sentir menos exposta – sussurrou ele ao ouvido dela.

– Não parecerei uma boba se me sentar?

– Não, porque o rodeio vai começar daqui a pouco. Relaxe e aproveite.

Connor encontrou lugares para eles, enquanto os alto-falantes anunciavam a abertura do evento.

Era divertido, pensou Alex, rindo com o espetáculo dos palhaços que precedia o rodeio. Gostou das atrações preliminares, sobretudo a competição de ordenha de vacas.

– Quer comer ou beber alguma coisa? Eu trago para você – ofereceu-se Connor.

Alex olhou ao redor. A arquibancada estava lotada, com cabeças encimadas por chapéus de cowboy e mãos que seguravam garrafas de cervejas e os tradicionais sanduíches de carne.

– Alguma coisa fresca seria bom.

– Se quiser, pode vir comigo também.

Alex sentiu que precisava mesmo esticar as pernas, cansadas depois de tanto tempo encolhidas no assento, mas lembrou-se dos olhares dos vizinhos e pessoas da vila, e decidiu permanecer ali.

– Vou preferir esperar – respondeu, tentando sorrir.

Assim que ele saiu, Alex arrependeu-se. A presença dele ao seu lado era uma garantia de segurança e proteção. Ali, sentada sozinha enquanto os cowboys caíam um por um de seus cavalos na arena, voltou a ser o centro das atenções. Sabia que deviam estar calculando datas e comentando sobre o feliz evento.

Connor nunca era visto com mulher alguma nas redondezas e, de repente, casava-se e sua esposa estava grávida de vários meses.

Depois de algum tempo, sentiu que não conseguia aguentar mais, tinha de sair dali. Esperou mais alguns minutos e levantou-se para procurar Connor.

Logo o localizou, cada mão segurando um copo de refrigerante e uma garrafa de água. Estava conversando com um sorridente cowboy que tinha o cabelo suado e a calça suja de poeira. Ao se aproximar deles, ouviu a gargalhada daquele homem.

– O cavalo assustava. Só me mantive em cima dele quatro segundos.

– É mais do que o normal, se o que as mulheres daqui dizem é verdade – brincou Connor.

– Sim. Não foi ruim! – exclamou o homem, sem parar de rir.

Então, Alex parou. Não queria escutar a conversa, porém, não conseguia evitar ouvir a voz profunda e grave de Connor. Não queria ouvi-lo responder às perguntas que o seu amigo lhe faria em questão de segundos. Devia ter respondido milhares delas, naquela meia hora em que estavam separados, sobre a sua esposa grávida. Quantas vezes teve de fingir que o bebê era seu e que estava apaixonado pela sua mulher?

Não podia continuar com aquela farsa, decidiu Alex. O seu bebê não merecia uma mãe que mentia por dinheiro. Quanto mais tempo ficassem juntos, mais histórias teriam de inventar. Mentira sobre o seu casamento. Mentiu a si mesma dizendo que não havia problema algum naquela situação. E mentiu para Connor sobre os seus verdadeiros sentimentos. Não podia viver em um estado permanente de tensão.

Alex sentiu um doloroso aperto no peito e não conseguiu controlar as lágrimas. E chorou ali, no rodeio. De repente, começou a gargalhar histericamente. Parecia estar interpretando uma das músicas country que Connor ouvia no rádio.

Não podia voltar para o seu lugar naquele estado. As chaves do carro estavam com Connor, portanto, também não podia ir para casa. Caminhou para o estacionamento deserto até a picape, subiu na caçamba traseira e encolheu-se.

Abraçou os joelhos e tentou não chorar. Sem conseguir.

CAPÍTULO 13

ALEX NÃO estava no seu lugar. Devia ter se cansado de esperar, pensou Connor. Não podia ter ido longe... deu uma volta à sua procura, sem sucesso. Resolveu então dar uma olhadela no estacionamento.

O coração doeu quando a encontrou na parte de trás do utilitário, encolhida contra os joelhos.

– Alex?

Ela levantou a cabeça, com madeixas de cabelo coladas às suas faces. Connor viu que havia chorado. Em pensamento, maldisse o responsável por aquelas lágrimas. Não devia tê-la deixado sozinha tanto tempo. Só Deus sabia o que lhe teriam perguntado.

– O que aconteceu?

Alex endireitou-se e enxugou os olhos.

– Nada.

– Você nunca chora. Odeia isso – assinalou ele, recordando o que Alex havia dito na noite do seu primeiro jantar em casa, tentando aliviar a situação.

Quando se aproximou dela, parou ao ver a acusação pintada no seu rosto. Estava furiosa com ele?

– Querida?

– Não sou sua querida. Quero ir para casa agora, por favor. Minha cabeça está explodindo.

Connor tirou o chapéu e olhou para o chão, sentindo-se gelado.

– Desculpe-me por tê-la deixado sozinha tanto tempo. Encontrei um amigo e me distraí com a conversa e...

– Eu sei.

– Você me viu?

– Sim.

Alex leu a culpa no seu rosto. Ele evitou encará-la e corou um pouco. Tinha de ser muito cuidadosa. Não ouviu uma palavra da conversa mas, pela reação de Connor, soube que lhe tinham feito aquelas perguntas terríveis.

No fundo, estava triste porque não podia dizer a verdade a ele. Não tinha nada a ver com o fato de tê-la deixado sozinha por um tempo; simplesmente estava cansada de se sentir culpada. E porque sabia que os seus sentimentos não eram correspondidos, o que a fazia se sentir mais vulnerável do que nunca.

Tudo havia sido um erro terrível e precisava desfazê-lo, decidiu Alex.

– O que você ouviu? – perguntou ele, em voz baixa.

Ela o olhou valente nos olhos.

– Contou a ele o nosso segredo, não é? Pensei que ia ser uma coisa restrita a mim, você e sua avó.

Não achei que todo mundo ia ficar sabendo.

– Não disse nada. Juro. Não faria isso.

– É indiferente – afirmou ela. – Hoje descobri uma verdade. Para você, tanto faz como tanto fez.

Eu é quem serei julgada quando a notícia se espalhar. É humilhante, patético. Desesperada a ponto de vender a minha alma a um estranho! Você será o pobre Connor, de quem uma vigarista se aproveitou. Porque todos saberão, mais cedo ou mais tarde. E eu não posso viver mais tempo com esta mentira. Não posso fingir que é um casamento perfeito. Algum dia deixará escapar um comentário e contará tudo, mesmo que sem querer.

– Não contarei nada. Prometo. Pode confiar em mim.

– Está bem.

Connor olhou ao redor. As pessoas saíam da arena, pois o rodeio havia terminado. Se não queriam armar uma cena diante de metade da vila, era melhor irem embora naquele momento.

– Vamos terminar esta conversa em casa. Só nós dois. Suponho que não quer que alguém nos ouça.

Ignorando a mão que Connor lhe oferecia, Alex desceu da caçamba, caminhou até o lado do carona e sentou-se, recusando qualquer ajuda.

– Ainda não acabou, sabe? Tenho muito a dizer – avisou ela.

– Não tenho dúvida disso.

Connor saiu do estacionamento e ligou o rádio para quebrar o tenso silêncio. Alex manteve a atenção na estrada, forçando-se a não olhar para ele.

O acordo inicial previa um casamento temporário, em que cada um conseguiria aquilo de que precisava. No entanto, ela agiu de forma estúpida, à procura de algo que não existia. Um final feliz. Melhor se tivesse continuado sozinha.

A Connor, bastava uma certidão de casamento; a presença dela em Windover era dispensável, concluiu Alex. Porém, sentiu-se em casa e não questionou o plano de permanecer no rancho até que o bebê nascesse. Até aquele momento. Porque não havia pensado nisso antes?

Quando chegaram ao rancho, Alex abriu a porta de entrada e, sem esperar por ele, começou a subir as escadas.

– Alex, espere – rogou ele. – Está tudo bem?

– Sim.

– Não parece. Acho que devíamos conversar.

– Quer conversar? Tenha cuidado com o que quer, Connor, porque ainda estou muito zangada.

– Não é só você que está assim, garanto. Gostaria de saber exatamente quando foi que trai a sua confiança em mim.

Alex ignorou a questão, pois não saberia respondê-la. Deu meia-volta e começou a descer as escadas.

– Sabe, fizemos um acordo, mas não acho que preciso viver aqui. Vou procurar outro lugar e o ajudarei em tudo o que puder se me ajudar com a renda.

– Está de brincadeira? – inquiriu ele, com a boca aberta.

– Não. Será melhor do que continuar a fingir.

– Para onde iria? – perguntou ele, depois de um longo silêncio. Apavorou-se com a possibilidade de ela partir, imaginando como a casa ficaria vazia. – Não faz sentido. É ridículo... respire fundo e espere até seus hormônios se acalmarem, está bem?

– Hormônios? Vai culpá-los, agora? – repreendeu-o ela, indignada com tal insinuação. – Você não entende nada, Connor? – gritou e correu para a porta.

– Então é melhor que me explique. O que se passa? – quis saber Connor, agarrando-a pelo braço para impedir sua fuga.

Alex olhou para ele durante um longo instante. *O que se passa é que eu te amo, mas não sou correspondida*, pensou, mas ficou quieta. Respirou fundo e tentou recuperar a calma antes de falar.

– Não iria dar certo. Ambos sabíamos que este plano exigia demais de nós. Eu não consigo lidar com a tensão. Fingir não é o meu forte. Não gosto de mentir e não quero continuar a fazê-lo por mais seis meses.

Na verdade, Alex não gostava era de fingir que não o amava, quando o amava, desesperadamente. Mas não ia revelar aquilo a ele. Já havia se humilhado o suficiente.

Connor soltou o braço de Alex e afastou-se para o terraço. Já o rejeitara uma vez e acabara de dizer que queria partir. Era óbvio que Alex não o desejava e não seria justo pedir que ela ficasse se não era feliz ali. Mas também não podia aceitar a opção de viver sem ela. Precisava convencê-la de alguma forma de que podia confiar nele com todo o seu coração. Já havia perdido muitas pessoas que amava. Ela não poderia ser mais um nome na lista.

– Não se vá – sussurrou, sentindo a presença de Alex atrás dele.

– Preciso ir.

– Lamento – desculpou-se Connor, depois de se virar. – Devia ter conversado mais com você antes de irmos ao rodeio. Não tinha pensado nas perguntas que me fariam. Mas posso jurar, Alexis, que não disse nada sobre o nosso acordo.

– Eu me senti tão... envergonhada. Como se todo mundo estivesse me olhando e me julgando.

– Nunca – negou ele, segurando suas mãos. – Você é honrada, amável e boa.

– Alguém honrado não teria se casado por dinheiro – respondeu Alex, soltando-se.

– Alguém honrado também não teria convencido uma mulher a se casar com ele para conseguir ter direito à sua herança.

– Por isso é que tenho de partir, não percebe? Para ser honesta.

– Não quero que vá. Isto é honesto – assinalou ele, pensando que se lhe revelasse toda a verdade, Alex fugiria no mesmo instante.

– Por quê? Que diferença faz o lugar onde eu moro?

– Faz muita diferença.

Sem olhar para ela, Connor esforçou-se para procurar uma explicação razoável, pois pensou que se lhe confessasse o que sentia por ela Alex entraria em pânico e partiria da mesma forma.

– Quero que fique aqui. Quero saber que você e o bebê estão bem. Eu gosto da sua companhia. Habituei-me a ter alguém por perto.

– Vou embora de qualquer maneira. Qual será a diferença se for agora ou depois?

Connor virou-se para olhá-la. Achou-a muito contrariada e abatida.

– Está perturbada demais para tomar decisões importantes. Não posso deixar que se vá assim, Alex, sinto muito.

– É um ultimato? Virei uma prisioneira, agora? – perguntou ela, com uma expressão de surpresa.

– Por enquanto, sim. Alex, estou lhe pedindo que fique.

O que podia fazer?, perguntou-se ela. A razão mandava que partisse; a emoção faria arriscá-la a não ser correspondida.

Então olhou para ele nos olhos e pareceu ler o que diziam: *Não vá, fique aqui comigo.*

No fundo do seu coração, Alex sabia que havia alguma coisa entre eles. Não podia afirmar que era amor. No entanto, sabia que satisfaziam as necessidades um do outro.

– Está bem. Eu fico. Por enquanto.

AMBOS PARECIAM finalmente ter despertado para a fragilidade daquela relação, que podia ser destruída de forma bastante simples. Pelos dias seguintes, tiveram muito cuidado, não houve mais momentos íntimos, nem beijos, nem longos olhares durante o café da manhã. Eram apenas amigos, como haviam combinado no começo. Mais nada. Alex alternava momentos em que agradecia por estar no rancho e outros em que, furiosa consigo mesma, lamentava a falta de coragem para ir embora. Connor comportava-se de forma amistosa, brincava durante as refeições, perguntava se ela estava bem e fazia planos para o rancho.

No entanto, Alex sentia falta dos momentos de intimidade. Limitava-se a limpar a casa, aprimorar suas habilidades culinárias e colher os primeiros legumes na horta.

Na segunda terça-feira de julho o dia amanheceu muito quente. Alex levantou-se às 6h e vestiu um short, uma blusa leve e calçou sandálias. Olhou para a fotografia que tinha na sua mesa de cabeceira, a única que havia levado com ela. Era uma cena de família: sua mãe, seu pai e ela. Atrás da fotografia, havia dois recortes de jornal anexados: um artigo sobre os seus pais publicado em um periódico de Ottawa e um extenso obituário sobre eles, enumerando todos os seus méritos profissionais. Sempre pensou que ela havia sido menos importante para eles do que as suas carreiras.

Prendeu o cabelo num coque, deixando o pescoço nu para aliviar o calor. Depois cruzou as mãos sobre a barriga e jurou que o seu filho seria sempre o mais importante. Por alguns instantes, fantasiou sobre a imagem de Connor com o bebê nos braços... mas devia se concentrar em algo mais realista, na sua maternidade, por exemplo, e em certificar-se de que o seu filho sempre se sentisse amado e valorizado.

Connor já havia saído quando ela desceu, portanto, tomou o café da manhã sozinha, limpou a casa e foi para o jardim para colher alguns legumes.

Ao meio-dia, ele regressou trazendo a correspondência.

– Boas notícias? – perguntou Alex, enquanto acabava de pôr a mesa com um prato de sanduíches e uma travessa com salada.

– É do banco – respondeu Connor, abrindo um envelope. – Já me deram a herança.

Por um lado, Connor sentiu-se aliviado por poder pagar as dívidas, mas, por outro, inseguro sobre o que aconteceria entre ele e Alex. Ela se casou em troca de segurança, porém, a vida de um agricultor era imprevisível, dura e solitária. Não podia esperar que Alex quisesse vivê-la para sempre ao seu lado, embora ele desejasse muito. Na verdade, saber que ela o estaria esperando em casa quando regressasse fazia-o sentir-se mais vivo do que nunca.

Aquele sentimento de renovada esperança havia se distanciado de Connor depois da morte de seus pais. Agora, graças a Alex, estava revivendo a alegria de uma presença a recebê-lo em casa. E, desta vez, havia emoções extras. Recordou quando sentiu o bebê sob sua palma. Achou-se... diferente. Protetor. Forte. Humilde. Como seria ter um filho ou uma filha? Como seria ouvi-lo chorar e embalá-lo, vê-lo mamar à luz do amanhecer?

Desejou que aquela fosse a sua família. Sabia que, se Alex lhe desse oportunidade, seria um pai para o filho dela. Precisava convencê-la a ficar, ao menos o tempo suficiente para lhe provar que podia ser o que ela precisava e desejava.

– Fantástico! – replicou Alex. – Sente-se e coma. Vou buscar água.

Connor mordeu um sanduíche e continuou abrindo as cartas. Porém, ficou petrificado ao segurar um dos envelopes, derrubando a comida e chamando a atenção de Alex.

– Connor? O que houve? – perguntou ela, alarmada.

Ele a encarou com uma sensação nova no olhar: medo. Aquela carta não trazia boas notícias.

Connor abriu a carta, muito pálido. De repente, começou a rir, não com alegria, mas evidenciando traços de uma loucura extrema, arrancando sons nervosos e guturais do fundo da garganta. Era o fundo do poço.

– Connor. Está me assustando – murmurou ela, com a voz trêmula, olhando para ele.

– Acabou – afirmou ele, voltando ao normal. – Não há dinheiro no mundo que possa me ajudar.

– Do que está falando?

– Tenho de sacrificar o gado. É o fim de Windover.

CAPÍTULO 14

– OH, DEUS, não!

Alex afundou-se na sua cadeira. O rosto de Connor não mostrava nenhuma reação, como se alguém o tivesse desligado. Devia estar em estado de choque.

– Investigaram a procedência do animal infectado. Tem uma ligação direta com Windover. Deus! O gado todo!

Connor faria qualquer coisa por Windover, pensou Alex. Até casar-se com uma desconhecida grávida. Era sua responsabilidade, o único traço que o unia à sua família desaparecida.

Sem gado não havia Windover. Não era preciso ser rancheira para chegar àquela conclusão.

– Recomece. Compre novas cabeças de gado. Tente outra atividade. Mas não desista.

– Não desistir? Como diabos vou comprar novas cabeças? Sabe quanto tempo e dinheiro isso implicaria? – retrucou ele, acrescentando, quase para si: – Tentar outra atividade... tudo depende do destino. Não importa o quanto se esforce. Não importa.

– Não diga isso! – exclamou Alex e aproximou-se para segurar nas suas mãos. – Pelo menos sabe que fez tudo o que era possível. O que aconteceu foge do teu controle!

– Sim – confirmou Connor. – Tudo está fora do meu controle agora.

– Não entre em pânico. Pensaremos numa solução.

Alex levantou-se e, instintivamente, abriu o armário da cozinha para tirar a garrafa de tequila. Serviu a ele uma dose dupla.

Depois de um instante de dúvida, Connor rejeitou a bebida e olhou para Alex nos olhos. Ela não sabia o que estava acontecendo, efetivamente. Achava que ele estava inquieto por causa do gado, contudo, havia outra preocupação maior, disse para si.

Era ela que o preocupava. Sem o rancho e sem a sua herança, não teria nada para oferecer. Nas últimas semanas, outro assunto ocupou o pensamento de Connor, mais até do que Windover. Havia começado a fazer tudo por ela e pelo bebê, e, no fim, fracassou. Naquele momento, sentiu-se zangado com Alex, por ter feito com que a amasse para depois ter de perdê-la.

– Não tem ideia do que está dizendo – acusou Connor. – Você é da cidade. Não entende a vida do rancho. Não sabe o que significa para um homem como eu. Perguntou-me porque tinha de ficar

aqui. Bem, por nenhuma razão, Alex. Vá embora quando quiser – sentenciou e levantou-se para sair da cozinha.

– Pare. Se é o que quer, eu vou.

– Tenho de sair daqui – respondeu ele, abrindo a porta.

– Fique... por favor, Connor, nunca o vi assim. Não deve dirigir nesse estado... pode sofrer um acidente.

– E isso a preocupa, Alexis? – inquiriu ele, virando-se para encará-la.

Ela não disse nada e Connor saiu, montou no trator e conduziu o veículo para o lado Norte dos campos.

Não estava em condições de dirigir sequer uma bicicleta, pensou Alex, preocupada. Haviam lhe tirado tudo o que tinha. E ela se sentiu incapaz de ajudá-lo. Pelo menos, se a amasse, poderia ter aceitado algum tipo de consolo. Mas Connor quis apenas distância dela.

Sim, era uma jovem da cidade e não entendia sobre ranchos, pensou Alex. Mas sabia mais do que ele pensava. Sabia o que Windover significava para ele. Sabia que se sentia um fracasso e que nunca se perdoaria caso desistisse.

Alex oferecera sua ajuda e ele a rejeitara. Se Connor não conseguia ver o que tinha à sua frente, problema dele. Não ia se ajoelhar e suplicar. Devia ter ido embora no dia do rodeio, em vez de ficar e expor-se daquela forma.

Estava na hora de dar aquela farsa por encerrada, afinal. Não era a sua esposa, não era o que ele precisava, pensou Alex, e foi ao pátio recolher sua roupa estendida, para guardar na mochila. Connor tinha razão. Não havia nada que a retivesse ali por mais tempo.

Alex olhou para o Norte e viu que as nuvens, cada vez mais espessas e escuras, aproximavam-se ameaçadoras. Um relâmpago cortou o céu e, segundos depois, ouviu-se um trovão.

Imaginou que Connor voltaria para casa assim que a tempestade caísse.

Uma lufada de vento gelado arrancou uma toalha do varal. Alex apanhou depressa o resto da roupa e entrou em casa. Enquanto arrumava a cozinha, ouviu uma sinfonia de trovões. As portas do pátio bateram e ela assustou-se.

Arrumou a mochila em dez minutos. Guardou suas roupas, a fotografia e as suas lembranças do casamento. Sentia-se furiosa e ressentida. Connor havia agido igualzinho aos outros antes dele. Como se ela não tivesse nenhum valor.

Talvez não tivesse, mesmo, mas o seu filho teria, sem dúvida. Ficaria sozinha novamente... porém, mais forte e mais sensata.

Alex carregou sua bagagem para o andar de baixo e esperou. Meia hora depois, foi até o pátio, olhando ansiosa para o Norte. As nuvens estavam assustadoramente escuras. Connor já devia ter voltado, no entanto, não via rastro dele ao longe. O sol havia sumido e logo começaram a cair as primeiras gotas de chuva. Mais um relâmpago, e ela tremeu debaixo do som de um trovão. A tempestade rumava célere para Windover. Pôs a mão sobre a barriga, como se tentasse acalmar seu bebê, que dava cada vez mais pontapés.

– Calma, filho – sussurrou, sem deixar de olhar para o campo, desejando que Connor regressasse o quanto antes. – O papai já volta.

Quando disse aquilo, Alex compreendeu. Ryan era o pai biológico mas não era o *papai*. Connor, com as suas maneiras amáveis e a sua força silenciosa, devia herdar a paternidade daquele bebê. E ela queria que ele soubesse. De repente, a raiva foi substituída por compreensão. As palavras rudes dele foram motivadas por estresse, estava esgotado emocionalmente. Havia falado sem pensar. Ela o amava, e se ele achava que conseguiria se desfazer dela assim tão facilmente...

Então, Alex ficou com boquiaberta, horrorizada. Não podia ser... não! A tempestade converteu-se em um tornado que apontava para a terra, tocando-a gradativamente, cada vez com mais força e velocidade. Estava perto, muito perto. Gritou quando o granizo começou a bater nas janelas, apavorada ao pensar que Connor estava sumido.

O vento abraçou a casa e, seguindo os seus instintos, Alex desceu até à adega. Sentou-se no chão junto à geladeira, sozinha e no escuro, à espera de que a tempestade terminasse.

O pesadelo durou apenas dez minutos, mas, para ela, pareceu toda uma vida em que soube que amava Connor com toda a força de seu coração. O vento solidificou no seu interior a certeza de que precisava ficar com ele, com rancho ou não. Soube que nada no mundo era mais importante do que amá-lo, lutar por ele e criar seu filho ao lado de Connor.

O orgulho não era um bom conselheiro, disse para si, jurando confessar-lhe os seus sentimentos.

Quando os trovões começaram a emudecer, Alex subiu as escadas para ver como estava o cenário. A chuva era abundante e fria. Aturdida, vestiu uma jaqueta de Connor que estava pendurada junto à porta e saiu.

Cobriu a boca horrorizada ao ver os prejuízos causados pelo tornado. O álamo sob o qual haviam se casado fora arrancado do solo. Os estábulos também revelavam danos. Havia pedaços de telhado pelo chão e as cercas pareciam destruídas.

O vento soltou completamente o cabelo de Alex, que dançou no ar antes de cobrir seu rosto, molhado pela chuva. Seguiu andando, tomando a direção do Norte. A direção para a qual Connor tinha ido, e de onde o tornado viera.

Não prestou atenção nem à lama que enchia as suas sandálias e as suas pernas nuas, nem à chuva. Só conseguia pensar em Connor.

– Connor! – gritou, sem obter resposta, e continuou correndo para o Norte.

Corria e gritava sem ouvir nenhuma voz ou ruído de motor. Estava exausta. Continuou à procura nos campos, sem ver nada, nada, além de relva e lama.

Maldito! Justamente agora, quando ia revelar a ele o que sentia. O que ia fazer sem Connor?, perguntou-se enquanto as lágrimas banhavam seu rosto.

Então divisou um vulto verde à sua esquerda. Andou até lá, chorando, porém o trator estava vazio, com a chave na ignição.

– Desculpe-me – gemeu, apoiando a cabeça no trator. – Desculpe-me...

– Alex?

– Cale-se! – gritou Alex às nuvens, pensando que era a sua imaginação que falava.

– Oh, Alex, o que está fazendo aqui?

Ela levantou a cabeça e o viu se aproximar em passos mais que ligeiros. Tentou falar, mas não conseguiu. Em vez disso, chorou desconsoladamente, até que seu pranto se transformou em uma série de gemidos histéricos.

– Alex, querida. Olhe para você. Por que diabos está assim? – perguntou Connor, tocando-a no rosto.

– Porque me deu um susto de morte, imbecil! Porque quebrou a sua promessa!

Agora tomada de uma raiva amplificada pela adrenalina, esbofeteou-o com a mão direita.

– Oh, Connor. Sinto muito – desculpou-se Alex imediatamente, cobriu a boca e recomeçou a chorar.

– Calma, não se preocupe – disse ele para acalmá-la, enquanto a chuva escorria pelo seu rosto. – Que promessa?

– Você prometeu que não me magoaria. Na noite anterior ao casamento, não se lembra?

– E eu a magoei?

Alex olhou para os pés. Como podia ser tão cego? Estava coberta de lama até os joelhos e tinha as roupas encharcadas.

– Claro que sim! Olhe como estou! Pareço um zumbi! Vim procurá-lo para nada! Você aí, com essa cara!

– Que cara?

– Como se fosse um astro de cinema!

Por que não confessava logo seus sentimentos? Connor estava vivo e pronto para outra. E ela estava assustada.

– Alex?

– O quê? – perguntou ela e olhou para ele através da chuva.

– Tenho a capacidade de te magoar? – inquiriu ele.

– Isso importa?

– Muito.

– Por quê?

– Porque te amo.

Então envolveu-a com os braços, sem ligar para a lama, e beijou-a. Pareciam o casal protagonista de todas as histórias de amor nunca escritas. A chuva caía sobre eles, abraçados.

– Estava tão assustada! – gritou ela, beijando-o na face. – Vi o tornado e você estava aqui fora...

– Tentei voltar, mas ele chegou muito rápido. Saí do trator para me refugiar. Só conseguia pensar em você e no bebê...

– Não devia ter saído...

– Nunca devia ter dito aquelas coisas...

Beijaram-se e o bebê deu alguns pontapés entre eles, levando-os a rir.

– Diga de novo.

– Quer mesmo que o faça? – perguntou ele, olhando para ela nos olhos.

– Sim. Preciso ouvir outra vez para saber que é real.

– Eu te amo, Alexis MacKenzie Madsen.

– Eu também te amo, Connor. Pensei que você nunca me amaria – afirmou ela, chorando novamente.

– Como podia não amar você? – perguntou Connor, apertando-a contra ele. – Está gelada. Temos de nos abrigar da chuva.

Alex montou ao lado dele no trator, abraçada à sua cintura.

– O que mais pode acontecer? – protestou Connor, praguejando quando tentou ligar o trator, sem conseguir pô-lo em movimento. Ajudou-a a descer, pois teriam de caminhar. – Em que estava pensando ao sair com esta chuva? Vai ficar doente.

– Estava pensando que ia perdê-lo – admitiu ela, apertando a sua mão.

– Quando disse para ir embora, não estava falando sério. Sentia-me frustrado.

– Eu sei.

– Enquanto me escondia da chuva, jurei a mim mesmo que, se conseguisse escapar, tinha de pedir perdão a você. Menti sobre os meus sentimentos.

– Não vai me deixar?

– Nunca. Estou cansado de fingir, Alex. Acho que a amo desde o primeiro momento.

– Está louco. Não existe amor à primeira vista, seu bobo.

– Estou muito são – garantiu ele, aproximando-se dela. – Quando abriu os olhos e me viu ali, alguma coisa aconteceu dentro de mim.

– Arrumei a mochila depois que você saiu – começou a dizer Alex e, diante do olhar de protesto e alarme de Connor, suavizou: – Mas vou adorar desfazê-la e esquecer tudo.

– Então você também me ama? – quis saber ele, engolindo em seco.

– Soube que o amava na noite anterior ao nosso casamento. Quando me fez as suas promessas. Soube que estava apaixonada por você, mas não achava que seria correspondida.

– Eu gostaria de fazer promessas outra vez, votos verdadeiros.

– Outro casamento?

– Não. As promessas que quis fazer a você, mas não me atrevi. Agora, quero que seja da maneira certa.

Durante alguns instantes, Connor envolveu-a com os seus braços e olharam um para o outro, enquanto a chuva diminuía e um sol ainda tímido se espremia por entre as nuvens, acima deles.

Já próximos de casa, Alex recordou os danos causados pelo tornado nos estábulos.

– Connor, sobre o tornado...

– O que aconteceu?

– Um armazém e as cercas desapareceram. E o álamo. E os estábulos também ficaram despedaçados – informou Alex, pensando que quanto mais cedo ele soubesse das avarias, melhor.

– Não importa, não terei mais gado para guardar, de qualquer modo.

– Lamento, Connor. Queria poder fazer alguma coisa.

– Está fazendo.

Naquele momento, Alex sentiu-se mais perto dele do que nunca. E soube que no futuro formariam um bom time.

– Superaremos os problemas – garantiu ela. – De uma forma ou de outra.

– Então, você fica? – perguntou ele, os olhos nos dela. – Mesmo que eu não tenha nada? Acho que não entende o que significa ter de sacrificar o gado. É o fim de Windover.

Ela se virou para olhá-lo, decidida, pondo um braço à volta da sua cintura.

– Como é o fim? Tem uma terra vasta, uma casa linda, e o melhor de tudo: sua força. Se não há mais gado, pensaremos em outra solução.

- Nunca imaginei – comentou Connor.
- O quê?
- Que você é a mulher de um rancheiro.
- Nem eu – admitiu ela, sorrindo feliz.

Chegaram em casa. Era o primeiro lar que Alex alguma vez tivera. O lar de ambos. Uma casa capaz de sobreviver às tragédias e continuar de pé.

- Sempre quis ter um lugar ao qual pertencer.
- Esta casa foi construída para ser habitada por famílias, não por homens solteiros. Fique comigo.

Vamos nos amar e constituir uma família.

- Pensei que nunca fosse me pedir – respondeu ela, beijando-o e apertando-se contra ele.

Connor abriu a porta, pôs Alex no colo e entraram.

- Se eu estivesse sozinho, talvez me rendesse, admito. Mas por você... pelo nosso futuro... terei a força para reconstruir Windover. Porque você está comigo – murmurou Connor.

- Temos muito tempo para recomeçar – afirmou Alex, engolindo as lágrimas e beijando-o novamente.

EPÍLOGO

Um ano depois

— V_{AI, FALA}. Fala pa-pá.

Maren Johanna Madsen olhou para cima com os seus dois dentes.

– Pa-pá, pa-pá.

– Muito bem. Um sinal de grande inteligência.

Alex beijou a cabeça morena da sua filha e Connor recostou-se na sua cadeira, enquanto Johanna aparecia com um enorme bolo de chocolate.

– Vai, Maren, diz *vó-vó*.

– Pa-pá, pa-pá – balbuciou Maren.

– Onde está a menina mais linda? – perguntou Johanna, sorrindo, e parou para fazer cócegas na neta, depois de deixar o bolo sobre a mesa e parti-lo.

Um ano havia se passado deste que o tornado causou estragos na propriedade. E muita coisa estava diferente. Mike, o amigo de Connor, começou a dedicar-se à criação de cavalos e, para isso, alugou uma parte de Windover. Connor juntou-se ao negócio, tornando-se seu sócio. Maren nasceu e Alex demonstrou suas habilidades para gerir um escritório... todos os documentos da Cavalos Circle M eram da sua responsabilidade.

– Chegaram hoje – assinalou Alex, pegando uns papéis da secretária. – É só uma formalidade.

– O que são?

– Os documentos de adoção de Maren.

O seu doce bebê era, finalmente, de forma oficial o que sempre foi nos seus corações: a filha de Connor.

Ao ver o olhar de ambos, Johanna compreendeu que era um momento cheio de emoção e de amor e decidiu deixá-los sozinhos.

– Portanto, agora é nossa filha – disse Connor, levantando-se, sem deixar de olhar para os olhos da sua amada esposa.

- Sempre foi. Tal qual o próximo.
- O quê?
- Eu queria que fosse um menino desta vez. Mas será bem-vindo de todo jeito.
- Seria bom ter um de cada... podemos tentar todas as vezes necessárias até conseguirmos.
- Como agora...
- Está grávida?
- Sim. Só que desta vez sinto-me forte e saudável.

Connor levantou Maren, com o rosto todo lambuzado de banana, da sua cadeirinha, e abraçou ela e Alex.

- E desta vez não haverá acordos. Desta vez estão exatamente onde devem estar. Comigo.

A485u

Alward, Donna
União de corações [recurso eletrônico] / Donna Alward; tradução Simão Dias. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Harlequin, 2015.
recurso digital: il.

Tradução de: Hired by the cowboy
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-398-2047-4 (recurso eletrônico)

1. Romance canadense 2. Livros eletrônicos. I. Dias, Simão. II. Título.

15-24717 CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM HARLEQUIN BOOKS S.A.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: Hired by the Cowboy
Copyright © 2007 by Donna Alward
Originalmente publicado em 2007 por Mills & Boon Romance

Arte-final de capa:
Isabelle Paiva

Produção do arquivo ePub: Ranna Studio

Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171, 4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Contato:
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

Capa

Texto de capa

Rosto

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Epílogo

Créditos